



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA**  
**SOCIAL - EICOS**  
**LINHA DE PESQUISA 1 - ECOLOGIA SOCIAL, COMUNIDADES E**  
**SUSTENTABILIDADE**

**Margareth Alves Pontes**

**NARRATIVAS, ESCUTA SENSÍVEL, LUGARES ( E NÃO LUGARES) DA**  
**ESPIRITUALIDADE NOS CUIDADOS DA VIDA PSICOSSOCIOLOGIA DOS**  
**AFETOS E PRODUÇÃO DE SABER ANCESTRAL PELAS MÃOS DAS**  
**REZADEIRAS DE MOCAMBO DO ARARI - AM**

**TESE DE DOUTORADO**

**Rio de Janeiro/RJ**

**2023**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ Centro de Filosofia e Ciências Humanas -  
CFCH Instituto de Psicologia - IP Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de  
Comunidades e Ecologia Social – EICOS  
Linha de Pesquisa 1: Ecologia Social, Comunidades e Sustentabilidade

**NARRATIVAS, ESCUTA SENSÍVEL, LUGARES (E NÃO LUGARES) DA  
ESPIRITUALIDADE NOS CUIDADOS DA VIDA: Psicossociologia dos afetos e  
produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari -  
AM**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia (EICOS/IP/UFRJ) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Doutoranda: Margareth Alves Pontes

Orientadora: Samira Lima da Costa.

## FICHA DE CATALOGAÇÃO

### CIP - Catalogação na Publicação

A327n ALVES PONTES, MARGARETH  
NARRATIVAS, ESCUTA SENSÍVEL, LUGARES ( E NÃO LUGARES) DA ESPIRITUALIDADE NOS CUIDADOS DA VIDA PSICOSSOCIOLOGIA DOS AFETOS E PRODUÇÃO DE SABER ANCESTRAL PELAS MÃOS DAS REZADEIRAS DE MOCAMBO DO ARARI - AM / MARGARETH ALVES PONTES. -- Rio de Janeiro, 2023.  
113 f.

Orientador: Samira Lima da Costa.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2023.

1. Rezadeiras. 2. Espiritualidade. 3. Psicossociologia. 4. Encantados . 5. Comunidade. I. Lima da Costa, Samira, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Aprovada em:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Samira Lima da Costa – Orientadora – UFRJ

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare – Coorientador – UFAM

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Pâmela Cristina Bianchi – UNIFESP

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Patrícia Silva Dorneles – UFRJ

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Emílio Nolasco de Carvalho – UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Akemi Takeiti – UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Nereida Lúcia Palko dos Santos – UFRJ

## LISTA DE SIGLAS

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Amazonas - AM

Rio de Janeiro - RJ

Estados Unidos da América - EUA

Minha Vida Dá um Livro - MVDL

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - ECO 92

Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - IBGE

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD

Quilômetros - Km

Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis - LabMEMS

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social Instituto de Psicologia - EICOS

Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP

Doença do Coronavírus - COVID - 19

Unidade de Pronto Atendimento - UPA

Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para smartphones - WhatsApp

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto Aérea da Região do Distrito Mocambo do Arari - AM

Figura 2 - Mapa da Amazônia Legal sem Sedes - 2022

Figura 3 - Foto da Dona Nadir

Figura 4 - Foto da Lúcia

Figura 5 - Foto da Telma

Figura 6 - Foto da Silvana

Figura 7 - Foto das rezadeiras com Alair (morador local e dono da hospedaria)

## RESUMO

**PONTES, Margareth Alves. Narrativas, escuta sensível, lugares (e não lugares) da espiritualidade nos cuidados da vida: Psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari - AM. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia – UFRJ. Rio de Janeiro, 2023.**

Rezadeiras são mulheres que rezam as pessoas para cuidar dos males do corpo e da alma, por meio de rezas, banhos de ervas, chás, emplastos, garrafadas com ervas e cascas de árvores, assim como também banha, pelos e ossos de alguns animais, a partir da mediação do plano espiritual. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as narrativas de memórias das mulheres rezadeiras da Agrovila de São João Batista do Mocambo do Arari – AM que se relacionam com as ervas, mata, animais, encantados e com a própria comunidade. Dentro da perspectiva teórico metodológica da psicossociologia e da pesquisa qualitativa, foi utilizado o método de narrativas temáticas e de história de vida, a partir da metodologia MVDL - "Minha Vida Dá um Livro". O estilo de redação narrativo e literal foi escolhido para valorizar a fala das rezadeiras da pesquisa, falas estas que foram destacadas com grifo, em itálico e entre aspas, produzindo um texto mais fluido, para não limitar o público-leitor. A coleta dos dados foi realizada por meio de narrativas, inicialmente estabelecidas por visitas exploratórias. Das narrativas foram criadas cinco categorias: matas, ervas, águas, encantados e comunidades que posteriormente foram relacionadas com as referências bibliográficas estudadas. A escolha da comunidade levou em conta alguns fatores como encontrar rezadeiras tradicionais, relevância para a pesquisa, segurança da pesquisadora e diversidade geográfica. Participaram desta pesquisa quatro mulheres rezadeiras, residentes na Agrovila São João Batista do Mocambo do Arari, maiores de idade e com ou sem vínculo a alguma religião. Entre os resultados, identificamos a forte relação entre as rezadeiras e os elementos da espiritualidade, e o forte propósito de ajudar outras pessoas. As rezadeiras apontaram como ganho secundário da pesquisa o fato de terem se organizado em torno do fortalecimento das atividades das rezadeiras, da valorização epistêmica dos seus conhecimentos, do reconhecimento comunitário sobre a importância das rezadeiras como sujeitos que perpetuam os saberes ancestrais das comunidades do Distrito Mocambo do Arari, além de contribuir para futuras pesquisas.

Palavras-chave: rezadeira, espiritualidade, psicossociologia, encantados, comunidade.

## ABSTRACT

PONTES, Margareth Alves. Narratives, sensitive listening, places (and non-places) of spirituality in the care of life through the hands of the rezadeiras women of Mocambo do Arari - AM. Psychosociology of affections and production of ancestral knowledge. Thesis (Doctorate in Community Psychosociology and Social Ecology). Institute of Psychology – UFRJ. Rio de Janeiro, 2023.

Rezadeiras (Female healers) are women who pray for people to care for body and soul illnesses, through prayers, plant baths, teas, plasters, bottles of herbs and tree strips, as well as baths, animal skins and some bones. This study has the objective to identify Rezadeiras from São João Batista do Mocambo do Arari Agro-village – AM, who are related to herbs, forest, animals, prayers and its own community. Within the theoretic methodology scope of psychosociology and qualitative research, where the thematic narrative and life story method was applied. The style of narrative writing and historical was chosen to add value to the Rezadeiras narratives in the research, these accounts which were highlighted in italic, within inverted commas, produce a much flowing text, to limit the public reader. Data gathering was done by means of narratives, initially established on exploratory visitation. From the narratives, five categories were created: forest, herbs, water, prayers, and communities who afterward were related with reference to the studied literature. The choice of the community considered some factors, as where to find the traditional Resadeiras (healers), relevant for the study, safety for the researcher and geographic diversity. The women who participated on this study were Rezadeiras (traditional healers), residing in São João Batista do Mocambo do Arari Agro-village, adults and religious attendants and non- religious attendants. All participants signed a Free and Clarified Consent Registration – FCCR. The study was accepted by the Brazil Platform under acceptance nr: 5.661.801, CAAE: 611233322.6.000.5582. Concerning the benefit of the study, we can think of the strengthening of activities carried out by the Rezadeiras, on epistemological value of their knowledge, of community acknowledgement about the importance of Rezadariras as subjects who spread the community ancestral knowledge of the Mocambo do Arari District, beyond the contribution to future studies.

KEY-WORDS: rezadeiras, spirituality, psychosociology, enchantment, community.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA E IMPLICAÇÕES COM A PESQUISA .....	12
2. TRAÇADOS INICIAIS - OBJETIVOS DO ESTUDO E O CAMPO TEÓRICO PARA O CULTIVO DA TESE.....	15
2.1. OBJETIVOS.....	15
2.2. O CAMPO TEÓRICO DA PESQUISA.....	15
3. CAMINHOS E PEGADAS EM EXPERIMENTOS METODOLÓGICOS .....	20
3.1. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA .....	22
4. CONHECENDO O DISTRITO MOCAMBO DO ARARI - AM .....	23
5. CAMINHOS E PEGADAS EM ENCONTROS TEÓRICOS.....	25
5.1. ECO ESPIRITUALIDADE, ECOLOGIA DE SI, ALIANÇAS AFETIVAS, E AS TEORIAS DO CUIDADO MÚTUO.....	26
5.2. TEORIA DE GAIA E A INSUSTENTABILIDADE DO ANTROPOCENO .....	29
5.3. AMAZÔNIA E A INSUSTENTABILIDADE.....	35
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	45
7. MULHERES AMAZÔNIDAS NAS VOZES DELAS MESMAS: ÁGUAS, MATAS E REZAS NA CURA DE GAIA.....	46
7.1. ENCONTROS COMUNITÁRIOS .....	73
7.2. DEMANDA RESOLUTIVA - O MUSEU VIVO DA REZA .....	76
8. REFLEXÕES E ANÁLISES - EU E AS REZADEIRAS EM DIÁLOGO COM OS AUTORES E AUTORAS .....	77
8.1. MEDICINA DA MATA .....	77
9. ESPÍRITOS DA FLORESTA, ENCANTADOS, ESPÍRITO SANTO - VEÍCULOS DE CONHECIMENTO E CURA.....	79
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	80
11. REFERÊNCIAS .....	83
12. ANEXOS.....	97
12.1. PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP .....	97
12.2. REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RCLE .....	100

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres rezadeiras que resistiram ao longo dos tempos e continuam resistindo bravamente ao preconceito, doando solidariedade e compaixão através de seus cuidados.

Dedico também ao povo brasileiro que apesar de todas as dificuldades sociopolíticas, segue em frente, apostando na esperança e fazendo política nas micro-redes, fazendo florestas nos quintais, produzindo cuidado com rezas e preparos caseiros, produzindo vida com vida. Agradeço a esse povo guerreiro, e principalmente às mulheres que sustentam as racionalidades de cuidado pela via da sutileza, por todo o seu investimento através dos tempos, para que pessoas como eu possam estudar e pesquisar em universidades públicas. Honro esse povo, honro e homenageio essas mulheres. Entre elas, minha linhagem matrilinear: minha mãe, minhas tias, minhas avós e minhas vizinhas - mulheres de reza, obreiras da produção de cuidado e vida.

## **AGRADECIMENTO**

Tenho que agradecer a muitas pessoas, algumas próximas e outras que nem sei quem são, mas que de alguma forma me ajudaram, nas ruas, no ônibus, enfim, muita gente.

A primeira pessoa a quem devo toda minha gratidão é a minha orientadora e amiga que com seu jeito simples e despretensioso, acreditou em mim e me acompanhou durante todo o processo do doutorado.

Ao Nei, meu companheiro querido que sempre me ajuda a ser melhor e que sempre esteve presente.

Ao meu amigo Mena Barreto Segadilha França ( in memoriam) por me ensinar a importância de ser pelo coletivo.

As mulheres rezadeiras do Mocambo do Arari por participarem da pesquisa.

Ao Alair, morador de Mocambo do Arari, por me receber gentilmente em sua hospedaria e ser sempre solícito. E também a toda comunidade Mocambense.

Aos meus animais, companheiros de vida que sempre com alegria, me acolheram.

Ao Nélio, meu mais novo amigo, por compartilhar as dificuldades e alegrias durante o período do doutorado.

Ao povo brasileiro pela oportunidade de estudar.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce da intenção de estudar a relação que as mulheres rezadeiras amazônicas têm com a mata, com as plantas, com os animais, com os seres encantados da floresta amazônica e com a comunidade onde vivem, a fim de compreender como os saberes transmitidos por estes seres interferem em suas ações.

O termo "Rezadeiras" é usado para mulheres que tratam as pessoas que as procuram para resolver males do corpo e da alma, por meio de rezas, banhos de ervas, chás, emplastos, garrafadas com ervas e cascas de árvores, assim como também banha, pelos e ossos de alguns animais para tratar de "espinhela caída", "quebranto", "desmentiduras", "olho gordo", "peito aberto", feridas, animais, objetos e locais de sua comunidade.

O desejo de estudar as mulheres rezadeiras amazônicas tem motivos pessoais e acadêmicos. A motivação pessoal surgiu com minha experiência de vida, por ter nascido em uma família de rezadeiras e ser criada numa comunidade com algumas rezadeiras. Desde bebê fui rezada por essas mulheres, em uma comunidade periférica da cidade de Niterói, município onde nasci, e trago este costume até os dias atuais. A cidade de Manaus, onde vivo há mais de vinte anos, me acolheu de muitas formas, e uma delas foi pela ampla gama de pessoas que se dedicam a práticas espirituais diretamente ligadas a elementos da natureza, reacendendo em mim a pergunta sobre como as rezadeiras obtêm tantos saberes.

Recentemente tive a imensa oportunidade de ser aprovada no doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde fui incentivada por minha orientadora a escrever do jeito que gosto, com meu estilo solto, como falo, porque acredito que desta forma menos rebuscada, facilitará o acesso à leitura pelas pessoas com dificuldade para ler.

No mestrado tive a experiência de ser avaliada de forma dura com relação à escrita, o que me fez decidir querer escrever no doutorado, de forma acadêmica, porém mais fácil de ler. E foi desta forma que escrevi e venho desenvolvendo esse estudo com mulheres rezadeiras, e com elas busco compreender como estabelecem comunicação com os seres e os espíritos da floresta, através dos quais obtêm seus conhecimentos para depois transmiti-los às pessoas por meio de suas rezas, banhos, defumação e medicamentos naturais.

Na tentativa de facilitar a compreensão sobre o universo das rezadeiras amazônicas, me apóio no referencial teórico sobre a espiritualidade ecológica que, segundo Rosa (2016), é caracterizada pelas relações entre todos os seres vivos e os demais elementos da natureza, onde tudo e todos estão relacionados e vivem na mesma casa que é o planeta terra. Dialogo

também com os estudos de Simas; Rufino (2020), que auxiliam a compreender o significado dos termos "encantados" e "encantamento", no contexto espiritual.

No primeiro capítulo, abordaremos o caminho teórico percorrido para abordarmos aspectos da espiritualidade ecológica, antropoceno, teoria de Gaia e os seres não humanos.

No segundo capítulo, falaremos sobre psicossociologia na América Latina e Mocambo do Arari - AM. E no terceiro capítulo, apresentaremos as rezadeiras e suas histórias de vida.

## **1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA E IMPLICAÇÕES COM A PESQUISA**

Sou uma mulher branca, cabelo loiro, gorda e a caçula de duas filhas. Nascida e criada na favela do Morro do Barreirinha, no Caramujo, em Niterói – RJ. Atualmente sou casada e moro em Manaus.

Minha história com as rezadeiras começa muito cedo, ainda na primeira infância, quando usava na blusa um alfinete com uma figa de guiné, contra “ mau olhado” que, segundo minha mãe, ao fim do dia estava rachada, fazendo com que ela colocasse uma nova figa.

Me recordo que tudo que achava interessante e/ou diferente, resolvia provar e isto incluía folhas, flores, cheiro de bichos e doces das oferendas à São Cosme e Damião. Tudo isto, fazia minha mãe recorrer a dona Mariana, rezadeira e moradora antiga de perto de casa. Quase toda semana ela vinha me rezar - por engasgos, soluços que não passavam e manchas roxas pelo corpo. Era uma senhora que parecia com as bruxas das histórias que minha mãe contava. Magrinha, toda enrugada, de fala rouca e sempre descabelada, mas o que mais me chamava atenção, eram os seus seios bicudos, que se destacavam no corpo envelhecido e magro. Só fui compreender seu formato, anos depois - ela usava um sutiã de espuma. E assim, dona Mariana esteve presente durante toda minha infância. Minha mãe também rezava - e ainda reza. Mas para me livrar das coisas ruins, sempre recorria a dona Mariana.

As rezadeiras continuam presentes em minha vida. Gosto de receber seus cuidados, banhos, talismãs, rezas, chás, garrafadas e a sensação de proteção que me conforta e resgata a minha menina.

Em Manaus trabalho como terapeuta ocupacional em serviços de saúde, na área da reabilitação. Em meu mestrado dialoguei com os conhecimentos populares de rezas e preparos para cuidar dos quadros de diabetes<sup>1</sup>. Esses conhecimentos circulam entre os usuários dos

---

<sup>1</sup> PONTES, M. A. Entre os saberes técnicos e os saberes populares em saúde: realidade cultural de portadores de pé diabético e as perspectivas da terapia ocupacional na educação em saúde de uma unidade básica de saúde de Manaus/AM. Dissertação de Mestrado da Universidad Americana, Paraguai - Assunção, 2013.

serviços de saúde, mas não ganham espaço nas conversas com os profissionais de saúde. Quanto mais observo os usuários e o trânsito que fazem entre saberes populares e técnicos, mais me identifico com a fluidez de suas soluções. Muitas vezes, em situações enfrentadas nos serviços de saúde onde atuo, recorro mentalmente as rezas para me auxiliar. Desta forma, a reza sempre esteve presente em vários cenários de minha vida.

A curiosidade com relação ao tema sempre me acompanhou, em especial pelo reconhecimento de que pessoas sem percurso acadêmico eram detentoras de grandes conhecimentos relacionados a processos de cuidado e cura. Em meu mestrado, investiguei como esses saberes populares davam conta de criar uma forte zona de cuidado em torno de experiências de diabetes, entre comunidades manauaras. Defendi esse mestrado em 2013, carregando comigo o interesse em aprofundar um pouco mais sobre essas sabedorias de cura. O estudo com rezadeiras foi, aos poucos, ganhando forma e relevância, na medida em que identifiquei, em minhas memórias, muitas cenas nas quais as situações e relações foram marcadas por processos de cuidado mediados por um campo sutil, identificado como presença da espiritualidade. Descrevo três experiências de acompanhamento de usuários.

**Cena 1:** Fátima era uma usuária que eu atendia na unidade mista de saúde de Santa Isabel do Rio Negro, município do interior do Amazonas, e estava sendo tratada por uma rezadeira, pois apresentava uma “vermelha”, nome dado à erisipela, doença causada por uma bactéria. Durante o atendimento da rezadeira, fui orientada a apenas permanecer presente e atenta. Senti que deveria segurar os pés de Fátima. Ao segurá-los, estavam tão gelados que tentei esquentá-los com minhas mãos. Ao final da reza, Fátima relata o quanto gostou de ter seus pés aquecidos e me perguntou como que eu sabia que ela queria que seus pés fossem aquecidos. Me fiz a mesma pergunta; percebi que apenas estive atenta e presente (Diário remissivo. Cena do ano 2002, lembrado e escrito em 2021).

**Cena 2:** Durante três meses atendi Ana, usuária de uma clínica de saúde mental com diagnóstico de esquizofrenia crônica, não falava havia vinte anos. Não demonstrava o que sentia, era dependente nas atividades cotidianas, não realizava nenhuma atividade, não interagia; apenas caminhava. Nos atendimentos iniciais, Ana não interagia, parecia não estar presente. Me mantive atenta ao seu não dito. A partir de um reconhecimento meu daquilo que ela estaria pensando, ou daquilo que ela falava, abrindo meu repertório de atenção às sutilezas, passei a falar por mim e por ela, respondendo às perguntas que eu mesma fazia. Percebi que isso atraiu sua atenção e ela passou a se comunicar a partir do olhar, demonstrando sutilmente sua aprovação ou reprovação com relação ao que eu dizia. No fim de três meses meus atendimentos foram interrompidos pela clínica. Ao me despedir de Ana, ela verbalizou pela

primeira vez em vinte anos: “o que vai ser de mim, agora?” (Diário remissivo. Cena do ano 1998, rememorando e escrito em 2021).

**Cena 3:** Esta ocorreu na residência do José, um paciente com atraso cognitivo que foi picado por cobra venenosa e estava havia dois dias com hemorragia e sangramento oral. A equipe de saúde não conseguia removê-lo para a cidade, pois sua avó não permitia. Fui até a sua casa; lá encontrei sua avó, uma indígena que preparava um chá com ervas da floresta e que não queria que José fosse atendido na cidade, pois sentia que ele poderia morrer caso visse mulher menstruada ou grávida. Solicitei da sua avó acompanhá-lo e assim fiz diariamente por uma semana. Me mantive aberta à possibilidade de ser cuidada por ela também. Eu era rezada todos os dias quando chegava para visitá-los e passei a perceber que na hora da feitura do chá do José, sua avó evocava espíritos da floresta e neste momento, entrava um vento forte em sua casa. José foi tratado por sua avó em casa, e em duas semanas estava curado. Não interferi em nada, apenas acompanhei seu tratamento (Diário remissivo. Cena do ano 2002, rememorando e escrito em 2021).

Os relatos acima dialogam com as dinâmicas e contextos comunitários, tematizando encontros entre a produção de conhecimento acadêmico e a produção de conhecimento comunitário na solução de problemas psicossociais contemporâneos, e sistematizam formas de conhecimentos tradicionais referentes ao cuidado. Os casos aqui apresentados adotam como ponto de confluência o campo da psicologia comunitária e as práticas de produção do cuidado em saberes tradicionais.

Diferentemente das formas de cuidado do modelo hegemônico biomédico que conhecemos, as formas de cuidado aqui citadas são saberes que, na prática, configuram formas de cuidar baseadas na cosmovisão de povos originários, rezadeiras, quilombolas e outros, dentro do campo sensível da espiritualidade (NESPOLI et al. 2020).

Apresento os trechos de relatos acima a partir do recurso do Diário Remissivo, pelo qual visito memórias buscando compreender as sutilezas que atravessam os encontros terapêuticos. Visito essas memórias agora, com a perspectiva da eco espiritualidade e da ecologia de Si, nas quais a integração com a natureza é origem de cura. Os relatos visam refletir acerca das contribuições do campo da espiritualidade ecológica e da Ecologia de Si para pensar processos de cuidado sensíveis às sutilezas do encontro entre aquele que cuida e aquele que busca o cuidado, sob mediação de presenças transcendentais. Foram essas experiências que me levaram a buscar conhecer melhor as mulheres que fazem da reza e da mata elementos de cuidado e cura.

## **2. TRAÇADOS INICIAIS - OBJETIVOS DO ESTUDO E O CAMPO TEÓRICO PARA O CULTIVO DA TESE**

### **2.1. OBJETIVOS**

O principal objetivo desta pesquisa foi identificar, junto com as mulheres rezadeiras do Mocambo do Arari, em Parintins (AM), como narram suas trajetórias na relação com a reza.

Para tanto, me proponho a coletar relatos e histórias de vida dessas mulheres rezadeiras, buscando conhecer como iniciaram o interesse pelas plantas, animais e encantados; identificar como ocorre a comunicação das mulheres rezadeiras com a espiritualidade, a coleta e o preparo dos materiais que serão utilizados para os tratamentos e seu papel na comunidade.

O interesse do estudo é trazer compreensões sobre as experiências de mulheres da Amazônia que rezam, cuidam, curam e fazem conexões com os encantados da floresta.

### **2.2. O CAMPO TEÓRICO DA PESQUISA**

O estudo se desenvolve no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, junto à Linha de Pesquisa 1: Ecologia Social, Comunidades e Sustentabilidade. Portanto, o campo teórico no qual a tese se desenvolve é o da Psicossociologia, em especial em suas interfaces com a Psicologia Comunitária e a Ecologia Social.

#### **a) A psicologia comunitária**

Em 1963, nos Estados Unidos da América - EUA foi criada a abordagem comunitária, como proposta de reintegração dos doentes mentais, originando a Lei dos Centros de Saúde Mental Comunitários que originou um novo modelo de intervenção na comunidade, no qual a ideia era que a intervenção deveria ser a mais breve possível e no local onde surgiam os problemas. Os resultados positivos desta nova forma de intervir nas crises frente à ineficácia dos tratamentos oferecidos pelos hospitais psiquiátricos, fez com que as autoridades acreditassem que os doentes mentais poderiam ser tratados nas próprias comunidades em que viviam e os autores. E curiosamente, Dohrenwend; Dohrenwend (1969); Strole et al. (1962); Leighton et al. (1963) em suas pesquisas demonstraram que uma relação inversa entre o status social e as perturbações psicológicas, onde as pessoas de baixa renda apresentam mais problemas emocionais graves por estarem inseridos em ambientes sociais desorganizados.



Nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, num período em que a sociedade em geral passava por transformações relacionadas aos problemas sociais e de saúde pública, onde as metodologias até então utilizadas na resolução dos problemas sociais tornaram-se inadequadas Ornelas (1997), principalmente as relacionadas aos movimentos sociais comunitários de saúde pública, nos quais os tratamentos de saúde mental eram inadequados e sem resolutividade (ÁLVARO; GARRIDO, 2006; BENNET et al., 1966).

Em 1965 durante a conferência de Swampscott - Boston, surge o termo psicologia comunitária que é vista como uma área da psicologia social que estuda a atividade do psiquismo decorrente da vida na comunidade e que tem como objetivo o desenvolver no indivíduo uma identidade comunitária consciente de seu modo de vida e do local onde vive. O termo psicologia comunitária recaiu sobre os psicólogos no movimento da saúde mental comunitária que inspirada na psiquiatria preventiva passou a considerar que as intervenções psicológicas deveriam ser realizadas na comunidade, devido ao fato desta ser tanto a causa como solução para os problemas de saúde mental das pessoas que nela vivem (GONÇALVES; PORTUGAL, 2016). Buscando compreender as necessidades das comunidades e o seu próprio engajamento, o psicólogo comunitário realizava a leitura do universo comunitário (significações e relações interna e externa de seus moradores). Seu foco central era a construção do indivíduo enquanto sujeito responsável por seus atos, criado do dia a dia da comunidade e de suas condições sócio-históricas (GÓIS, 1994).

#### **b) Psicologia Comunitária na América Latina**

Devido à fragilidade da psicologia Latino-Americana, era preciso criar uma nova psicologia na qual os psicólogos pudessem trabalhar na comunidade (DIAS, 2020). Adeptos da Teologia da Libertação, movimento religioso da igreja católica contra a opressão dos mais pobres, a psicologia comunitária propõe que a função do psicólogo seja de desalienar pessoas e os grupos, auxiliando no desenvolvimento de um saber crítico sobre si e sua realidade social para não reproduzirem a tão esperada dominação social (MARTÍN-BARÓ, 1985; PIZZI; GONÇALVES, 2015).

De acordo com Montero (2000) o surgimento da psicologia comunitária ocorreu devido a uma visão crítica acerca dos problemas sociais e a insatisfação com o modelo da psicologia social que não atendia às problemáticas por meio de ações efetivas.

Na América Latina, a psicologia comunitária nasce da diversidade com relação à psicologia social que agia predominantemente com o individualismo, praticando o cuidado

fragmentado, sem responder às necessidades sociais concretas que era o subdesenvolvimento da América Latina e suas consequências no comportamento de indivíduos e grupos (MONTERO, 2004).

Podemos dizer que o surgimento e desenvolvimento da psicologia comunitária na América Latina ocorreu durante os anos 1960 e 1970, num contexto de crise econômica e política que desencadeou tanto no Brasil como na América Latina lutas populares, onde o autoritarismo político presente, era respaldado pela intervenção contra-insurgente dos Estados Unidos na América Latina. A relação entre a psicologia comunitária e a realidade política e econômica era considerada como subversiva e marginal, opondo-se à opressão e à injustiça e influenciando os modos de agir e pensar das pessoas (LANE, 1996).

Alguns autores foram fundamentais para a criação da psicologia comunitária na América Latina e no Brasil como Maritza Montero, Ignacio Martín Baró, Maria Inácia D'ávila Neto, Fals Borda, Paulo Freire, Sílvia Lane, Leonardo Boff, dentre outros (ARENDRT, 1997).

Martin-Baró foi um dos mais importantes pensadores da psicologia latino-americana, criador da psicologia da libertação, além de ser ativista a favor dos direitos dos povos oprimidos (COSTA, 2015). Ratifica que a psicologia Latino-Americana serviu ao modelo capitalista para moldar as mentes e os comportamentos através de modelos dominantes que se baseavam no positivismo, no individualismo e no hedonismo.

Percebendo que a psicologia social não estava preparada para atuar num contexto de pobreza, opressão, desigualdades e exploração do povo latino-americano, Martin-Baró criou a psicologia da libertação com o intuito de que os psicólogos se comprometessem com a libertação dos povos latino-americanos, libertação das estruturas sociais opressoras, seguida da libertação pessoal (MARTÍN-BARÓ, 2009).

Montero (1984) refere que a psicologia comunitária trabalha com os aspectos psicossociais a fim de proporcionar aos indivíduos controle sobre seu ambiente pessoal e social, promovendo a resolução de seus problemas comunitários. Neste contexto, ela segue o caminho teórico de Martín Baró e conceitua libertação como:

[...] la emancipación de aquellos grupos sociales que sufren opresión y carencia, de aquellas mayorías populares (populares en el sentido poblacional, demográfico) marginadas de los medios y modos para satisfacer dignamente las necesidades tanto básicas como complementarias, y para desarrollar sus potencialidades, para autodeterminarse. También abarca esa liberación, la emancipación de los grupos opresores, respecto de su propia alienación y dependencia de las ideas socialmente negativas (MONTERO, 1998, p. 1124).

Esta autora foi fortemente influenciada pela teologia da libertação, mas afirma que a educação popular de Paulo Freire, no Brasil, e a sociologia militante, de Orlando Fals Borda,

na Colômbia foram as responsáveis pela concepção libertadora que ela tanto valoriza e enfatiza, dizendo que o sujeito é capaz de transformar-se a si mesmo e a sua realidade coletiva.

### c) **Psicologia Comunitária no Brasil**

No Brasil, na década de 1960, a psicologia comunitária surge no Brasil na década de 1960, período em que o país vivia a ditadura militar em concomitância, com diversos movimentos sociopolíticos. Neves; Bernardes (2008) citam que nesta época, também ocorreram mudanças na metodologia da psicologia social para o estudo da subjetividade e dinâmica dos grupos comunitários. Diante deste cenário, psicólogos docentes, formadores de opiniões passaram a questionar suas atuações e suas atividades de conscientização e organização junto às comunidades, favorecendo o surgimento da psicologia comunitária (LANE, 1996). Esta mesma autora, Lane (2007) acrescenta que nesta época aconteceram reivindicações e questionamentos sobre a ausência da atuação do psicólogo nas comunidades, o que ocasionou na criação de espaços de atuação para o psicólogo nestes ambientes. Durante o período da ditadura, surge a educação popular de Paulo Freire que junto com diversos profissionais, inclusive psicólogos desenvolvem um programa de alfabetização de adultos como forma de conscientizá-los.

A psicologia comunitária objetiva promover mudanças de contextos, mediante a participação das pessoas, onde o psicólogo comunitário tem como função compreender como o ambiente interfere no comportamento, sentimentos, linguagem e representações sociais do grupo e utiliza temas estratégicos para detectar quais são as demandas dos comunitários e por meio de conversas poder constatar qual a melhor forma de intervenção (MONTERO, 2006; CAMPOS, 2007). Para Guareschi (2007) as intervenções estimulam a autonomia do grupo para resolver de forma adequada os problemas sociais da comunidade, que de acordo com Lane; Sawaia (1995) esta ação estimula os comunitários a terem mais consciência crítica dos problemas sociais inerentes a comunidade, potencializando-os a buscar recursos para melhorias na qualidade de vida.

De acordo com Arendt (1997); Lane (2007) a função do psicólogo comunitário é compreender como o ambiente interfere no comportamento, sentimentos, linguagem e representações sociais do grupo. E Guareschi (2007) complementa que as relações interpessoais criam os grupos, os quais se modificam com a participação de novos integrantes e com mudanças sociais.

Na tentativa de deselitizar a profissão, levando-a para as comunidades a fim de oferecer melhorias na qualidade das condições básicas de vida como saúde, educação, moradia e saneamento básico das pessoas de baixa renda, o psicólogo comunitário passou a ser um facilitador que junto com o grupo comunitário, identificava quais eram as demandas da comunidade e os caminhos para solucioná-las. Atuava e estimulava os grupos comunitários para que seus integrantes pudessem ser mais conscientes da realidade social que vivem, tornando-se sujeitos ativos no enfrentamento da resolução dos problemas sociais da comunidade, ou seja, saindo do individual para o coletivo, ou seja, transformando o indivíduo em sujeito.

A psicologia comunitária utiliza-se de algumas metodologias participativas, como a caminhada comunitária, a visita domiciliar, o círculo de cultura, pesquisa-ação, análise institucional, história de vida, pesquisa participante, oficinas de grupo e pesquisa-intervenção (VIEIRA-SILVA, 2015; XIMENES et al., 2017).

Nesta linha de reflexão destacamos que só terão validade se conseguir construir nas pessoas conhecimentos e envolvimento necessários para que possam ter autogestão direcionada ao desenvolvimento de estratégias para a resolução dos problemas coletivos.

### 3. CAMINHOS E PEGADAS EM EXPERIMENTOS METODOLÓGICOS

O recurso metodológico está centrado em experiências de inspiração etnográfica Machado (2019) e narrativas livres e temáticas, dentro do método Minha Vida Dá um Livro - MVDL (TAKEITI et al., 2021). O uso das narrativas de vida pretende, além de interpelar a narradora a se apresentar, também facilitar processos nos quais, entre outras experiências, possa reconstituir sua história, se apropriando dela e mesmo produzindo uma nova história (COSTA; CARVALHO, 2012).

O Método MVDL produz dois materiais: a narrativa, na forma e estilo produzido pelo encontro entre narradora e ouvinte, e o diário de notas intensivas, no qual a dimensão afetiva do encontro ganha relevo, na relação com as notas descritivas. Opto aqui pelo método MVDL por ter como recurso principal a escuta sensível, transformando os mecanismos de registro (como gravações e anotações) em ferramentas secundárias à memória dos próprios encontros narrativos. As impressões produzidas durante o encontro contribuem com o estilo da escrita, tanto da narrativa quanto do diário de notas intensivas, gerado pela ouvinte.

Nesse método, as narrativas são sempre produzidas no encontro entre a ouvinte e a narradora, mediadas pela experiência sensível do estar junto: narrar-com, ouvir o dito e o não dito, olhar nos olhos, sentir gestos e cheiros, complexamente complementares e contraditórios. As narrativas podem ser registradas simultaneamente ou não, desde que sempre tomem o encontro como eixo, e não o registro em si. Interessa aqui a forma como a narradora, ao narrar, produz a narrativa também para si, ao mesmo tempo em que, no encontro, se imprime na memória da ouvinte, entre marcas, nuances e edições - memória da memória. O que se verifica da memória são os rastros - produzidos de forma ao mesmo tempo flexível, volátil e indelével - das experiências memoráveis da narradora no plano de afetos da ouvinte.

O Diário de notas intensivas recolhe pistas e rastros sensíveis daquilo que se manifestou e se produziu, de forma sutil, ao longo do encontro - são afetações às vezes inomináveis, por isso nomeadas de escuta sensível: uma escuta com todo o corpo, e um verdadeiro desafio para a escrita. Este recurso desloca a ouvinte do ambiente já conhecido e confortável de "pesquisadora entrevistadora", passeando pela pedagogia da incerteza Japiassu (1981) em direção à construção de palavras insuficientes, claudicantes, tateantes na busca de textos que falem por linhas e entrelinhas, por meio das letras e por meio dos espaços entre elas.

Tratar das narrativas de vida é também tratar da apropriação que cada sujeito faz de sua história pessoal e coletiva e de suas possibilidades de enunciação dela. Enquanto método, o recorte deverá estar vinculado à demanda que é feita e/ou à circunscrição produzida na pesquisa. Assim, o interesse da investigação foi aos poucos se voltando para uma dimensão da vida das narradoras, como, por exemplo, a narrativa das curas pelos elementos da floresta.

Opto por um estilo de redação narrativo e literal na tentativa de sustentar, na escrita, as vozes das erveiras da pesquisa - vozes estas que destaco utilizando suas próprias palavras em itálico, negrito e entre aspas, produzindo um texto mais fluido, na esperança de não limitar o público-leitor mais acostumado às abordagens tradicionais da escrita científica (CRESWELL, 2010). Durante as narrativas, a prática da escuta foi igualmente fluida, de forma que as mulheres ficaram à vontade para falar. Ao longo de cada narrativa, pouco a pouco e suavemente, numa conversa interessada, fui convidando-as a trazerem para a conversa temas, cenas, lugares e pessoas que remetem a lembranças remotas, relacionadas com os processos de cuidado e cura.

Tendo vivido em uma família de rezadeiras desde minha infância no estado do Rio de Janeiro e sendo moradora de Manaus, no estado do Amazonas, há mais de vinte anos, não foi difícil identificar o campo da pesquisa. As mulheres que rezam e curam tomando como elementos das práticas de cuidado os elementos da mata amazônica - tanto as folhas quanto os encantados - estão em toda parte do estado, certamente. Mas a existência de um grupo auto-organizado na comunidade de Mocambo do Arari, em Parintins, mudou meu olhar e conquistou meu interesse e atenção.

As rezadeiras que participaram desta pesquisa são mulheres amazônidas, maiores de idade, participantes de diferentes tradições religiosas.

Para o cultivo, sementeira e colheita de dados, inicialmente foram estabelecidas visitas preliminares para identificar as rezadeiras e iniciar uma aproximação. Posteriormente conversei com elas, em grupos e individualmente, sobre minha pesquisa e perguntei sobre o interesse em participarem. Embora tenha sido oferecido o anonimato e sigilo das informações das participantes, todas preferiram a visibilidade de seus nomes, imagens e falas. A partir daí, os encontros foram feitos de acordo com a disponibilidade das mulheres e as narrativas giraram em torno de suas memórias.

As narrativas ocorreram em diferentes contextos: na cozinha, tomando um café; em rodas de encontro das mulheres; durante caminhadas na mata; em cerimônias religiosas;

durante atividades de mutirão da comunidade. Os registros foram feitos por meio de diário de campo, fotografias e filmagens autorizadas. A complementação do arsenal metodológico auxiliou a redação dos resultados da pesquisa, permitindo em certa medida apresentar a realidade destas rezadeiras, contendo principalmente as visões das mesmas, além das da pesquisadora (CRESWELL, 2010).

### 3.1. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Tomando como referência a metodologia escolhida (MVDL), entendo que a ética da pesquisa é a ética do encontro. A forma como as comunicações se estabeleceram ao longo dos encontros se pautaram sempre na afirmação da ética e do respeito entre narradoras e ouvintes, entre universidade e comunidade, entre saberes acadêmicos e populares, entre esferas visíveis e invisíveis da vida.

A conduta ética proposta pelas narradoras foi a do agendamento prévio, do respeito às narrativas e do compromisso com suas demandas resolutivas. Esse caminho foi rigorosamente trilhado, lado a lado em cada etapa do estudo. Tanto o processo de agendamento e produção de narrativas, quanto o tema das demandas resolutivas estão descritos no capítulo dos resultados.

A conduta ética proposta pela universidade foi o caminho da autorização mediante submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ, por meio da Plataforma Brasil<sup>2</sup>. O projeto foi submetido e aprovado sob número CAAE 61123322.6.0000.5582 de forma que a participação na pesquisa, a divulgação de seus nomes e suas fotografias foram formalmente aprovadas mediante assinatura do termo de concordância. Os procedimentos éticos foram realizados antes da etapa de incursão de campo, com base na Resolução no 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qual determina que todas as pesquisas que envolvem o contato com seres humanos devem ser apreciadas previamente por um comitê de ética.

---

<sup>2</sup> Plataforma Brasil (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP do Conselho Nacional de Saúde). Disponível em: Acesso em: 23 de setembro de 2022.

#### 4. CONHECENDO O DISTRITO MOCAMBO DO ARARI - AM

O Distrito Mocambo do Arari tem algumas lacunas na história, onde não foram encontrados documentos oficiais sobre sua origem e nem sobre seus primeiros habitantes. Desta forma, por considerar importante seu histórico fui ao município de Parintins – AM que é sua sede, à procura de documentos oficiais na prefeitura municipal e na Diocese da igreja católica que foi a fundadora da agrovila antes dela se tornar distrito, mesmo assim nada foi encontrado. O que me fez crer que nos registros oficiais do Distrito do Mocambo do Arari não tem documentação formal de sua origem, restando apenas registros das memórias da comunidade local. As informações obtidas foram por meio de levantamento bibliográfico, narrativas dos sujeitos da pesquisa e do site da Prefeitura Municipal de Parintins - AM (Figura 1).

Figura 1 - Foto Aérea da Região do Distrito do Mocambo do Arari - AM



Fonte: Prefeitura Municipal de Parintins - AM.

Do levantamento bibliográfico foram encontradas duas pesquisas, onde as autoras Gomes (2017); Silva (2009) conseguiram coletar informações com os moradores mais antigos e mais idosos sobre a história do Distrito e tiveram acesso a dois livros, escritos por dois autores que também eram moradores locais. Um dos livros é “Uma cidade em plena selva: história do Mocambo”, escrito em 2003 por José Mário Caldeira Monteiro (falecido) e o outro é “Mocambo do Arari: minha origem, meu legado” de Filadelfo Pereira, escrito em 2012.

Quando iniciei minha pesquisa de campo em setembro de 2022, os idosos que conheci já não tinham condições de narrar com lucidez, a história da criação do Distrito, porque encontravam-se doentes e/ou com a idade já bem avançada. Também não consegui ter acesso



aos livros citados acima, pois um dos autores já havia falecido e ninguém tinha seu livro, nem mesmo seus familiares e o outro livro foi uma edição do próprio autor que não conseguiu encontrar nenhum exemplar, me restando somente a coleta de narrativas sobre a origem do distrito com os descendentes dos moradores locais e com as obras de (GOMES, 2017; SILVA, 2009).

Conforme Gomes (2017), os poucos registros da região foram realizados pela igreja católica na década de 1960 e cita que a fundação da Congregação Mariana no Mocambo do Arari foi em 17 de abril de 1964.

Na região amazônica era frequente que a igreja católica criasse núcleos comunitários para concentrar as comunidades que antes eram dispersas pela região, para melhor atender suas necessidades, dando início a criação da Agrovila de São João Batista do Mocambo do Arari.

Conforme Gomes (2017) o prelado de Parintins, hoje vinculado à Diocese da igreja católica, comprou a Ilha de São José e doou um lote de terra para a Congregação Mariana mudar a sua sede para lá, fato que ocorreu em 24 de junho de 1970 quando a Congregação Mariana mudou de denominação, passando a ser Comunidade de São João Batista do Mocambo do Arari com apenas 24 famílias. E Eleutério (2015) refere que em meados da década 70, devido a uma grande enchente que inundou as áreas de várzeas, fez com que as comunidades de São Pedro do Borracho, Santo Antônio do Canudo e Nossa Senhora de Lourdes do Paraná do Arari, migrassem para o Lago de Mocambo. Esta autora Eleutério (2015) ainda cita que outro fator que contribuiu para este processo migratório foi a erosão dos barrancos que é um evento que ocorre no rio Amazonas devido a sua forte correnteza e ao tráfego diário e intenso das embarcações que ocasionam o desmoronamento do solo e conseqüentemente das casas.

Em 06 de novembro de 1978, a comunidade de São João Batista do Mocambo do Arari foi elevada a Agrovila de São João Batista do Mocambo do Arari e de acordo com Silva (2009), em 1979 iniciou sua urbanização com água encanada, loteamento da área e criação de uma escola.

Segundo Eleutério (2015), em 23 de outubro de 1985, o Distrito Mocambo do Arari foi instituído pela Lei Estadual nº 1707, com uma área de 7.069 Km<sup>2</sup>, localizado 3 km de distância à margem esquerda do rio Amazonas, situado no município de Parintins a aproximadamente 200 km em linha reta por via fluvial. Seu acesso é por via fluvial, em embarcações motorizadas com saídas diárias às 09:00hs da escadaria localizada em frente ao prédio dos Correios em Parintins.

De acordo com Nonato (2019) o Distrito Mocambo do Arari é composto por quinze comunidades, Agrovila de São João Batista do Mocambo do Arari (sede), Comunidade de

Nossa Senhora de Lourdes, São Tomé, Santo Antônio, São Pedro, Remanso, Monte Sinai, Anjo da Guarda, Arquinho, Costa do Arco, Borrvalho, Guaribas, Saracura e Ilha das Onças.

De acordo com Salles (2013) mocambos eram locais de esconderijos de negros fugitivos, localizavam-se estrategicamente distantes das margens dos rios, geralmente em locais de difícil acesso para proporcionar maior segurança, como igapós e alagados no interior da floresta. Os autores Gomes (2017) e Alonso (2014) supõem que devido ao fato do Distrito Mocambo do Arari possuir uma geografia de difícil acesso, ter a nomeação mocacambo e ter vários achados arqueológicos (pedaços de cerâmicas) encontrados em seu território, pode ter sido habitada no passado por indígenas e negros escravos fugidos de Parintins no século XIX. A economia de Mocambo do Arari gira em torno da agricultura, da pesca e da pecuária, funcionalismo público, comércio e programas de assistência social do governo federal.

O Distrito Mocambo do Arari tem uma grande riqueza cultural que são as danças, dos cordões de pássaros Pavão e Jaçanã, quadrilhas, Festival Folclórico dos bois bumbás Espalha Emoção e Touro Branco, bem como o Festival do Beiju, Festival de Verão, além da festa de Nossa Senhora de Lourdes, do Divino Espírito Santo, de São João Batista e a produção artesanal de panelas e de utensílios de cozinha feitos de barro pelas mulheres ceramistas tradicionais da comunidade São Tomé, próximo a agrovila.

Por serem artesanais e confeccionadas de forma tradicional utilizando apenas elementos orgânicos, as panelas de cerâmica, além de belíssimas, têm agregado em sua composição, a casca de uma árvore nativa da região amazônica chamada de Caraipé da família das *Chrysobalanaceas*, gênero *Licania* que passou a substituir o Cauixi que é um tipo de esponja de água doce encontrada nas raízes das árvores, à beira de alguns rios, utilizada para evitar trincas nas cerâmicas.

## **5. CAMINHOS E PEGADAS EM ENCONTROS TEÓRICOS**

A compreensão acerca das experiências e dos conhecimentos de mulheres que rezam e curam nas matas amazônicas me levava a buscar bases referenciais que pudessem acolher o campo sensível que as faz confluir práticas de cultivo e uso de folhas, feitura de xaropes e múltiplas rezas, em ritos personalizados para cada situação que se apresenta, e em profunda relação de respeito com o céu, os rios, o vento, a mata e os encantados.

Essa busca me levou ao encontro com teorias como a eco-espiritualidade, a Ecologia de Si, a Teoria do Cuidado, a Teoria de Gaia e os estudos sobre sustentabilidade planetária.

## 5.1. ECO ESPIRITUALIDADE, ECOLOGIA DE SI, ALIANÇAS AFETIVAS, E AS TEORIAS DO CUIDADO MÚTUO

A eco espiritualidade trata da integralidade dos sujeitos e o seu lugar no cosmos. É um tipo de espiritualidade que respeita e nos ensina a respeitar a vida, nos fazendo ser a terra que sente, pensa, ama e celebra. É uma espiritualidade que respeita e nos ensina a respeitar a vida. Uma consciência que vem do coração, que se origina na própria pessoa, que integra o sujeito com a natureza (RECH, 2011). Onde a vida se mantém pela união, conexão e integração de todos os seres. Integração esta, abordada pela forma de respeito pela vida, conhecida por nossos ancestrais e utilizada nas práticas de cuidado com o outro (FOR, 2019). Para Moraes (1996) o ser humano, os demais seres e a Terra formam um único e imenso organismo que pensa, sente, respira, adocece e morre. E Rosa (2016) enfatiza nossa inter-relação e interdependência de tudo e todos, determinando que o ser humano é a própria terra.

A ancestralidade da comunidade reflete em nossas vidas e em nossos conhecimentos, fazendo repercutir uma dimensão daquilo que vivemos e aprendemos no decorrer da vida. A comunidade da vida que nos ensina o respeito, a tolerância e a paz. E, acima de tudo, algo que busca acentuar o desafio de enxergar e não obscurecer a visão.

Existem muitas maneiras de se falar da vida e do cuidado dela. Em determinadas situações, a melhor é não falar de maneira direta, mas de suas sutilezas. Coisas que dão forma à vida. A prática das culturas tradicionais populares como as rezadeiras e curandeiras fortalecem estas relações de cuidados. E temas como espiritualidade e cuidado abordados aqui têm relação direta com as noções freirianas presentes no conceito de amorosidade, demonstrando que o conhecimento científico se cruza com outros saberes. Freire (2004) ainda sinaliza sobre a importância dos saberes tradicionais na construção dos conhecimentos chamados científicos, porque estes coexistem e atuam em diversas modulações entre si, formando poli matizes de saberes e fazeres. Por meio deste campo que se abriu, fui capaz de ver com nitidez um campo sutil que dialogava no silêncio, respondia por pequenas matizes de expressões, gestos e sensações fazendo com que meu corpo-terapeuta fosse acionado pelo campo da eco espiritualidade. Identificando o diálogo direto com a manifestação dos encantados. Para Simas; Rufino (2020), os encantados são seres que passaram pelo tempo e adquiriram outras formas para permanecerem vivos. E Ferretti (2008), ratifica que eles viveram na terra e sem morrer desapareceram ou que nunca tiveram corpos físicos, não são considerados seres que morreram. São invisíveis para a maioria das pessoas, apenas pessoas com percepção extrassensorial ou mediúnicas conseguem enxergá-los, vivem nas encantarias, lugar este, entre

a terra e o céu. Se comunicam com os humanos por sonhos, em locais isolados da natureza, em rituais mediúnicos, em vigílias e quando são chamados. Normalmente protegem os humanos, mas também podem castigá-los.

A Ecologia de Si surge da perspectiva ecológica, de um viver do ser mais integrado com a natureza, na epistemologia do cuidado do ser, em sua inter relação complexa com o Si mesmo, a partir da experiência humana que se revela como um caminho emergente da consciência de si vivendo em presença, num caminho de autoconhecimento e autotransformação da condição humana para o não viver em uma deriva de isolamento que promove o adoecimento e sim numa epistemologia do cuidado para a integração de um viver mais próximo da natureza, que para Leal; Galeffi (2019) poderemos vivenciar infinitas experiências de como devemos cuidar da nossa casa e de nós mesmos, a fim de equilibrarmos a vida (LEAL, 2021).

As práticas ecológicas fortalecem as relações de cuidado das tradições de cultura popular como caminho que busca as origens de cura e autocura do ser em um viver mais integrado com a natureza, desafiando o ser humano a buscar o autoconhecimento e o cuidado para o despertar do ser para a sua natureza. Leal; Galeffi (2019) Uma consciência que não é apenas saber intelectual, mas saber do coração, sabedoria que nasce de dentro. Conscientizar-se de que somos parte do planeta, do universo, uns dos outros e que todos os seres vivos formamos a grande comunidade de vida (RECH, 2011).

A integração com a natureza é a origem da cura. A prática das culturas tradicionais populares como as rezadeiras e curandeiras fortalecem estas relações de cuidados. E Leal; Galeffi (2019); Rech (2011) nos chamam para a urgência que o ser humano seja sensibilizado a despertar para compreender o funcionamento de sua própria natureza, para assim, compreender sua interdependência dos demais seres existentes no planeta. Este processo de tomada de consciência não deve ser apenas um saber intelectual, mas um saber que surge dos sentidos, da autopercepção e do autoconhecimento. Conscientizar-se de que somos parte do planeta, do universo, uns dos outros e que todos os seres vivos formamos a grande comunidade de vida, e que através de uma visão ecológica que surge como um instrumento facilitador da integração entre todos os seres, possamos através de nossas vivências e experiências termos autocompaixão e compaixão por todos os demais seres (LEAL; GALEFFI, 2019).

#### a) Espiritualidade Ecológica

Quando penso em espiritualidade ecológica, penso na comunicação entre diferentes seres. O que remete aos meus sentimentos, pensamentos e minhas vivências pessoais.

Existe uma diversidade enorme de conceitos para espiritualidade. Irei aqui compartilhar a minha visão acerca da espiritualidade, para depois dialogar com outros conceitos. Entendo espiritualidade como algo interno e ao mesmo tempo maior do que qualquer sujeito - se manifesta como uma forte intuição, que em algumas pessoas já está desperta, enquanto em outras, acredito que precisa ser estimulada para emergir.

Comparo minhas vivências de comunicação ao processo fisiológico do corpo humano, ou seja, algo que acontece automaticamente, independente de nossa vontade, mas necessário para a manutenção da vida. Assim como ocorre em nosso próprio corpo, que muitas vezes não percebemos o que ocorre, também podemos não perceber o que os seres não humanos nos falam. Sendo necessário estarmos serenos, empáticos e atentos para que a comunicação aconteça.

Às vezes, tenho a sensação de que é como uma relação de amizade que está sendo construída, necessitando de empatia, afeto e compaixão. É deslumbrante perceber que seres de outras espécies nos reconhecem e compreendem, nos suscitando desejos de aprofundar e intensificar, cada vez mais, esta relação. Como Oliver (2020 ) afirma, estamos sempre em "assembléia".

E pouco a pouco, vai sendo construída uma sensibilidade ética pela vida que intensifica nossa curiosidade, observação, ousadia e intuição. Em a “Carta da Terra” e o “Cuidado da Casa Comum” como Boff (2006) refere, todos os seres do planeta são compostos dos mesmos elementos, facilitando nossas afinidades, a ponto de estabelecermos um tipo de comunicação. Desta forma, torna-se quase improvável que diante desta profunda amizade, nós humanos, façamos algo para degradar a natureza. Daí o surgimento do meu conceito de espiritualidade ecológica.

Em diálogo com outras autoras, entendo quando Rech (2011) ratifica que a espiritualidade ecológica é um dos caminhos para se ter consciência ecológica. Consciência esta que nasce de dentro, intuitiva e não intelectualizada.

A tomada de consciência ecológica é um processo longo, que gradativamente vai se encurtando, à medida que nos percebemos enquanto seres que fazemos parte de uma grande, porém, única família.

O objetivo proposto com este capítulo acerca da espiritualidade é apresentar reflexões sobre as temáticas sustentabilidade e espiritualidade ecológica, que nos deem suporte para questionarmos sobre nossas relações com o mundo que queremos.

Apesar de compartilhar minha vivência espiritual e de ter certeza de sua veracidade, acho prudente que duvidem, para que a curiosidade possa provocá-los a experimentar possíveis contatos com seres não humanos. E assim, vocês terão suas próprias conclusões.

Futuros estudos associando as estas duas temáticas apresentadas, sustentabilidade e espiritualidade ecológica, nos ajudarão a aprimorar nossas respostas e nos renderão inúmeras novas perguntas. Oferecendo importantes elementos para novas perspectivas para pensarmos na integração necessária para continuarmos no planeta em que vivemos.

## **5.2. TEORIA DE GAIA E A INSUSTENTABILIDADE DO ANTROPOCENO**

Ao longo dos séculos, em nome do “progresso”, o ser humano foi se distanciando da natureza, se acomodando e desaprendendo o que faz parte dela. O distanciamento foi aumentando a tal ponto que, atualmente, o ser humano não mais se reconhece como elemento da natureza, e sim como proprietário e gerenciador dela.

O despertar efetivo para o adoecimento da “mãe” terra, só veio a ocorrer de fato, em meados de século XX, quando as evidências da influência do ser humano sobre a natureza sinalizavam alterações geológicas, climáticas, químicas, biológicas, culturais, econômicas e políticas no planeta. Dentre elas, temos os recursos hídricos, primordialmente as águas de superfície como recurso essencial para a preservação da vida no planeta. O acesso a esses recursos, depende diretamente da preservação dos ecossistemas que são responsáveis pelo ciclo hidrológico (LAMIM-GUEDES; MOL, 2018).

Os problemas relacionados à água requerem um enfoque multidisciplinar, necessitando da contribuição de especialistas de diversas áreas para entender a situação e desenvolver alternativas adequadas e eficazes para o desenvolvimento sustentável desses recursos hídricos, considerando que a demanda é crescente e não pode ser subestimada (SETTI et al., 2000).

No início do século XXI, surge de forma oficial, o termo Antropoceno que se configura pela interferência do ser humano na natureza, consumindo excessivamente os recursos renováveis e não-renováveis do planeta (SILVA; ARBILLA, 2018).

Neste contexto, primeiramente será abordado o conceito de Antropoceno, que permite compreender melhor a crise hídrica e os problemas de abastecimento de água. Em seguida, o conceito de recursos hídricos e a disponibilidade de água na Amazônia e, a relação destes dois elementos com duas questões emergentes, que são: aprendizagem social voltada para a governança ambiental.

É considerado como a nova época geológica ou a *era do homem*, que causa impacto no planeta Terra por meio das ações degradantes ocasionadas pelos humanos (LAMIM-GUEDES; MOL, 2018). Cabe destacar que "antropo" significa "homem", o que curiosamente circunscreve a qual ser humano corresponde às práticas invasivas, exploratórias e exterminadoras descritas como cerne deste período. E, não em oposição, mas em um caminho de complementação das práticas e preenchimento das lacunas e rachaduras, a proposta de trazer as mulheres como sacerdotisas da cura me parece bastante relevante. Como no Itan (conto mitológico Yorubá) de Oxum, se as mulheres são deixadas de fora dos processos produtivos do planeta, nenhuma vida pode florescer.

Segundo Crutzen (2006) o impacto da atividade humana é comparado a uma força da natureza que causa grandes transformações ao meio ambiente, tais como, mudanças climáticas, perda da biodiversidade, desmatamento e erosão acelerada, modificação das bacias hidrográficas, dentre outros efeitos catastróficos.

Para Akinrulie, L.; Akinruli, S. (2020, p. 230) o Antropoceno se configura:

[...] pelo estabelecimento de uma civilização urbano-industrial em escala global que requer a renovação cotidiana de gigantescos fluxos de matéria e energia, com excessiva produção de lixo e de consumo dos recursos renováveis e não-renováveis do planeta. Isso nos expõe ao aumento exponencial da população no mundo, com ampliação do êxodo rural, evolução do aquecimento global, perda da biodiversidade e, portanto, crescimento abissal dos impactos ambientais.

Para muitos cientistas, os efeitos antropocêntricos são consequência de uma crise civilizatória que não pode ser resolvida apenas com ciência e tecnologia. Para o autor Lamim-Guedes (2011; 2013) é necessário que o ser humano perceba que para se retratar frente aos danos causados à natureza, é necessário transformar sua relação com ela, modificando seus hábitos, comportamentos e estilo de vida, de forma, a se reintegrar a ela.

Pesquisadores também alertam sobre o caráter antrópico global das mudanças climáticas, e a necessidade de implementar a nível global políticas públicas que impeçam a degradação ambiental, principalmente dos recursos hídricos, por serem imprescindíveis para manutenção da vida de todos os seres vivos do planeta.

O Antropoceno sinaliza a importância das intervenções imediatas para evitar que a degradação ambiental se acentue e torne insustentável a vida dos seres vivos do planeta.

Consideramos que a água é um dos principais elementos que necessitamos cuidar, por responder pela vida e saúde do planeta. E sua disponibilidade está diretamente relacionada à preservação do meio ambiente (LAMIM-GUEDES; MOL, 2018).

A teoria de Gaia, enunciada por Lovelock (1991) já na década de 1980, foi por muito tempo ridicularizada por trazer o nome de uma Deusa Grega, como se houvesse nisso uma romantização do tema do cuidado com o planeta. Ele sinaliza e comprova, de muitos modos diferentes (química, física, biológica e socialmente) a relevância de reconhecermos o planeta Terra como um grande organismo vivo.

A Teoria de Gaia confronta, entre outras coisas, o modelo utilitário que apresenta a vida do planeta como recurso disponível ao ser humano. O conceito de recursos hídricos, por exemplo, é dado a toda água, seja de superfície ou subterrânea, disponíveis para qualquer tipo de uso de região ou bacia (COSTA et al., 2012). Ou seja, o conceito recurso hídrico não se adequa à Teoria de Gaia, pois objetifica e constrói perspectiva utilitarista com a água transformando-a em um recurso; não considera o planeta como um ser vivo, e portanto não considera as águas como fluxo de vida desse planeta.

Em 1965 James Lovelock desenvolveu a teoria de Gaia, na qual consiste na ideia de que a Terra é um organismo vivo, dinâmico e autorregulador dos seres vivos que nela vivem e que mantém a vida, através da regulação do clima ou dos elementos químicos (CARNEIRO LEÃO; MAIA, 2010). Para estes autores, a Terra é um sistema interativo dinâmico, ou seja, vivo. Por isso, temos que considerar todos os seres vivos do planeta como integrantes responsáveis do sistema climático, invalidando a maioria das pesquisas sobre o clima que são extremamente conservadoras à teoria de Gaia. Para estes autores a humanidade avança ética e moralmente contra o que é definido por desenvolvimento sustentável.

Entender que a Terra é um planeta vivo é fundamental para nossa existência. Um exemplo é a nossa exalação de gases, de 23% das emissões de gases de efeito estufa, confirmando que somos parte inseparáveis do planeta Terra e invalidando a maioria dos modelos climáticos.

Segundo Carneiro Leão; Maia (2010) o autor Lovelock (2006; 2010) ratifica que a humanidade não tem condições de se adequar para sobreviver no planeta Terra superpovoado e com o esgotamento crescente de seus recursos naturais: derretimento do gelo polar, elevação dos níveis do oceano e de migração das zonas climáticas, porque para a sustentação da vida no planeta Terra dependemos da integridade dos ecossistemas, das florestas e outras vegetações, do solo e das algas do oceano. É um ledor engano acreditar que recursos tecnológicos solucionarão estes problemas. A Terra só terá a chance de se salvar eliminando a espécie humana, com exceção dos que forem viver em regiões mais frias com solo ainda fértil.



Para mantermos a vida é primordial compreendermos que o planeta Terra respira e que os ecossistemas oceânicos não conseguem mais retirar o dióxido de carbono da atmosfera, causando a acidificação das águas e desertificando dos oceanos à medida que eles aquecem.

De acordo com Lovelock (2006) a Terra já pode encontrar-se num estágio irreversível, mesmo com a redução de 60% das emissões de dióxido de carbono, conforme recomendada

É sabido que todos os seres do planeta terra ainda não têm recursos para viver em outro planeta. Vivemos todos na mesma casa e compartilhamos dos mesmos recursos para sobrevivermos. Será que as pessoas ainda não entenderam que a tecnologia que dispomos hoje, não é suficiente para nos manter vivos? Que não somos mais importantes do que os demais seres. Que nossos conhecimentos não são maiores e nem melhores do que o dos demais seres.

Diariamente constatamos pelos noticiários os gritos de socorro, vindo da nossa mãe Terra que se encontra doente e sofrendo. Se não interrompermos o esgotamento de seus recursos naturais, nós também padeceremos até a extinção. É necessário repensarmos o que fazer para evitar um colapso. Alteramos tanto o clima e a biodiversidade do planeta, a ponto de criarmos uma época geológica, chamada de Antropoceno.

Diante desse cenário antropocêntrico é necessário pensarmos em que mundo queremos viver. Como amenizar os males causados à natureza? Quais formas educacionais teremos de desenvolver entre os seres humanos e não humanos para permanecermos no planeta terra?

Estudos como o de Alves (2022); O'sullivan (2020); Andrade; Romeiro (2011) alertam para o alto risco de danos irreversíveis no funcionamento do ecossistema terrestre. Como é o caso da crise climática que está diretamente relacionada com o estilo de vida consumista, economicamente desigual e com ascendência no crescimento populacional. Diante destes fatos correlacionados com a crise ambiental global, penso que devemos começar imediatamente a transformar a globalização mercantilista numa globalização solidária e cooperativa, ensinando através de nossa prática valores éticos e sustentáveis, a fim de adiarmos a inevitável evolução antropocêntrica.

As lideranças políticas a nível global devem pensar na resolução dos problemas ambientais de forma efetiva, enquanto há tempo. Precisamos urgentemente mudarmos a nossa forma de viver e de nos conduzirmos no mundo. É essencial oferecermos condições para nós humanos, nos conscientizarmos da necessidade da nossa integração com os seres não humanos, esclarecer que somos pertencentes a natureza, que apesar das diferenças, vivemos na mesma casa, para que assim, tenhamos a chance de continuarmos vivos.

Sendo assim, é interessante entendermos o conceito do termo sustentabilidade como “o que atende às necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de

atender suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, p. 46, 1988). Sustentabilidade refere-se ao princípio da busca pelo equilíbrio entre a disponibilidade dos recursos naturais e a exploração deles por parte da sociedade. Ou seja, é definida como a capacidade de o ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. O conceito de sustentabilidade é complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes, mas podemos dizer que deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais. Quando falamos de sustentabilidade fica subentendido que devemos cuidar para não acabar, preservar, manter. E para isso não é possível separar sustentabilidade de natureza, sustentabilidade de política, sustentabilidade de economia, sustentabilidade de tecnologia, sustentabilidade de pessoas... Neste momento, apesar do modelo de desenvolvimento capitalista dominante ser incompatível com o modelo de sustentabilidade, acredito que temos que assumir a liderança de uma vida sustentável para possibilitar a reparação do que foi degradado, com o máximo respeito a todos os seres vivos, garantindo condições mais justas e equânimes, onde as diferenças sociais, de gênero, culturais, históricas, socioeconômicas, para que a fome, a violência e a falta de compaixão possam dar lugar a uma vida melhor. Não podemos retroceder mais, já estamos quase no fundo do poço, por isso, há urgência de nos conscientizarmos da necessidade de mudança.

Segundo Libera; Calgaro; Rocha (2020) a definição de sustentabilidade está relacionada diretamente ao desenvolvimento sustentável que é manter a integralidade do ecossistema com o mínimo de impacto possível, entretanto, diz que mesmo com a exploração dos recursos naturais e interesses econômicos e avanços tecnológicos serão garantidas as necessidades das gerações presentes e futuras. Em suma, a teoria do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade é completamente adversa aos valores mundiais da economia dominante capitalista.

No período entre os anos 1000 e 1300, a Europa Central teve suas florestas desmatadas para o uso da madeira enquanto energia e para a agricultura. E ao longo dos anos, em várias partes da Europa, as comunidades começaram a perceber que não era possível continuar o desmatamento das florestas e assim, começaram a estipular regras para o consumo de energia e de alimentos. E nos meados entre os anos de 1300 e 1350, a Europa Central estava no auge de uma crise ambiental com poluição atmosférica, contaminação da água potável e erosão do solo, seguida da epidemia da peste negra que dizimou grande parte de sua população (MARQUARDT, 2006; GIMPEL, 1975). No entanto, no final do século XIII início do século XIV surgiram os princípios do termo sustentabilidade, estabelecidos como leis na época e

diretamente relacionados ao desmatamento para uso da madeira como fonte de energia, construção de casas, cocção e a criação de animais para alimentação (MARQUARDT, 2006). Para este autor e Boff (2013) o termo sustentabilidade surgiu pela primeira vez com o jurista alemão Hans Carlowitz, em 1713, com a utilização das florestas como fonte de energia e produção de alimentos.

Na metade do século XVIII quando concomitantemente ocorreu a revolução industrial e a revolução filosófica e política com o domínio do pensamento mecanicista - “Era da Razão”- a natureza passou a ser esquecida, desvalorizada e explorada incansavelmente. (MARQUARDT, 2006). No entanto, os silvicultores da época, resguardaram o conceito de sustentabilidade. E em 1970 com a criação do Clube de Roma foi redigido o primeiro relatório sobre os limites do crescimento, repercutindo em toda sociedade e comunidade científica (BOFF, 2013). Dessa forma, a proposta de preservar a natureza em detrimento do desenvolvimento econômico não foi aceita. Até porque acreditavam que a tecnologia poderia substituir os recursos naturais (BAUMOL, 1986). E em 1987, o termo desenvolvimento sustentável surgiu com o Relatório Brundtland, caracterizado como um processo que atende as necessidades das presentes gerações, sem comprometer as das futuras (BIRNIE; BOYLE, 2002). No entanto, apenas em 1992, na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - ECO-92 que alicerçou o conceito de desenvolvimento sustentável e sua efetiva utilização na maioria das reuniões internacionais em qualquer atividade do século XXI (MOUTINHO DOS SANTOS, 2004). Quando falamos de desenvolvimento sustentável, pensamos na relação entre homem e natureza, nos fenômenos naturais que ocorrem, na relação existente entre os seres vivos moradores do planeta Terra. E a ciência que estuda estas relações é chamada de ecologia, definida como a relação, interação e conexão com tudo que existe no planeta terra e deste com o universo (BOFF, 1982). A ecologia teve seu conceito ampliado, a partir da denúncia do Clube de Roma sobre a exploração e consumo desenfreado dos recursos naturais não renováveis, pelos países dominantes.

Com o passar dos tempos, esta denúncia foi tomando proporções maiores, a ponto de hoje em dia, sabermos que todo ser humano é responsável por tudo que prejudica, polui, agride, mata, extermina na natureza, ou seja, somos todos responsáveis pelas ações antropocêntricas que o planeta vivencia.

Em relação a atividades sustentáveis do século XXI, não temos como deixar de citar a espiritualidade, refiro-me à espiritualidade que nos provoca à reflexão sobre o sentido da vida, da integração e do cuidado com a natureza, com a qual convivemos na mesma casa. Como diz Boff (2020) habitamos a casa comum.

Frente a tudo isto, quando falamos em ecologia, logo a relacionamos com a crise ambiental e daí surge a ecoteologia Boff (1995) que para May (2004) decorre da crise ambiental para articular uma teologia com a total interdependência de tudo que existe no planeta. É um tipo de teologia natural que encontra nos processos da natureza, sua lógica interna. Trata-se de pensar a fé, viver a espiritualidade e atuar no mundo, a partir de um novo ponto de vista (MURAD, 2020). Para Guridi (2018) a ecoteologia é resultado das reflexões teológicas e da ampliação da consciência ecológica. Interliga o pensar com a espiritualidade e as práticas sustentáveis, no campo pessoal, comunitário e institucional (MURAD, 2020).

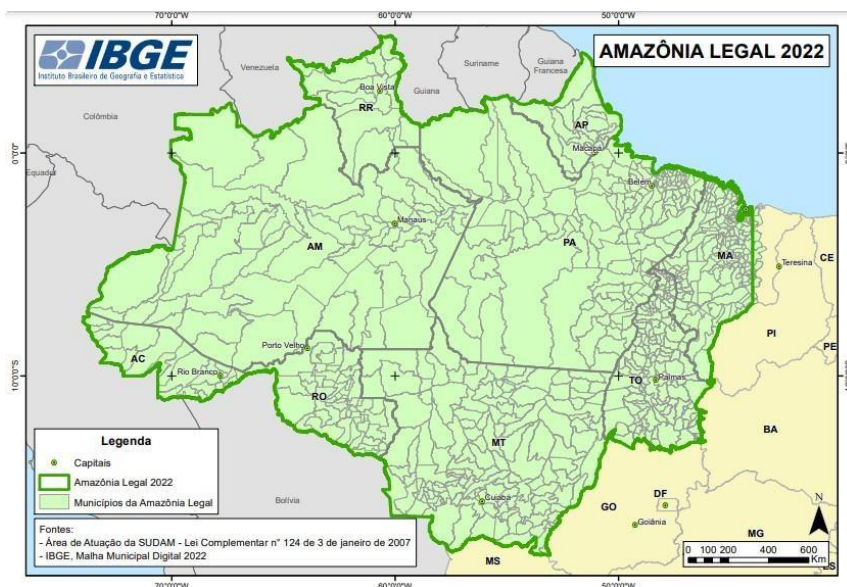
Acredito que espiritualidade pode ser definida pela interdependência do cuidado entre os seres humanos e a natureza. Os seres humanos devem refletir sobre a espiritualidade ecológica como caminho para uma consciência ecológica maior. Uma consciência que brota do nosso interior, que nos desperta para nos reconhecermos em tudo que existe na natureza, que somos parte do planeta, do universo. Que todos os seres vivos estão conectados uns aos outros, que moramos na mesma casa e por isso da necessidade do cuidado.

### **5.3. AMAZÔNIA E A INSUSTENTABILIDADE**

A floresta amazônica é considerada jovem e gigante, corresponde a  $\frac{2}{3}$  da América do Sul e a metade do Brasil com aproximadamente 5,5 milhões de Km<sup>2</sup> de extensão (BARBIERI, 2019). Por localizar-se próxima a linha do Equador é quente e úmida e também possui a maior bacia hidrográfica e rio do planeta Terra.

Em 1953 foi criado no Brasil o conceito de Amazônia Legal e estabelecido pela Lei nº 1.806 de 6 de janeiro de 1953 a fim de estabelecer o plano de valorização econômica da Amazônia. O conceito de Amazônia Legal é usado para demarcar nove estados brasileiros (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão) que se subdivide em Amazônia Ocidental (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima) e Amazônia Oriental (Pará, Maranhão, Amapá, Tocantins e Mato Grosso) e correspondem a 59% do território brasileiro. Seus limites internacionais estão vinculados a oito países (Bolívia, Colômbia, Peru, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Equador) (IPEA, 2008).

Figura 2 - Mapa da Amazônia Legal sem Sedes - 2022



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - IBGE

Devido a exploração da biodiversidade e riquezas naturais presentes na Amazônia Legal e Internacional, seu equilíbrio ecológico está alterado, nos sinalizando que temos que caminhar rumo ao desenvolvimento sustentável. É incompatível com a vida, continuarmos poluindo e exterminando os seres não humanos.

Ao contrário do que conta a historiografia ocidental, estudos arqueológicos mostram que a região Amazônica já era ocupada por sociedades humanas de coletores e caçadores desde a pré-história e que viviam numa relação estreita e harmoniosa com a natureza.

De acordo com o autor manauara Márcio Souza, o homem chegou às Américas há 24 mil anos através da Ásia, atravessando o estreito de Bering. Alguns desses migrantes ou seus descendentes, chegaram na Amazônia há 15.000 anos atrás, dando início ao povoamento humano na Amazônia que causou surpresa aos europeus que chegaram na Amazônia, no século XVI e encontraram sociedades populosas, organizadas e hierarquizadas em escala urbana, as quais, desenvolviam em grande escala ferramentas, cerâmicas, agricultura diversificada e rituais, estando tudo vinculado a um sistema político centralizado (SOUZA, 2019).

Sabemos que nossos antepassados viveram durante séculos na Amazônia. Tinham culturas materiais diversas, sobreviviam exclusivamente da natureza, ocupavam territórios em grandes grupos populacionais com cerca de 5,5 milhões de pessoas Sales (2020), superando a população atual de todo o estado do Amazonas que é de 3.941.613 milhões de pessoas e com uma área de 1.559.256 km<sup>2</sup>. (IBGE, 2022).

Ainda assim, com toda tecnologia e conhecimento que temos atualmente, não somos capazes de impedir a degradação que continua aniquilando a floresta, de em decorrência das ações humanas.

Passou da hora de negarmos o saber dos povos indígenas que bravamente resistiram e ainda resistem ao extermínio. Eles merecem reconhecimento como quaisquer cidadãos, aliás, devemos ter a humildade de admitir que como ninguém, eles conhecem a Amazônia e seus segredos.

Atualmente no Brasil vivem 1, 7 milhão de indígenas, 29% vivem na Amazônia. Toda esta população tem o direito de participar das decisões tomadas acerca da preservação e desenvolvimento da Amazônia, que segundo Barbieri (2019) é uma estratégia fundamental para romper com a pobreza na região e evitar a degradação ambiental.

Outro fator importante para a preservação da Amazônia é fazer com que os países amazônicos recebam mais apoio por meio de recursos financeiros, financiamentos para o incentivo e desenvolvimento científico, porque como a lógica do capitalismo não é compatível com preservação do meio ambiente, demonstrando a falta de comprometimento e solidariedade com as futuras gerações. Tendo em vista esta insustentabilidade é fundamental utilizar a ética como ferramenta principal e emergencial para atingir pontualmente a conscientização ambiental e solidariedade das pessoas sobre o desenvolvimento sustentável e conseqüentemente repensar a economia e a ecologia da Amazônia (BRITO, 2017). Esta autora ainda refere que diante da condição antropocêntrica que a Terra vive, não devemos nos basear na ética tradicional e sim numa nova ética mundial que priorize a vida de todos os seres humanos e não humanos do planeta Terra, a fim de termos um futuro mais humanizado. Barbieri (2019) concorda e complementa dizendo que para preservar a Amazônia é necessário termos além de uma nova ética, baseada na solidariedade, justiça e paz, que preze e renove as esperanças gerando desenvolvimento local. Porque como é sabido a Amazônia é uma fonte de recursos para o desenvolvimento dos oito países que com ela fazem fronteiras. Sua preservação está relacionada com o equilíbrio dos seus ciclos naturais, recursos naturais renováveis e diversidade biológica que estão diretamente relacionados com a sustentabilidade social de seus habitantes. Barbieri (2019) contribui afirmando que para preservarmos a Amazônia, é preciso de tecnologia para o realizar o planejamento territorial ecológico e econômico, para assegurar o equilíbrio da floresta, conjuntamente com o desenvolvimento econômico dos oitos países amazônicos. E ainda sugere que devemos ter como objetivos preservar a biodiversidade e assim assegurar o desenvolvimento econômico da região, ter técnicas de exploração adequadas e controladas, investimento científico e criação de patentes, criação de parques nacionais

públicos e privados, área de proteção ambiental, reservas extrativistas e indígenas controladas, dando ênfase ao ecoturismo cuidadoso.

Considerando a importância da agricultura, orienta que se deve recuperar as terras improdutivas e degradadas através do reflorestamento e aproveitamento da mata secundária. E os recursos minerais e de petróleo seriam explorados de forma sustentável com a obrigatoriedade de restauração ambiental.

#### a) As Águas e as Matas: Morada dos Encantados

Sabemos que dois terços do planeta são compostos de água, sendo 97,5% em mares e oceanos e 2,5% em água doce. Destes 2,5% estão acessíveis para o consumo de seres vivos hidro-dependentes, na forma de rios, lagos e pântanos, e os restantes 2,493% são de difícil acesso (FERREIRA; SILVA; PINHEIRO, 2008). Dessas reservas de água doce do mundo, 20% estão concentradas no Brasil, sendo 80% dessas águas brasileiras concentradas na Amazônia Legal (PNUD, 2006).

Apesar da água ser, em princípio, um fluxo suficiente à vida, por ser renovável, o aumento exponencial pelo aumento de sua demanda pelos seres humanos está limitando sua oferta. Para os autores Carbonari (1996); Centeno et al., (2015) o estresse hídrico e a escassez de água para seres humanos e outros animais já é realidade em muitos países e alguns fatores corroboram para esta realidade, como o aumento da população sendo o principal desencadeador de outros fatores inerentes para suas necessidades, como a irrigação da agricultura, padrões de consumo e desmatamento de áreas de mananciais para especulação imobiliária.

A escassez de água enquanto elemento importante das ações do Antropoceno é considerada como o problema ambiental mais referenciado a nível global. Daí a necessidade da implementação de políticas públicas que gerenciem de modo efetivo os recursos hídricos, os ecossistemas, as bacias hidrográficas e o consumo de água exagerado pelos seres humanos (MEKONNEN; HOEKSTRA, 2016; PIELOU, 1998).

A demanda pela água aumentou tanto, que superou seu tempo de renovação, diminuindo assim, sua oferta, principalmente nos centros urbanos, causando estresse hídrico e até mesmo escassez. Precisamos cuidar da água, temos que nos preocupar com sua qualidade que está diretamente relacionada com as condições socioeconômicas. A UNESCO (2018); (2023) alertaram que para manter a qualidade da água para manter a vida, é necessário que ocorram mudanças de atitudes e de formas de pensar. No entanto, as autoridades a nível mundial negam

a nível global que o mundo necessita urgentemente tentar reverter situações possíveis de caos ecológico.

Latour (2020) afirma que o negacionismo é uma estratégia das elites oligárquicas mundiais para evitar que a informação de uma iminente catástrofe ambiental seja anunciada nos meios de comunicação.

As águas são a base da vida, e nelas se apoiam e se equilibram as matas, os animais e também as entidades espirituais. Devido a suas riquezas naturais da região Amazônica, ela atrai a atenção de muitos pesquisadores que a citam como parte importante para o equilíbrio da vida do planeta.

O Brasil é privilegiado pela presença de águas, possui a maior concentração de água doce, 12% das águas superficiais do planeta, dos quais 74% estão no estado do Amazonas (ANA, 2005). No entanto, a falta de água potável no Brasil é um problema que ocorre em todo o país, em decorrência do crescimento econômico, populacional e governamental.

O mesmo ocorre com o esgoto doméstico, que devido a sua precarização e ou falta do sistema de saneamento básico, lança seus rejeitos diretamente nos corpos hídricos, comprometendo a qualidade das águas (BARROS; AMIN, 2008).

Como o sistema de redes de abastecimento de água e de tratamento de efluentes ainda está longe do ideal, em 2020, foi instituída a Lei Federal n.º 14.026, do Saneamento Básico Brasil (2020) cujo objetivo é universalizar e qualificar a prestação de serviços de saneamento básico no país até 2060.

#### b) Encantados

No interior da Amazônia a predominância da oralidade e da reciprocidade são frequentes durante a realização das atividades de preparo de comidas, trabalho (mutirões), colheita de alimentos e ervas medicinais e visitas intercomunitárias (festas, torneios). Sendo comum a contagem de histórias e de experiências vividas ou ouvidas por terceiros sobre encantados, bichos e visagens no início da noite, criando um ambiente de mistério e medo. Estas histórias são conhecidas por todos e são recontadas diversas vezes confirmando as crenças pessoais entre quem fala e escuta, proporcionando prazer e reflexão sobre o mundo em que vivem, além de preservar a memória ancestral e local de onde vivem. Apesar de serem consideradas como lendas e superstições, ou seja, sem veracidade, as histórias sobre os encantados continuam sendo repassadas prazerosamente entre os moradores das comunidades ribeirinhas.



Para Filho; Carvalho (2013) é um desafio intelectual para os moradores das cidades compreenderem os pensamentos dos ribeirinhos da Amazônia. Nas metrópoles há uma visão distorcida do contexto, dos saberes tradicionais e das simbologias desta população, não permitindo o entendimento do que é dito através das histórias. Estes autores ratificam que as histórias contadas nas comunidades são coletivas, proporcionando a participação do ouvinte como agente ativo e importante, onde a qualquer momento ele pode passar a ser o narrador da história e/ou através de seu comportamento, gestos e atitudes contribuir para o enriquecimento dela.

Uma outra característica dos ribeirinhos amazônidas é a utilização da linguagem mítica e da imaginação poética para relatar a realidade. No entanto, esta forma de lidar com a realidade faz com que suas narrativas sejam avaliadas pelas pessoas dos grandes centros urbanos que foram influenciadas pelo cientificismo do século XIX (1830) como mito, ou seja, algo não real. Neste sentido, não nos cabe julgar se as histórias contadas sobre os encantados e os seres não humanos são verídicas ou não, mas sim o que elas representam, qual a verdade que está por trás delas.

Os autores Filho; Carvalho (2013) referem que o não reconhecimento dos mitos como verdade é devido a separação da história política e social do mito realizada pelo cientificismo da século XIX, mas no entanto estes autores ratificam que através das histórias dos ribeirinhos amazônidas é possível conhecer como eles pensam, vivem e se relacionam com a vida, com os mortos e a natureza.

A cosmovisão dos ribeirinhos amazônidas é caracterizada pela presença de seres não humanos chamados de encantados que vivem nas águas e nas florestas. Esta crença encontra-se presente em vários aspectos do cotidiano, nas relações interpessoais e na economia local. Outra característica desta cosmovisão é a divisão dela em quatro mundos.

Segundo Vaz (1998) o primeiro é o fundo das águas onde moram os encantados. Local mágico que só é conhecido pelos encantados ou por pessoas que são levadas por eles ou em sonhos pelos pajés. O segundo é onde estão os espíritos (visagens) ou bichos da terra que vivem no interior das florestas dentro das árvores, nas pedras e caminhos. Estes seres também são conhecidos como encantados, porém diferem dos que vivem no encanto. Estes moram em locais mais isolados da floresta, aonde as pessoas não chegam. O terceiro encontra-se no mesmo mundo físico que o segundo, porém em outra dimensão. É nesta dimensão que nós humanos

vivemos, assim como os animais, plantas e minerais e a água. Já a quarta dimensão está acima das citadas. É onde encontra-se Deus, os santos, os demônios, as pessoas boas e ruins que viveram e morreram na terra, o céu e o inferno.

Os espíritos do primeiro e segundo mundo são os que cuidam e defendem a natureza, na qual os humanos também vivem. Então dentro desta perspectiva podemos dizer que encantados (Curupiras, Mapinguaris, Anhangas, Sereias, Mães d'Água, Guaribamboias, Cobras Grandes, Botos e outros) e humanos vivem no mesmo espaço, mas em dimensões diferentes, além dos limites entre estas dimensões serem indefinidos.

Para os ribeirinhos amazônidas o mundo sobrenatural e o mundo material estão interligados, formando uma única realidade. Para Eliade (1996) é como se a vida acontecesse simultaneamente em dois mundos paralelos, o natural e o sobrenatural. Onde a comunicação entre eles ocorresse através das histórias dos mitos e ritos xamânicos, sabendo os ribeirinhos distinguí-los (JUNQUEIRA, 2000). Existem locais e horários onde estes dois mundos se conectam, onde eventos sobrenaturais acontecem e onde os humanos não devem andar sozinhos e nem fazer barulho.

Diante de tantos motivos potentes que ligam os ribeirinhos da Amazônia com a floresta e as águas, podemos citar a reverência e a dependência. É possível observar sinais desta ligação ancestral no comportamento e estilo de vida destas pessoas que vivem sem pressa e apresentam na fala o baixo tom e a mansidão, podendo ser comparado ao ritmo das águas dos rios (FILHO; CARVALHO, 2013).

A cosmologia dos ribeirinhos nos remete à noção de “perspectivismo ameríndio”, ou seja, o pensamento de que o mundo é habitado por humanos e não-humanos que possuem consciência e que podem se transmutar. Onde os animais são tão sujeitos quanto os humanos e onde estes não ocupam o lugar de senhor da vida e nem de superior a natureza (DESCOLA, 1998; VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

Apesar do pensamento do ribeirinho amazônida ter influência européia e africana, a raiz de seu pensamento é fortemente influenciado pela cultura de seus ancestrais indígenas. Daí a preservação do ritual das pajelanças realizado pelos pajés, pois é através deles que os ribeirinhos dão sentido à relação com a natureza, encantados e mortos (ARENZ, 2000).

As histórias contadas pelos ribeirinhos amazônidas que os humanos urbanos classificam como mito, nos permitem pensar sobre a maneira como enxergamos e interagimos com o mundo. Elas estão aí para nos ensinar e alertar sobre a manutenção do ciclo da vida.

Quando falamos da Amazônia não podemos deixar de falar de sua cosmologia, que no interior da Amazônia é bem forte e representada pelos encantados, principalmente nas comunidades tradicionais.

Denominados de Caruanas ou Oiaras, os encantados são pessoas comuns que desapareceram sem deixar rastros e sem morrer fisicamente (MAUÉS, 1995). Passando a viver no mundo encantado espiritual subaquático ou em lugares naturais escondidos e encantados nas matas, como florestas, rios, igarapés e flores (MAUÉS; VILLACORTA, 2004). Os locais onde vivem são chamados de encantos e suas manifestações de encantaria (MONTEIRO, 2005). Os locais de encantos são descritos como locais de muito poder e mistério como encontro do mar com rios, pedreiras e matas. Geralmente encontra-se em locais mais isolados, virgens da presença humana.

Os encantados são espíritos diferentes dos espíritos dos mortos cristãos que se manifestam no Kardecismo, são espíritos que não morreram e que estão numa dimensão espiritual ao mesmo tempo que na natureza, tendo seus poderes vindo de cada elemento da natureza como água, terra e vegetais (MAUÉS; VILLACORTA, 2004).

Para a autora Ferretti (2000; 2008) os encantados são pessoas que sumiram inexplicavelmente, vencendo a morte, e que foram viver em outra dimensão, em encantarias, passando a existir nos elementos da natureza. São dotados de vinte e cinco poderes e são protetores dos humanos, mas se necessário pode puní-los severamente caso degradem a natureza ou pratiquem caça e pesca predatória. No entanto, nos terreiros de religiões afro-brasileiras como no estado do Maranhão, os encantados são seres invisíveis que nunca morreram ou que não tinham matéria e que só são vistos por pessoas médiuns que conseguem enxergá-los. Moram nas encantarias ou encantos localizadas acima da terra e abaixo do céu, longe dos humanos.

Apesar de afirmarem que foram pessoas que viveram na terra e que tiveram corpo, não são conhecidos como espíritos de mortos. Pertencem a um outro grupo de seres espirituais, os quais são comparados com anjos da guarda (FERRETTI, 2000). Não são seres sobrenaturais e sim naturais que fazem parte da vida social de várias comunidades amazônidas.

A comunicação com os humanos ocorre durante os transe mediúnicos durante os rituais religiosos, em aparições para os médiuns, em sonhos e quando chamados em alguns locais da natureza.

Os encantados podem se manifestar em corpos de animais de forma espontânea ou não. Voluntariamente acontece quando querem vencer a morte, fugir de perigos, vencer obstáculos, ajudar pessoas e proteger a natureza. E involuntariamente quando por magia são transformados em animais ou sequestrados para o mundo subaquático por encantados que se agradam de alguma pessoa e a querem para viver juntos (MAUÉS, 1995). Alguns só são libertados com a quebra do encanto que está relacionada com a ação de feiticeiros ou de outros encantados (FERRETTI, 2000).

Segundo a autora Ferretti (2008), entidades como Curupira e Mãe d'Água eram conhecidas apenas pelos pajés e curadores da Amazônia e só passaram a ser conhecidas nos rituais religiosos afro-brasileiros, quando os pajés e curadores passaram a frequentar tais rituais fugindo das perseguições das autoridades contra o curandeirismo.

O autor Silva (2014) ratifica que a crença nos encantados passou a ser considerada como crendice e lenda popular, à medida que os habitantes das áreas urbanas da Amazônia quiseram adotar a condição de civilizados, influenciando sua opinião sobre os encantados e a cultura dos povos tradicionais. E que a crença nos encantados surgiu com o contato das culturas africanas, indígenas e dos europeus, pois o termo encantado foi trazido pelos colonizadores das histórias européias sobre príncipes e princesas (MAUÉS, 2001).

Para Tuveri (2016) A pajelança cabocla faz parte a cosmovisão cabocla que é caracterizada como uma forma de xamanismo, onde o pajé ou curador através da incorporação dos encantados realiza a cura das doenças humanas.

A pajelança cabocla é uma forma de culto mediúnico constituído por um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia (...) com origem na pajelança dos grupos tupis (...) e que incorporou crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, com forte influência da umbanda para orientar e cuidar das pessoas (MAUÉS, 1999, p. 198).

Segundo Tuveri (2016) existem dois tipos de doenças. Algumas podem ser tratadas por médicos, curandeiras e afins; outras apenas por curandeiras e afins (pajés, benzedeiras, parteiras e puxadores de ossos). As chamadas doenças naturais ou normais (varíola, catapora, sarampo,

papeira (caxumba), guariba (coqueluche), paludismo, febre amarela, vermes intestinais, rasgadura (hérnia), dismíntidura, peito aberto, espinhela caída, além de picada de cobra, ferrada de arraia, vento encausado, vento-nas-cordas, pioris de vento, vento caído (afundamento da moleira) podem ser tratadas por médicos, curandeiras e afins. Já as doenças não naturais, como malinesas (aborrecimento, corrente-do-fundo, espírito, feitiço (ou malefício), flechada-de-bicho, mal-assombrado, mau-olhado de bicho, mau-olhado de gente, mau-olhado de lua, mau-olhado de sol, panemeira, parauá e quebranto, ataque-de-boto, só podem ser tratadas por curandeiras e afins.

#### b.1. Processo de Encantamento

A crença de que os encantados não morrem, se encantam, tem ligação com as histórias de príncipes e princesas encantadas pelos colonizadores ocidentais, influência indígena e africana (MAUÉS, 2001).

Segundo Maués (1995; 2001) o encantamento ocorre quando um encantado se agrada de alguém por algum motivo e o atrai para o “fundo” (fundo dos rios, lagos, cidades subterrâneas ou subaquáticas, fundo da floresta) oferecendo alguma comida e caso a coma, irá se tornar um encantado, deixando de conviver com os humanos na terra. Já com os pajés é diferente, são levados ao “fundo” como aprendizes dos conhecimentos dos encantados, para quando retornarem à superfície como xamãs, realizarem as curas xamânicas e a pajelança.

Existem duas categorias de encantados, os das águas que são os mais relevantes e os da mata (Anhangá e a Curupira) considerados perigosos por causar mau-olhado nos humanos ou “mundiá-los” que é punir os humanos que abusam ou maltratam a natureza, fazendo com que se percam na mata.

Uma das características dos encantados é que eles são invisíveis e por isso não são representados por imagens. Manifestam-se como os chamados como “bichos do fundo” assumindo formas de animais como cobra, peixe, boto e jacaré. Quando assumem a forma humana nos rios, igarapés, praias e manguezais são conhecidos como oiaras para atrair as pessoas para o “fundo”. E são chamados de “caruanas” quando incorporam-se em alguém (MAUÉS, 1995; 2001).

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresento as narrativas, os comentários a partir do meu diário de notas intensivas e o relato acerca de uma demanda resolutiva apresentada pelas rezadeiras. De acordo com Santos (2015), a demanda resolutiva de uma pesquisa trata de questões de uma comunidade que requerem solução ágil.

Realizei cinco viagens ao campo, nas quais pude permanecer e conviver com as rezadeiras do Distrito Mocambo do Arari. Lá permaneci por cerca de sete a dez dias, em cada viagem. Além desses encontros, a conversa utilizando as redes sociais também foram espaço para manter viva a relação que se iniciou em minha primeira ida a campo.

Ao longo de 12 meses conversei com quatro rezadeiras, que apresentaram em forma de narrativas livres cenas importantes de suas vidas, trazendo à tona sua relação com a reza e com os elementos que a compõem. Além das conversas com cada uma delas, participei também de encontros e construções coletivas. O método utilizado foi o MVDL (conforme já descrito), garantindo que os encontros fossem livres e fluíssem de acordo com as inclinações e direções dadas pelas próprias narradoras. Foi utilizado o gravador como recurso secundário, o que permitiu, após elaboração dos diários de notas intensivas, a transcrição das falas. Os resultados da pesquisa, portanto, estão compostos por apresentação de cada uma dessas mulheres, suas narrativas na íntegra, descrição dos encontros comunitários e análises em diálogo com autores da área.

As histórias de vida, as narrativas sobre a reza e os encontros comunitários contribuem para compreender a centralidade da reza em suas vidas. Em suas narrativas se destacam elementos considerados como componentes relevantes para o processo da reza, como a mata, as ervas, a água, os encantados e a própria comunidade.

## 7. MULHERES AMAZÔNIDAS NAS VOZES DELAS MESMAS: ÁGUAS, MATAS E REZAS NA CURA DE GAIA

A pesquisa foi realizada com quatro mulheres, sendo duas nascidas no Distrito Mocambo do Arari, uma da agrovila do Caburí, próximo ao Distrito do Mocambo do Arari e outra da comunidade indígena da etnia Sateré Mawé, de Molongotuba – AM. Todas são rezadeiras, agricultoras, pescadoras, parteiras, artesãs, pegam desmentiduras e fazem remédios caseiros.

**Figura 3 - Dona Nadir**



**Fonte: autora**

Dona Nadir, casada, mãe, avó, rezadeira, parteira, erveira, fazedora de remédios caseiros, agricultora, pescadora e diz gostar de trabalhar. Cheia de vigor, disposição e sempre sorridente.

### **a) Narrativa Dona Nadir**

**P:** Como a senhora se tornou rezadeira?

**D. Nadir:** *“Hum! Eu quando eu tinha... quando era criança mamãe disse assim "você era muito braba", né. Aí depois quando eu completei 20 anos, gostava de pescar e foi pescando com a minha filha quando veio aquele negócio assim perto de mim, parece que o mar ía, as águas íam sumindo assim no mar, sabe? Aí eu disse, meu Deus, aí eu vi aquelas ramas sumir assim, a outra boiava lá, tornava sumir de novo, mas o que vai acontecer? Eu peguei, tirei o meu material que estava pescando e saí. Botei dentro da canoa e vim me embora. Remei, remei, remei quando eu cheguei no porto de casa, aí eu não me lembro mais. Aí eu desmaiei, aí eu desmaiei, a minha filha foi avisar mamãe, lá em casa, aí ela veio. Chegou lá, me*

*carregaram para terra, me botaram na rede que tinham comprado não tava com um mês e eu a rasguei.*

*Era dez homens me agarrando e não me agarrava, vizinha. Fiquei lisa, lisa, sei lá. Tinha um senhor que benzia, ali pra cabeceira, já era velhinho, aí a mamãe foi buscar ele pra me benzer. Aí ele falou que eu era médium, que eu tinha que trabalhar, que já tinha chegado o tempo de eu começar a trabalhar, né. Já tinha 20 anos, aí eu me agarrei com Deus, a mamãe disse, agora ele vai te endireitar. E ele me endireitou, aí parou aqueles negócios de eu viver pulando. Comecei a fazer minha banca,, as rezas e rezar as pessoas”.*

Em meu diário de notas intensivas desse encontro, localizei elementos da reflexão produzida durante a conversa. Inicialmente o relato de dona Nadir me faz pensar em muitas coisas. A primeira é que ela estava a descobrir a mediunidade - termo este que ficou conhecido devido ao francês Alan Kardec, fundador do espiritismo também conhecido no Brasil, como Kardecismo, mesa branca ou linha branca. Pois quando ela diz que **“veio aquele negócio assim perto de mim, parece que o mar ía, as águas íam sumindo assim no mar”**, seguido do desmaio e que depois **“rasguei uma rede que tinham comprado não tava com um mês”** e **“era dez homens me agarrando e não me agarrava, vizinha. Fiquei lisa, lisa, sei lá”** dando a entender que ela teve uma força sobrenatural para rasgar uma rede se embalar praticamente nova com a mão, e para quem conhece sabe o quanto uma rede é resistente e que dez homens não conseguiram contê-la. Todas estas informações das percepções e sensações que ela teve, me fizeram pensar no desconforto e na confusão mental que ela passou., deixando-a sem entender o que está acontecendo.

Seguindo a perspectiva Kardecista, o despertar da mediunidade traz algum desconforto e confusão psíquica. E no caso de dona Nadir sua mediunidade foi confirmada pelo rezador local que foi chamado para rezá-la.

Segundo Júnior; Silva (2023), a mediunidade é a faculdade inerente a toda alma humana que faz com que exista uma conexão, um intercâmbio entre diferentes planos da existência e o seu despertar, geralmente traz algum desconforto e confusão. Sendo assim, todos os humanos



são médiuns (possuidor de mediunidade), independente de religião, crença ou seita. No entanto, existem pessoas que têm mais facilidade do que outros de se comunicar com os espíritos, sendo chamados de médiuns ostensivos. Estes podem incorporar espíritos em seu corpo, ouvir vozes, escrever mensagens espirituais, dentre muitas outras habilidades.

A segunda coisa que pensei, também ligada à espiritualidade de dona Nadir, foi que devido ao fato dela ser nascida e criada num local com uma floresta gigante quase intocada, cercada de rios e lagos, favorecia a proximidade dos seres não humanos, como por exemplo, os orixás. Na tradição afro-brasileira nagô, Oxum representa as águas doces dos rios, igarapés, aquíferos (RANGEL; GOMBERG, 2016). E por ser uma entidade das águas, símbolo da vida, é consagrada como dona da vida e é simbolizada pelo vai e vem das águas dos rios (MANDARINO; GOMBERG, 2009). É a senhora da vida e da criação (OYĚWÙMÍ, 2016). Também é considerada a feiticeira, senhora da magia, dona do oculto. Segundo a cosmopercepção dos povos africanos, ser humano e natureza são originados da mesma matéria, onde estão interconectados e são interdependentes, fazendo parte da grande teia da vida (KING; RIBEIRO, 2015). E nesta ligação divina, está a intensa ligação com a água.

Meu terceiro pensamento foi referente aos seres encantados, neste caso especificamente a cobra grande que é temida por todos da região dos lagos e rios do Mocambo do Arari - AM, local onde dona Nadir estava pescando. Este ser é considerado um espírito mau que vira embarcações e traga os pescadores, cava os barrancos por baixo a margem dos rios até derrubá-los, agita as águas e cria os redemoinhos (LEITE, 2003). Dependendo da região ou mesmo do Estado, a cobra grande recebe várias denominações, como: minhocão, cobra Norato, Boiuna, cobra Honorato, dentre outras. Para Haug (2005), a cobra grande é um espírito que atua entre as trevas e a luz que quando visto por humanos incrédulos, rapidamente faz restabelecer a fé esquecida.

Apesar do Mocambo do Arari ser um distrito de Parintins, onde os termos curandeira e rezadora ou benzedeira são diferenciados, no Mocambo do Arari eles não são. Neste local, rezadeiras, benzedeiras e curandeiras realizam o mesmo ofício, que é de curar as pessoas com rezas, banhos, remédios caseiros, emplastos e chás. O que os diferencia entre si é o poder de força que cada um deles tem para lidar com a doença ou problema de quem os solicita socorro. Neste caso, a rezadeira que tiver “força espiritual” e experiência para curar quaisquer tipos de doenças, inclusive as mais complicadas, é considerada uma sacaca, puraca ou curaca.

Em Parintins, segundo Cordeiro (2017) as rezadeiras ou benzedoras são pessoas que curam através da reza. Já a curandeira ou curadora são pessoas que, além de curar com rezas, também ingeram (incorporam) os espíritos e bichos do fundo (seres encantados que vivem no fundo dos rios) dos quais recebem conhecimentos e força/potência para fazer os remédios caseiros, banhos, garrafadas, emplastos, uso de parte do corpo de animais e a força da cura.

No caso da dona Nadir, sua mãe recorreu a um rezador para endireitá-la (ter bom comportamento). Em geral, essa é um sujeito que, conforme citado por Cordeiro (2017) tem habilidades de curador, além de morar distante da comunidade (na cabeceira do rio). Para a comunidade essas são características dos bons rezadores (as): morar distante, ser idoso (a) e não ter grande visibilidade, ou seja, não ser visto normalmente pela comunidade. Este estereótipo de rezador (a) sugere pensar numa pessoa idosa, misteriosa e com muito conhecimento espiritual e da floresta, de onde retira os remédios naturais e convive com os seres não humanos, tornando-o respeitado pela comunidade local (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Outro fato que chamou atenção é o fato da mãe de dona Nadir dizer que ela era braba e que o curador iria endireitá-la, pois talvez sem saber estava prevendo o destino de sua filha, porque durante o processo de formação de um (a) curador (a) sacaca que não seja sacaca de nascença, ele (a) será escolhido (a) por um bicho do fundo que dele (a) se agradou, será conduzido a cidade no fundo do rio, onde vivem os bichos do fundo e gradualmente será amansado (a) para receber a força espiritual de cura. Ser amansado (a) é ser ensinado, capacitado a conectar outras dimensões, inclusive a da cidade do fundo (CORDEIRO, 2017).

**P:** Como é que a senhora aprendeu as rezas?

**D.Nadir:** *“Eles [os espíritos] mesmos me ensinaram. Eles mesmos me ensinavam a fazer tudo. Aí eu fazia minha banca, tinha minha mesinha, eles mandaram eu construir uma mesinha, aí uma cuinha, eu tinha uma cuinha e tinha um copinho que era pra dá suco pra tal de Mariana que eu tinha um espírito, chamado Mariana, era só uma que era mulher, o resto tudo era homem ”.*

**P:** Quais eram?

**D. Nadir:** *“ Os homens um era o Sacaca, o outro era o Flecheiro, o outro era o Rei da Floresta, o outro era, o que era o chefe mesmo. Eu sei que era sete espírito com a Mariana. Aí eu fazia o trabalho e dava de fazer de querer fumar ”.*

O fato da dona Nadir falar em “fazer minha banca” é fazer todo um ritual prévio orientado pelos espíritos, o qual consiste em se abster de sexo, alimentos rechosos, fazer banhos de descarrego, rezas específicas para fechar o corpo, além de arrumar todos os objetos necessários para realizar o atendimento de cura através da incorporação mediúnica que segue os moldes da umbanda, como foi citado: **“eles mandaram eu construir uma mesinha, aí uma cuinha, eu tinha uma cuinha e tinha um copinho que era pra dá suco pra tal de Mariana, é acender vela, tem as bebidas que eles tomam, né? Com tudo os preparos. Eu tenho umas toalhinhas, os copos, tudo que eles tomam as coisas, umas cuinhas preta que eu tinha que eu tomava, né?”**.

E a presença de diferentes espíritos, Sacaca (bicho do fundo), Flecheiro (indígena) e caboclos (Rei da Floresta, cabocla Mariana), nos faz pensar sobre a necessidade da atuação de todos eles em etapas utilizando diferentes tipos de forças/potências para a realização do trabalho de cura.

Segundo Favaro; Corona; Ramos (2021) os caboclos são espíritos dos nossos ancestrais indígenas. No entanto, a cabocla Mariana é proveniente do tambor de Mina e considerada uma encantada pelas religiões afroamazônica (PEREIRA, 2014).

**P:** A senhora viu estes espíritos?

**D. Nadir:** *“Não, não me lembro, porque eu desmaiava, quando eu sentava para trabalhar ele vinha falar, cada um falava de um jeito, sabe. Aí me ensinava como que era pra mim fazer na hora de começar o trabalho, tinha que me benzer, fazer isso, isso e isso. Ensinava pro meu marido, aí ele ficava com medo, meu marido tinha medo de um dia ele não acertar mais e eu ficar lá, porque eu ficava caída, né. Só tornava se ele rezasse para eu voltar de novo pro meu corpo. Era assim, aí ele tinha medo. Ele disse ah bom tu pára de tá assim, porque eu tenho medo de um dia você ficar assim, eu não acertar a reza, por que quando ele não acertava, ele pegava ralho dos espíritos que diziam, você tem que acertar, você errou, tem que começar de novo. Ele contava que pegava muito ralho. Até que ele aprendeu e depois a gente saía por aí, me chamavam, ía pra outra comunidade, depois já benzia as crianças, adulto, mesmo assim”*.

Esta narrativa demonstra a importância do auxiliar da rezadeira (marido da dona Nadir) e da aceitação dos familiares (filho da dona Nadir) em ter um ente (mãe) rezadeira.

A não aceitação dos familiares é um fator de peso no ofício de curar. No caso da dona Nadir, seu marido e seu filho ficavam incomodados por diferentes motivos, onde o primeiro relatava que tinha receio de que, caso ele errasse a reza específica para ela retornar do transe mediúnico e ela não retornasse “ **ah bom tu pára de tá assim, porque eu tenho medo de um dia você ficar assim, eu não acertar a reza** ”, de não querer mais assumir a responsabilidade de ter que preparar o ambiente da banca “ **ai já tinha que fazer o suco separado para ela. Pra na hora que ela pedisse, já tinha que dá no copinho que era dela, só tomava se fosse na vasilha dela. Ai meu marido pegou e fazia pra ela separado**”. “ **Ele tinha que fazer 7 cigarros, era 7 espírito, todos 7 tinha que fumar** ”, participar dos atendimentos e de se deslocar para outras comunidades e locais distantes para acompanhar dona Nadir em seu ofício de rezadeira, “ **a gente saía por aí, me chamavam, ia pra outra comunidade, depois já benzia as crianças, adulto** ”. Já o filho que tornou-se evangélico, ficava “**brabo**” e muito incomodado com os objetos guardados que eram utilizados pela dona Nadir em sua banca “**ai mamãe, tira esse negócio daqui que me dá é medo, tira esse negócio daqui, eu vou jogar fora disso, eu vou jogar lá pra dentro do buraco, vou dar uma limpada aqui, mas vou jogar todo esse negócio aqui**”.

**P:** Ele ouvia vozes também, seu marido?

**D. Nadir:** “*Ele ouvia a voz só na hora que eu tava fazendo o trabalho. A Mariana, ela não gostava de beber. Ela só tomava suco. Só gostava de tomar suco*”.

**P:** Ela era nova ou velha?

**D. Nadir:** “*Era nova, ai já tinha que fazer o suco separado para ela. Pra na hora que ela pedisse já tinha que dá, no copinho que era dela. Só tomava se fosse na vasilha dela. Ai meu marido pegou e fazia pra ela separado. Comecei a fazer trabalho assim. Quando eu ia ele já sabia de todo jeito como era. Ele tinha que fazer sete cigarros, era sete espírito, todos sete tinha que fumar e pedia cigarro. Ai depois eu vi que tava muito me maltratando, né. Eu tava ficando emagrecendo, emagrecendo, ai eu disse que saber de uma coisa, vou parar de fumar. Eu não quero mais fazer banca. Eu vou atender as pessoas assim sem fumar, mas banca nunca mais quero fazer, porque banca tinha que ter os material, né. Para mim fazer e*

*puxava muito, puxava muito, muito do meu corpo, aí eu parei. Eu fico só assim, já benzo quebranto, puxo desmentidura”.*

Com o passar do tempo, dona Nadir começou a perceber que estava sendo maltratada em ter que executar todas as atribuições de seu ofício de rezadeira, **“eu vi que tava muito me maltratando, né. Eu tava ficando, emagrecendo, emagrecendo”** e que não queria mais seguir as orientações espirituais, decidindo que apenas iria benzer quebranto e puxar desmentidura. **“Eu não quero mais fazer banca. Eu vou atender as pessoas assim, sem fumar, mas banca nunca mais quero fazer”**.

**P:** E antes a senhora rezava o quê ? O que era botar banca ?

**D. Nadir:** *“A banca, eu adivinhava que doença a mulher tinha, que o homem tinha. Se o homem traísse a mulher, eu também descobria da mulher. Sabia? Eles sabem tudo. Agora eu dizia que quando eu saía de lá, eu não sabia de nada, não lembrava do que se passava. Era só naquela hora, não me lembrava não, falavam tudo que queriam falar, mas quando eu saía de lá, eles que estavam assistindo comigo que tinham que falar, o que os espíritos tinham falado, né”.*

**P:** A senhora não faz nem pra senhora mesma?

**D. Nadir:** *“Eu benzo, mas assim, com o dente de alho, com folha de pião roxo, com essas coisas eu benzo, mas fazer banca eu não fiz mais não. Aí, eu tinha minhas velas tudo, eu tinha para fazer o trabalho, depois eu parei”.*

As plantas medicinais são utilizadas pela humanidade para tratamento de problemas espirituais e/ou físicos desde o antigo Egito. No Brasil ainda hoje, algumas plantas são popularmente consideradas como sagradas e utilizadas de forma mística-religiosa por religiões de matriz africana como candomblé e a umbanda para a realização de banhos e benzeduras. E uma dessas plantas é o pião roxo (*Jatropha gossypifolia*) que para Silva; Oliveira; Abreu (2018) é utilizada em vasos dentro das residências como amuleto religioso de proteção contra o mal. No entanto, dona Nadir utiliza o pião roxo para rezar mau olhado e quebranto.

**P:** E eles não cobraram da senhora ter parado?

**D. Nadir:** *“Hum! Aí quando foi um dia, “eu não quero mais não, essa ação de benzer, não”. Aí era toda semana, toda semana. Dava de sexta-feira que quando eu dava de sentir uma dor na costa, aí meu Deus, já vem gente me perturbar aqui. Eu já sabia. Já tinha gente que vinha*

*aqui em casa. Hoje vai ter, vem gente aqui me perturbar. Meu marido perguntava, por que tu sabe? Porque eu sei. Aí de lá, quando dava aquelas horas, a senhora faz uma banca pra mim, para benzer meu filho? Eu já sabia o que era. Aí depois, foi parando. Eu benzo assim, as vezes, vem muita gente lá do Remanso aqui em casa. Aí, eles querem que eu coloque a banca, mas eu tinha que comprar todo meu material e não comprei. Meu material tudinho. Que tinha que colocar num quarto, que tinha que ter todo material, me ensinaram. Falaram tudo que era que eu ia precisar, só que eu não cheguei comprar tudo não, comprei só a metade. Aí quando foi um dia, eu falei que não queria mais, peguei minhas coisas, minhas velas, cigarro, eu botei tudo no terreiro e toquei fogo. Mas quando foi de noite, as 6 horas da tarde, hum! Aí veio, aquele que veio, me jogou de novo no chão, desmaiei, foi aquele pára pra acertar. Aí me falaram, porque eu tava apanhando, porque eu não queria mais saber do meu trabalho, que eu tinha que fazer as coisas pra servir meus próximos, que eu não queria mais saber daquilo, então eu ia ficar o tempo todo doente e viver sem ter saúde, ele falava pra mim. A senhora sabe que foi dito e certo mermo. Depois que eu parei, eu só vivo já doente, qualquer coisa pra mim, acontece uma coisa. Aí disse assim, a senhora não vai mais ver remédio em sonho, não. E se eu tivesse doente, eu dizia assim, olha, faz tal coisa pra mim, qualquer remédio, pode fazer isso assim, assim, assim pra mim. Eu tomava pronto, ficava boazinha. Era eles que me ensinavam”.*

No entanto, a partir do momento em que dona Nadir disse “ **eu não quero mais não essa ação de benzer e peguei minhas coisas, minhas velas, cigarro, eu botei tudo no terreiro e toquei fogo**” foi comunicada pelos espíritos que a derrubou no chão através de um transe mediúnico, por ela não querer mais prestar assistência às pessoas que precisavam iria “ **viver sem ter saúde** ” e que também “ **não vai mais ver remédio em sonho, não** ”.

Sendo castigada por negar o dom que havia recebido anos atrás. Mesmo confirmando que desde então “**eu só vivo já doente, qualquer coisa pra mim, acontece uma coisa**”, “**ficava triste, não gostava de barulho, não gostava que... mas nem de receber ninguém, assim, em casa**”, dona Nadir disse que “ **eu não me arrependi** ”. No entanto, dona Nadir relata “**eu tinha muita força, mesmo, os meus caboclo tinha muita força. Quando eu vinha atacada, assim, que eu vinha com o espírito, que me atacava, que eu gostava muito de tomar cerveja, né?** e se por algum motivo “**ficasse com raiva**” que alguém viesse a importuná-la, ela não responderia por seus atos. Tanto é que certa vez “ **eu dei uma queda num rapaz, dei um tranco nele e eu joguei ele muito feio**” e que desde então decidiu parar de vez, demonstrando que não concordava com o comportamento que tinha quando estava na

presença dos espíritos e que também seu marido não iria mais acompanhá-la dizendo “**que também não queria mais que não ía mais comigo**” dizendo “**eu não vou servir de banqueiro pra ti**”.

**P:** E a senhora não se arrependeu?

**D. Nadir:** “ *Não, eu não me arrependi, mas... mas eu fico assim. Um dia eu estava atacada, me dá vontade de estar sozinha, me dá vontade de chorar, eu ficava assim, né. Aí, quando eles me atacavam, eu ficava assim, desse jeito. Ficava triste, não gostava de barulho, não gostava que... mas nem de receber ninguém, assim em casa ”.*

**P:** Antes deles ou depois?

**D. Nadir:** “ *Depois que eu parei... aí pronto, foi assim, mas sempre, sempre vem gente aqui que eu pego, mas eu não faço mais como eu fazia antes”.*

**P:** Mas se a senhora antes ficava melhor do que a senhora fica hoje, por que a senhora decidiu parar?

**D. Nadir:** “ *Porque eu parei e eu tinha muita força, mesmo. Os meus caboclo tinha muita força. Quando eu vinha atacada assim com o espírito, eu gostava muito de tomar cerveja, aí, quando eu vinha tomando uma cerveja, se alguém me fizesse ficar com raiva, que alguém viesse perto de mim, eu... Um dia eu dei uma queda num rapaz. Olha o macetão de rapaz. Aí ele veio e falou assim, o quê que minha prima tem? E eu só dei um tranco nele e eu joguei ele muito feio, depois me arrependi. Meu marido que me falou. Olha, tu jogou o fulano muito feio na rua. Mas também eu falei pra ele, não mexe com ela, que ela não vai normal dela. E ele não quis atender, né. Aí ele veio, e desse dia, eu falei assim, ai sabe de uma coisa? Eu vou parar com isso. Vou parar com isso, que eu não quero mais. Eu não quero mais isso. Mas eu vou... Meu marido falou, tu vai parar, mas o que foi que eles disseram pra ti? Tu vai parar, mas tu vai viver só doente. Aí eu disse... Eu já tô assim. Eu só vivo assim, doente, sei lá. Não tem nem tempo que fui pra Manaus fazer tratamento. Um dia desse, eu peguei um choque de energia e a minha pressão ficou muito alta, porque às vezes quando eu fico brava minha pressão sobe. Não sei o que, tudo acontece”.*

**P:** Sabe sim, a senhora foi avisada (risos).

**D. Nadir:** *Aí tá assim (risos).*

**P:** E como que a senhora fica quando a senhora... Eles não falaram mais com a senhora depois?

**D. Nadir:** *“ Não, eles falam sim, mas só eu mesmo sinto, sabe? De noite, quando eu tô deitada, na rede. Eles atacam mais dia de sexta-feira e terça-feira da semana. Aí, quando eu vejo, eu tô deitada, eu sinto que o negócio vem pelos meus pés, né? Aqui aquele negócio vem, pelos meus pés, aquele negócio vem, vai subindo assim, parece que vai tipo entrando numa água. Aí eu vou, parece que eu vou ficando tão adormecida, sei lá o que eu vou fazendo. Aí depois eu começo, aí quando meu marido tá, ele me dá um dente de alho e passa na minha mão, no meu peito, costa, porque aí ia passando. Passava, mas se eu não fizesse isso, aí eu ficava de cama. Aí eu parei. Eu benzo assim, sempre benzo do Remanso. Do Remanso, daquela cabeceira, vem aqui de São Tomé ”.*

**P:** Quando a senhora benze, a senhora não tem espírito nenhum com a senhora? É só a senhora mesmo?

**D. Nadir:** *“ É, quando eu tô benzendo fico só, eu mesmo, assim, normal. Agora só se eu fazer banca: eu puxo, os caboclos vêm ”.*

**P:** Quando a senhora fala fazer banca, é acender vela?

**D. Nadir:** *“ É acender vela, eu acendo vela, tem as bebidas que eles tomam, né. Tem a banca, eu coloco uma banca assim, com uma mesinha, né. Com tudo os preparos. Eu tenho umas toalhinhas,, também os copos, tudo que eles tomam as coisas. Aí tá aí, umas cuinhas preta que eu tinha, que eu tomava, né. Já até joguei fora, só os copo mermo. Aí meu filho entrou na igreja, ali, né. Aí ele ficou brabo um dia comigo, ai mamãe, tira esse negócio daqui que me dá é medo e dizia pra mim, né. É uma caixinha que eu tenho assim com os material, aí tira esse negócio daqui, eu vou jogar fora isso, eu vou jogar lá pra dentro do buraco. Que é um buraco pra onde a gente joga lixo. Eu vou jogar, vou dar uma limpada aqui, mas vou jogar todo esse negócio aqui. Olha, tu que sabe, joga, mas depois aguenta a volta, porque esse daí não é meu, é meu porque eu coisa, mas esse daí não está te pertencendo nada, dizia pra ele ”.*



**P:** E tinha alguém na família da senhora que já benzia antes da senhora? Fazia banca?

**D. Nadir:** *“Não, só era o sogro da minha irmã que fazia banca aqui no Mocambo, que ele era um curador muito bom. O nome dele é finado Deodato, ele fazia banca até quando a pessoa se perdia. Eu tinha tanta força, assim de... por acaso, uma pessoa se perde lá no mato, o pessoal vinha aqui comigo. Eu fazia... aqui eu fazia as orações tudinho não demorava, o pessoal chegava, voltava. E o pessoal que fica doido, também ficava doido por aí, vinha me buscar. Às vezes, tinha cinco, seis pião agarrando a pessoa. Aí quando ele me enxergava ... deixa só ele aí, eu dizia. Aí eu falava, pode deixar só ele, não vai ser demais de bater, não sei o quê. Não deixa eu tô mandando. Aí ficava lá. Ficava me olhando. E eu ficava na porta, da porta só fazia rezar. Eu rezava pronto, bellllll, ele caía, defumava, ficava bom. Agora parece que eu tô é perdendo aquela força, sabe? É porque eu parei, mas se eu não paro, não sei, não. Se num paro acho que eu tava, eu digo assim, se eu não paro de rezar, fazer minhas banca, eu acho que hoje em dia eu tava aqui mermo, servindo as pessoa aqui. Eu tinha meu local aí mermo pra atender as pessoa. No começo, eu gostava muito, depois eu já não queria mais, não. Aí meu marido disse que também não queria mais, que não ía mais comigo. Que eu já tive dois marido, né. O primeiro morava em São Tomé, só que ele não era daí, era lá de Cacau Pereira. Aí um dia eu fui fazer trabalho, convidei ele, bora fazer um trabalho? Hoje eu vou fazer um trabalho pro fulano na casa dele, tá. Aí eu saía, aí eu passava pra ele, aí ele falou, para aí de fazer trabalho pros outros que eu não vou servir de banqueiro pra ti, diz ele. Tá bom, tu não vai tudo bem, eu vou arranjar outra pessoa. Aí eu ía. Eu tinha um filho que ele já entendia, né, meu filho mais velho, aí ele ía comigo. Aí quando nós chegemos lá, que nós voltamos pra casa, a rede do meu marido que disse que tinha amarrado, tinha bem uns quatro nó na rede que ele deu, diz que foi aperto, a coisa dismanchou, que ele caiu de costa no chão e judiaram dele, porque ficavam bravo que ele não queria ir junto comigo. Tu não vai, mas tu vai vê só o que vai acontecer. Eles falavam pra ele, tu não vai, mas vai ver o que vai acontecer. Aí, eles íam lá, e jogavam ele da rede. Aí quando eu cheguei ele tava gritando, rolando com dor de dente. Eu disse é, pois é, você não acredita, agora você vai ficar aí rolando, até a hora que eles quiser. Aí depois eu ía fazer remédio pra ele, pronto ficava bom. De outra vez você nunca mais fala que você num vai, eu dizia pra ele, né. Nunca mais fala que você não vai. A mamãe não, a mamãe sabia de muito remédio assim caseiro, mas ela não rezava. Só era parteira, parteira velha, ela era e eu aprendi a ser parteira com ela ”.*

Um outro ofício de Dona Nadir é ser parteira que desde muito jovem **“... a idade de quinze ano comecei a andar com ela pra fazer parto por aí eu aprendi. Já atendi 506**

**crianças já, tenho uma lista aí, tá tudo anotado. Na minha mão também nunca deu problema , nunca morreu uma criança graças a Deus”.**

As mulheres rezadeiras do interior do Amazonas na grande maioria das vezes também são parteiras, puxadoras de desmentiduras, fazedoras de remédios caseiros, agricultoras, pescadoras, mães, avós e mulheres. Demonstrando a potência e o imenso conhecimento dessas mulheres.

**D. Nadir:** *“Veio a idade de quinze ano comecei a andar com ela pra fazer parto por aí, eu aprendi. Ajudava na hora de fazer os parto, eu me pegava com meus santos, né. Pegava com Deus, Nossa Senhora do Bom Parto, às vezes eu falava, bom só tem eu mesmo, fazia minha oração, eu tava ali, tinha gente, aí meu Deus. Eu digo, olha quem tem medo não fica perto de mim, porque eu sou assim, quando eu vou partejar, não gosto que ninguém teje com o negócio de fulano morre assim. Tem gente que chega só pra tá conversando besteira, aí eu falo logo, eu vou fazer parto, mas só quero duas pessoas somente. Uma pra me dá uma fralda, uma coisa, quando eu pedi e eu e a paciente, só. Também aí tudo saia pra fora. Quando eu atendia só gostava assim. Porque tinha vez que quando vai atender aqui no interior, enchia a casa de gente, ixi que enchia, enchia, que sentava um pra lí. Eu dizia, às vezes a mulher tinha até vergonha, né, de ter a criança, porque dava muita gente, mas eu não. Era assim. Já atendi 506 crianças, já tenho uma lista aí, tá tudo anotado. A minha mãe fez 700 parto e graças a Deus, na minha mão também nunca deu problema, nunca morreu uma criança, graças a Deus. Aí tive que fazer curso em Parintins, né. Aí nós fomos fazer curso, lá. Tudo nós, até ela também a mulher do Patinho, né. Ela já tinha feito dois partos, aí ela foi. Lá de São Tomé foi uma também que ainda não fez nenhum, mas foi fazer o curso. Eu digo é bom vocês aprenderem que vocês estão nova, e eu já tô me cansando, não quero mais saber. E aqui é engraçado, porque eu rezo e o pessoal vem lá de longe, lá do Amazonas, que chama um remanso, pra lí, no que vai pra Manaus tem uma comunidade, pra lá. Aí às vezes, as pessoas falam, aí mana eu vim trazer, porque meu filho tá com vômito, diarreia, febre. Aí eu pergunto, olha não tem ninguém atendendo no posto? Esse daí precisa ir pro posto. Já fui lá, mas não tem também nem remédio, mas já tenho fé mais em ti. Acredita em mim ou em Deus? Kkk. Pergunto pra elas. Porque tu faz o remédio, tu ensina o remédio, tu faz aí a pessoa fica logo boa. Eu digo pois é, que vale é a fé, né? Se você tem fé que toma o remédio com fé é outra coisa. Eu tenho esses meus espíritos mas nunca fiz mal pra ninguém, só fazia o bem. Quando eu ía fazer minhas orações primeiro eu me pegava com*

*o senhor, né, com Deus, mas eu nunca judiei dos outros, porque tem gente que faz este negócio de feitiço, né, que dizem feitiço. Isso daí, nunca fiz pra ninguém e nem nunca tirei bicho de ninguém. É outra coisa já. Isso daí, já é tal de macumbagem que faz, né. Não, porque, às vezes eu chego em casa de pessoa, aí ela diz mana eu mandei te chamar pra você vê, mais ou menos o que tu acha que essa pessoa tem. Aí, se eu for benzer, se for benzer a pessoa, eu sei o que tá acontecendo na vida da pessoa. Aí eu já faço o remédio, tudo. Por um acaso uma mulher, a senhora se deixou de seu marido, né, a senhora vêvi doente, apareceu uma coisa no seu corpo e a senhora vem manda eu benzer, aí eu vou benzer e já vou descobrir o quê, que é. Aí a pessoa faz um remédio, pronto acabou. Às vezes, eu penso assim, a gente quando tá assim normal da gente, a gente não sabe de nada, mas quando a pessoa pega o espírito que diz que te puxa pra rezá, tudo que a gente faz os caboclo da gente já sabe o que é pra fazer, né. Eles já ensinam tudo, mas a gente mesmo assim, tando no normal da gente não sabe”.*

Seguindo esta perspectiva espiritual, Cordeiro (2017) confirma que quem dá a força espiritual ao rezador são os espíritos ou encantados, pois o médium não tem poder nenhum sem a presença deles.

**D. Nadir:** *“ Porque tem espírito que ... a mamãe contava uma história de mim, que eu tinha um espírito que ele era mau, né. Que veio no meio desses bom. Ele só era de fazer o mal, mas a mamãe mandou afastá. A minha mãe era muito braba, ela era muito braba, eu só quero que fique espírito bom nela, espírito mau eu não quero, porque o mau, porque ela foi com o curadô que me benzeu e mandou fazer o remédio, aí ela fez tudinho, o remédio direitinho e pronto. Quando me atacou foi só os bom, o mau não veio mais no meio ”.*

**Figura 4 - Foto da Lúcia**

**Fonte: autora**

Lúcia, mulher forte, mãe, avó, rezadeira, parteira, erveira, fazedora de remédios caseiros e agricultora. Alegre, jovial, corajosa e brincalhona.

#### **b) Narrativa da Lúcia**

**Lúcia:** *“Comecei com treze anos, comecei com 13 anos e desde então nunca mais parei, aprendi as orações né, só que eu não me dedicava porque eu não busquei logo o interesse, né, que eu não sabia também. Sabe aprendi as orações mas não sabia direito o quê que era. Então quando eu completei 15 anos, começou de novo ter visões era de 5 em 5 anos e aquelas vozes, aquelas orações que vinha assim no meu ouvido falando como era para mim fazer e como não era”.*

Seguindo a perspectiva espiritual, podemos presenciar que na narrativa da Lúcia ela vinha desde a adolescência sendo “amansada”, ou seja, preparada pelos espíritos para ser rezadeira, recebendo orientações do que e de como deveria por em prática as orientações que recebia dos guias espirituais ou encantados.

Para Lovo (2022) é no processo de preparação para o ofício de rezadeira que a pessoa é acometida pelas “chamadas” (sonhos) e/ou “flechadas” (“visões”) provocadas pelos espíritos, guias e/ou encantados do mundo espiritual, além de poder sofrer alterações de comportamento, atitudes e dores no corpo. E como a Lúcia nos relata, ela tinha sonhos, ouvia vozes **“aquelas**

**vozes, aquelas orações que vinha assim no meu ouvido falando como era para mim fazer e como não era”,** ela teve crises de desmaios, tentativa de suicídio e visões **“eu enxerguei o índio flecheiro pessoalmente, Arariá, o caboclo Marinho e o outros mais que eram sete”**.

Segundo Lévi-Strauss (2003) a trajetória pessoal de uma rezadeira é marcada por sofrimento e loucura. Para Chaumeil (1998) é através dos sonhos que os pajés se comunicam com o mundo espiritual.

**Lúcia:** *“ Então eu falava para minha família, minha família nunca aceitou, não acreditava. Eu dizia que era sonho, aí depois que eles começaram a prestar atenção e falava que tudo vem através do sonho, ouvir as vozes, enxergava vultos e foi assim que começou. Então eu mesmo fui buscar ajuda, porque eu pedi ajuda deles, mas não me davam ajuda ”.*

Geralmente não é comum que as famílias ribeirinhas do interior do Amazonas sejam simpatizantes das religiões africanas como candomblê e a umbanda. Pelo contrário, existe um preconceito religioso que é passado de geração a geração, estabelecido pela forte influência do catolicismo e do protestantismo nestas comunidades que consideram estas religiões demoníacas, que são só para causar o mal, tornando indesejável e inaceitável ter um membro da família ligada a estas religiões (JÚNIOR; SILVA, 2020).

O distrito de São João do Mocambo do Arari foi fundado e nomeado pela congregação Mariana da igreja católica, demonstrando a forte interferência da religião católica na comunidade.

E no caso da Lúcia não foi diferente, em sua narrativa foram citados dois episódios que reforçam o preconceito contra as religiões de matriz africana, um com a própria família **“meus irmãos nunca me apoiaram, todo tempo fazer casuada, fazer crítica, deboche, né? Que tinha uma mãe de santo na família, não sei o quê, que era feiticeira, uma macumbeira”** e outro com uma desconhecida **“uma senhora falou para mim que eu era médium, eu era médium que buscasse ajuda, mas não pelos terreiros porque o terreiro invés de me ajudarem iam me fazer mais doida, mais louca”**. Reforçando o receio da Lúcia ser associada a bruxa e/ou feiticeira como relata os registros históricos das pessoas que curavam e eram relacionadas ao diabo (JÚNIOR; SILVA, 2020).

*“ Ainda passei um bom tempo na Fundação Allan Kardec, que foi lá que me descobriram e eu também me descobri, né. Só que como lá, eles tinham como fazer as orações, as peças, mas não tinha como me ajudar da forma que era. Então depois de muito tempo com 25 anos de idade, porque me aperreava mais dos 5 em 5 anos, não era direto, tinha o tempo, fui pela igreja, fui procurar ajuda e nada. Quando foi um dia, uma senhora falou para mim que eu era médium e que eu buscasse ajuda, mas não pelos terreiro, porque o terreiro invés de me ajudarem iam me fazer mais doida, mais louca, então resolvi voltar pro Mocambo com 28 anos de idade, vim procurar o senhor chamado Lauro Cabral Mendonça, uma coisa assim, Lauro Cabral, o nome dele se não me engano. Só que quando eu cheguei aqui no Mocambo, ele não se encontrava mais, já tinha falecido. Então começou dar as crises, crise, crise, aí meu irmão, meu marido, começou observar que não era realmente normal, porque lá em Manaus, já tinha gastado muito comigo, então eles achavam que era coisa séria, porque antes dizia que era brincadeira, que era crise de ciúme e não era. Aí foi que um dia me deu uma crise de suicídio e era os espíritos perturbando para mim entrar em trabalho. Eu sabia puxar, mas eu tinha vergonha de fazer uma oração, rezar o quebranto, porque eu era muito nova e mesmo assim, meus irmãos nunca me apoiaram, todo tempo fazer caçoada, fazer crítica, deboche, né. Que tinha uma mãe de santo na família, não sei o quê, que era feiticeira, uma macumbeira, mas tudo isso foi, deixei para o lado e deixei ir passando. Quando foi nesse dia que deu essa crise de suicídio, esse meu irmão chamado Ronildo, ele falou que realmente o negócio era sério, que ele ia me levar numa pessoa que entendia. Vou te levar mana, custe o que custar, eu vou te levar, aí foi que a gente chegou. Ele me levou de canoa numa casa de uma senhora, lá em Cutipanã, próximo de Faro, me levou lá. Eu lembro que eu cheguei lá, praticamente assim, tipo desmaiada. Não era desmaiada e eu lembro que eu cheguei e me joguei no assoalho, lá eu fiquei. Tinha assim, parece um monte de gente na fila, e aí depois eles contaram, aí ela disse que ela ia atender todo aquele pessoal e eu ia ficar por último, porque eu era uma deles. Aí meu irmão ficou prestando atenção que ela ia me atender, porque eu ficar aliás por último, porque eu era uma deles, aí meu irmão, como? Porque a sua irmã ela é médium, ela tem o dom de ajudar as pessoas. Aí foi, foi, eu ainda*

*passsei uns três anos fazendo acompanhamento com essa senhora para lá. Três anos que ela dizia que era do começo ao fim que era para fazê tratamento, se não, eu ia ficar doente. Que era para endireitar minha linha, pra não deixar ninguém pegar, né. Pra não trancar, porque senão, eu ia ficar doente, fica louca, podia começar a bebê, bebê, fumar e outras coisas mais. Então, ela ia cuidar de mim, porque eu era uma delas. Aí, eu fiquei. Depois que eu voltei ao meu normal, perguntei da senhora por quê? Aí foi que ela foi me explicar. A senhora é uma das rezadeiras, a senhora é parteira, a senhora rezadeira, a senhora tem um dom de tudo, mas a senhora não sabia. Sabia, mas não queria se entregar e não sabia como lidar com essas coisas. Aí foi. E toda vez a gente ia de barco, a gente ia de rabeta, para lá. Eu creio que foi uns três anos nesta batalha. Eu completei meus trinta anos de idade, quando faltava, era trinta, trinta e um e trinta e dois. Foi, faltavam era dois anos, para completar trinta e cinco, né? Que foi quando deu uma crise e eu enxerguei o índio flecheiro pessoalmente. Aquela história que eu lhe falei lá, que via ele pessoalmente. Aí, depois eu comecei ver os espíritos que era o índio flecheiro, Arariá, o caboclo Marinho e o outros mais, eram sete. Aí foi, comecei ver as coisas, a entender o que que eles queriam dizer, o que estava para acontecer e as orações nunca esqueci, né. Daí era para benzer o quebranto, tirar uma espinha da garganta”.*

**P:** E quem te ensinava as orações?

**Lúcia:** *“Eles, eles diziam que Deus que tinha mandado, para mim poder ajudar meu próximo. E essas coisas, eles falaram que não era para ser vendido. O dom que Deus deu, não era para ser vendido. Era para se doar ao próximo. Aí desde essa vez, minha vida começou a mudar, mudar pra melhor, porque antes eu tinha muito medo, muito medo, mesmo. Até da minha própria sombra. E depois disso, não. E graças à Deus, eu não tenho medo de nada, de nada mesmo. Eu encaro a água, encaro o mato, não tenho medo e daí foi só pra melhor, só pra melhor mesmo. E hoje em dia, eu tô com 42 anos graças à Deus. Já fiz bastante parto, né. Desde esse tempo para cá, já venho partejando. Ainda não tive a sorte de pegar um menino, só menina, menina, menina, menina, mas é muito bom para mim. É muito gratificante de poder ajudar meu próximo, muito mesmo. De fazer o bem, algo a alguém, mas muitas pessoas não reconhecem esse lado da gente, né. A gente é esquecida por uma parte, não é dizer*

*esquecida, mas umas pessoas que sabem querem tapar o sol com a peneira, a gente tá ali. Puxa uma cortina é fulana, porque ela é rezadeira. Deixa de fora e não é isso. Se a gente tá pra ajudar o próximo, a gente pode ajudar o próximo, não só para ajudar e falar que eu ajudei o fulano, não! Se a gente ajuda a fazer amor ao próximo tem que guardar pra si. Não é chegar aqui e dizer, eu dei quatro banana pra dona Margô e saí daqui falando não. Fica pra si, é um segredo que a gente leva para o resto da vida, a gente morre com ele. É um aprendizado que eu aprendi e vou levar pro meu túmulo. Aí só quem sabe o que vai passar para neta, pra filha, é Deus que escolhe. Ele que faz os escolhidos, não é a gente. Ah! Vou escolher minha filha, meu neto, meu filho, para passar o dom, não isso. Vem de Deus”.*

Na benzeção há um segredo não revelado pelos rezadores pelo receio de perderem o dom da reza (GOMES; PEREIRA, 2004). Já no caso da Lúcia seria por uma questão ética e moral dela não demonstrar soberba e nem de se expor e nem de expor a pessoa que foi rezada.

Outro aspecto relevante, está no fato de Lúcia não atribuir valor financeiro à reza, já que ela e a cura são dons ofertados por Deus. Para Oliveira (2014) esta gratuidade vem do desejo de Deus que a rezadeira realize uma missão. Apesar da gratuidade da reza, as rezadeiras costumam ganhar “mimos” em retribuição dos serviços prestados e curas alcançadas. Para Maus (2003) quando a rezadeira recebe um “mimo” não se pode recusar.

**P:** E já tinha alguém na sua família que era rezadeira?

*“ Sim, meu bisavô. Mas eu nunca conheci, nunca conheci, eu só sei, porque eu tive contato com meu pai biológico antes dele falecer, e ele falou que meu bisavô se chamava Benedito Nogueira. O nome do cara, ele era o cara, era respeitado. Então, depois disso eu fiz tudo que a mulher mandou. Fiz tudo direitinho. Aí ela falou, bom agora eu sei que você tá preparada. E antes dela me dizer essas coisas, eu passei quase dois a três meses chorando muito, porque eu perguntava a meu Deus, se é para fazer as coisas de bom para as pessoas eu aceito, mas se for para praticar o mal, eu não aceito. Porque eu sou jovem, sou nova, tudo isso eu falava, né. Então, as pessoas vão me ver com outro olhar. Realmente aconteceu daquelas pessoas que acreditam chegar na minha porta pedindo socorro e eu estou ali para ajudar os que venham. Os espíritos ensinam remédio, a gente passa e a pessoa fica boa. Tem muitos que voltam para agradecer, tem muitos que não, mas eu fico feliz no mesmo tempo. Já chegou várias crianças desmaiando, vomitando, e vieram daqui desse hospital, porque não tinha ambulância na hora para socorrer e foi na minha porta e eu pude ajudar. Pra mim é uma*



*felicidade muito grande, não tem preço. Não tem dinheiro que pague. Então, é muito bom. É muito bom mesmo. E as pessoas médium que aparecerem para mim é uma alegria, é uma emoção muito grande, porque a família espírito está crescendo, tá aumentando. Pra mim é muito prazeroso saber que alguém é médium, né. Porque eu não tô ali sozinha, tem um braço amigo que eu posso contar também. E assim até hoje, graças à Deus, já não tive nenhum problema. Às vezes, para fazer adivinhação várias pessoas já me procuram e graças à Deus deu tudo certo, e daqui para frente para mim é só alegria, só alegria mesmo. Eu não bebo, eu não fumo e é muito raro ir numa festa, porque se eles vierem aqui no meu ouvido, não vai, eu não vou. Se meu filho, minha família, lá em casa se animarem para ir ver e eles disserem não vai que vai acontecer alguma coisa, alguma tragédia, eu evito, eu impeço. Não vai, não vai, não vai, pronto. Três palavras basta. Agora tem aquele dia, se ele dizer assim, você tá liberada, aí eu vou, mas é rapidinho. Eu vou e volto. Graças à Deus, não acontece nada. Mas é muito bom ser descoberta nessas coisas, porque quando eu era criança fiz essa pergunta pra mamãe. A senhora nunca desconfio que eu era médium? A senhora nunca percebeu? Ela disse: minha filha que eu me lembro você era muito medrosa e chorona. Você chorava, chorava, chorava e tinha medo de tudo, até seus sete anos. Dos seus sete anos, você tinha coragem de ficar sozinha e enfrentar sozinha. Ela dizia que dos meus três anos até meus sete anos que eu já me lembro bem, eu já tomava banho sozinha, já sabia amarrar meu cabelo sozinha, já sabia cuidar dos meus irmão, dá banho, amarrar o cabelo. Então pra mim era assim, ela dizia que as coisa evoluía muito rápido no meu aprendizado, muito rápido. Como dizia, essa menina é muito inteligente, ela dizia, ela nunca prestou atenção se eu realmente era o que eu era. Já sabia fazer uma costura, fazer um crochê, e ela dizia: quem te ensina? Ela nunca teve tempo pra me ensinar a tecer um crochê, a fazer qualquer coisa e do nada eu me metia ali e vou fazer isso, vou fazer aquilo. Aí ela ficava me olhando. Meu Deus quem que ensina pra essa menina nessa idade de fazer tudo isso, né? De fazer uma calcinha, fazer um shortinho, fazer um sutiã. Tudo isso veio tão cedo pra mim. E assim também foi uma coisa que é muito bom pra mim, foi muito bom, é uma paz que eu tenho. E assim, a gente que é médium, a gente que é espírita, a gente é muito, não sei como falar, como lhe explicar, porque é tipo um alerta, tipo uma sirene, quando vem para acontecer as coisas já vem aquele aviso. Já vem aquele, epa! É o mesmo que chegar na casa de alguém que tu sente muita energia negativa. Quando a gente chega na porta, a gente sente aquela mão no peito, epa! Vai devagar que aí tem pessoas muito negativas. Lá em casa mesmo, quando chega alguém. Eu sou muito boba, todos que chegam eu já mando entra pra dentro de casa, né. Então, depois fica aquele peso. E quando chega alguém feito porcaria com magia negra? Essas coisas que vem na dona Lúcia. Vim aqui para senhora me benzer, pra senhora me puxar. Eu passo dois, três dias devagar. Parece que meu corpo leva uma surra, mas eu atendo essas pessoas. Eu ajudo*

*mas as consequências fica, mas é assim, muito bom por uma parte, né, nessa caminhada. É ótimo e daqui pra frente é só alegria ”.*

Noto que, para Lúcia, o ofício de rezadeira tornou-se algo gratificante que lhe proporciona prestar socorro à muitas pessoas, como ela mesma cita **“já chegou várias crianças desmaiando, vomitando e foi na minha porta e eu pude ajudar pra mim é uma felicidade muito grande não tem preço, não tem dinheiro que pague, então é muito bom, é muito bom mesmo”**. E que por ser um dom divino, a diferencia dos demais, proporcionando-lhe um certo reconhecimento e status social na comunidade em que vive, como ela mesma conta **“as pessoas vão me ver com outro olhar, realmente acontece aquelas pessoas que acreditam, que chega na minha porta pedindo socorro que eu estou ali para ajudar”, “é tipo um alerta tipo uma sirene quando vem para acontecer as coisas já vem aquele aviso”**.

**Figura 5 - Foto da Telma**



Fonte: autora

Telma, mulher, mãe, avó, rezadeira, parteira, fazedora de remédios caseiros, corajosa e disciplinada.

### **c) Narrativa da Telma**

**P:** Como você se tornou rezadeira?

**Telma:** “ *Olá, eu me chamo Ana Telma e quando eu tive acesso a rezar, fazer remédio e invocar os espíritos, eu tinha 14 anos de idade. Aí, depois aos 15 anos exerci o cargo de parteira. Quando eu faço parto, eu sinto a voz de Deus dentro do meu coração, para me ensinar como é que eu devo fazer, como é que eu posso fazer, quando não devo fazer. Então, isso para mim é muito gratificante. Desde lá, eu venho exercendo esse cargo de parteira, fazer remédio, ensinava remédio caseiro, banho para as pessoas ”.*

As plantas são usadas como medicamentos pela humanidade há milhões de anos, desde as civilizações mais antigas, quando as mulheres eram responsáveis pelos cuidados da saúde de seus familiares e utilizavam as folhas e cascas de árvores como recursos para tratá-los (BADKE et al., 2012).

Na região Amazônica, a utilização de plantas medicinais é uma prática milenar que iniciou com os indígenas e depois com os africanos e colonizadores (SILVA; LOBATO;

RAVENA - CANETE, 2019). Ainda hoje, o uso destes recursos para o tratamento das doenças no contexto social em que vivem as pessoas no interior do Amazonas, onde o acesso ao médico muitas vezes é inexistente, é essencial. Pessoas como Telma, herdaram de seus ancestrais conhecimentos e saberes, transmitidos oralmente e através das vivências cotidianas, de como manusear, preparar, usar e administrar os remédios naturais (PINTO, 2008). E à medida que os descendentes dos ancestrais foram mudando para outras regiões, levaram consigo, os saberes dos remédios caseiros. Sendo este um dos motivos que fazem as pessoas que moram na capital amazonense, Manaus, recorrerem ao uso de remédios caseiros, banhas de animais, chás, garrafadas, banhos e óleos naturais para tratarem de problemas de saúde, é a credibilidade da eficácia do tratamento. Seguindo o viés da medicina popular, Firmo et al., (2011); Gadelha et al., (2013) referem que em média 80% da população brasileira utiliza recursos da medicina popular para tratar algum tipo de doença. Esta prática faz com que as pessoas se solidarizem mais, além de desenvolver a comunidade e estimular a participação social (GADELHA et al., 2013).

**Telma:** *“ E o tempo se foi passando, foi passando, foi passando, né. E eu continuava, eu falava em Deus, mas eu não tinha o conhecimento de Deus na minha vida. Eu falava por falar, mas eu não tinha aquele conhecimento, né, de Deus. Buscar Deus mesmo, porque Deus também é espírito e assim como tem os espíritos mal que faz a maldade que faz essas obras de bruxaria para as pessoas, para matar, para tirar a vida das pessoas, tem um espírito da parte de Deus que é para nós abençoar, para nos ensinar remédio, como que tem que fazer, como é que tem que ser, né. Então, essa era a minha comunicação com os espíritos das trevas. Quando foi 1999, eu aceitei a Jesus como meu único senhor e salvador. Isso aconteceu dia primeiro de abril. No livro que tem na bíblia que se chama Apocalipse, capítulo 22 do versículo 15 e lá fala, sobre os que ficarão de fora, os feiticeiros. Aí quando falou feiticeiro, refletiu em mim e então aquilo me comoveu, me comoveu mesmo e eu nunca tinha lido a bíblia. Eu via a bíblia mas eu não tinha se me dedicado a sua lei. Então eu comecei a ler a bíblia e disse que queria ser liberta, né. Talvez as pessoas não acreditam que seja uma libertação, mas hoje eu falo porque aconteceu comigo, porque quando eu pegava espírito eles me batiam, eu desmaiava ficava ali horas e horas sem falar. Eles invocavam e eles falavam outra língua que não era minha, mas o meu pensamento lembrava de tudo, mas o meu corpo funcionava com outro tipo de voz que vinha. Então eu não sabia como me defender. Eu não sabia lidar com aquilo, né. Então, aí foi quando eu conheci a palavra. Quando eu conheci a bíblia que eu fui buscar profundamente. Foi estudando a bíblia que eu*

*aprendi, que ela liberta. Então, que eu fui liberta desses espíritos da treva. E hoje eu lido com a espiritualidade da parte de Deus, que se chama espírito santo, que ele que é a fonte da sabedoria. Diferença assim, bem pouca. Eu vejo que é uma diferença bem pouca, porque o espírito santo ele é a fonte da sabedoria. É ele que nos ensina, então hoje, eu vejo que ele me dá sabedoria para fazer os parto, para saber como o filho da mãe tá dentro da barriga. Como endireitar, como fazer remédio para a mulher da dor para partejar, como fazer o remédio para tirar placenta, como cuidar daquela mãe. É preparar ela fisicamente e psicologicamente. Eu oro por ela na hora que elas vão entrar em trabalho de parto. Às vezes, eu oro quando elas me contratam. Eu já começo a orar, faço uma lista do nome delas e começo orar por elas. Então hoje, eu não desmaio mais, não pego mais aquelas tapa que eu pegava quando invocava os espíritos das trevas. Hoje, eu invoco o espírito santo de Deus, que é o espírito da sabedoria. E hoje em dia, o meu contato com ele é orando, é louvando, é fazendo pedido. E ele nos atende no momento da dificuldade, no momento bom ele vem, nos socorre. Então, a minha comunicação com os espíritos de Deus é essa, porque antes.....Hoje sei discernir a comunicação e os seus anjos que só invocam aqueles que busca ele. A parte da maldade, tenta fazer maldade as pessoas, né. E ele segue essas pessoas desse tipo que se entrega para ele, também. Assim como Deus tem uma fonte de sabedoria, o inimigo também tem a sua fonte de sabedoria, né. Então, só isso que eu entendo. Será que eu tô te ajudando Margô ou eu tô te agonizando, deixando tu encabulada? Me fala aí, tá. Então é isso que eu digo pra ti ”.*

Telma tem uma história religiosa que a diferencia das demais rezadeiras desta pesquisa, relatou que no passado pertencia a uma religião de matriz africana e atualmente pertence a uma religião de denominação pentecostalista que descriminaliza a anterior. Motivo pelo qual o título desta pesquisa teve que ser mulheres rezadeiras e não benzedadeiras ou curandeiras, pois ela se autodenomina rezadeira, pelo fato do termo benzedeira e curandeira remeter a atribuições do Satanás. Outro aspecto observado foi que devido ao fato da Telma ser evangélica e ter valores diferentes das outras três rezadeiras do grupo, foi observado um certo distanciamento entre elas.

Segundo Oliveira (2014), dificilmente uma rezadeira não abandona totalmente seus conhecimentos religiosos por eles estarem atrelados a suas devoções herdadas culturalmente, no entanto, no caso da Telma acredito que este fato não se aplique, pois ela é muito fervorosa no seu seguimento evangélico, abandonando até mesmo o uso de plantas durante a reza, realizando-a apenas com Jesus e o espírito santo.

Telma refere que era muito maltratada quando os espíritos incorporavam no seu corpo, no entanto, ao ouvir uma passagem bíblica reconheceu que era a oportunidade para se libertar dos espíritos e que este era o caminho que deveria seguir. E de acordo com Silva (2005) as religiões de denominação pentecostal atribuem ao corpo o valor de santuário, pois é a morada de Deus. E desta forma quando o “demônio” se apossa desse corpo, através das incorporações têm como intenção destruir a obra de deus. Este autor, Silva (2005) ainda acrescenta que apenas o espírito santo de Deus poderá vencer o demônio, fazendo com que ele saia do corpo da pessoa, para que o espírito santo de Deus entre. E em concordância com o autor, Telma narra que atualmente só invoca o espírito santo de Deus, pois ele com sua sabedoria que a orienta inclusive na confecção dos remédios caseiros.

Para Santos (2007) quando uma pessoa torna-se evangélica inclusa no grupo pentecostal, todas as demais religiões, inclusive as não oficiais tornam-se diabólicas.

**Figura 6 - Foto da Silvana**



**Fonte: Autora**

Indígena Saterê, mãe, avó, rezadeira, parteira, erveira, fazedora de remédios caseiros, artesã, vendedora de salgadinhos e churrascos, sensível, forte e alegre.

#### **d) Narrativa da Silvana**

**P:** Como você se tornou rezadeira?

**Silvana:** *“Foi assim, oh! Quando eu tinha uns 10 anos por aí, a minha mãe mandou eu levar um pedaço de veado a uma vizinha. No caminho, eu fui encontrada por dois homens. Um senhor idoso e um mais novo um pouco. Me levaram em pensamento, assim no meu ponto que eu me lembro, a uma caverna, e lá me explicaram que eu ia ser uma boa benzedeira. Que eu tinha uma coroa muito brilhante, eu ia ter coisa com os encantados, meus mestres. Os meus guias moravam no encanto. Quando eu voltei, tudo bem, normal, né, normal. Com o tempo, aconteceu de novo com 14 anos e comecei a ficar doida, corria, na minha vista eu enxergava homens de guerra, homens de cavalo e eu saía feito doida correndo para água me escondendo deles, mas as pessoas não via nada, só eu que enxergava as pessoas andando atrás de mim e os outros não enxergavam, nem o meu marido, não enxergava ”.*

Silvana é indígena da etnia Sateré Mawé e foi morar em Mocambo do Arari quando se casou com um homem de lá. Desde sua infância relata que através do transe mediúnic, encantados incorporavam seu corpo, fazendo-a ter comportamentos, ações e atitudes que de forma lúcida, não teria. Também nos conta que desde muito jovem ela foi conduzida e orientada pelos encantados até ao encanto ( local onde eles vivem), sendo esta uma condição que muitas pessoas do Mocambo do Arari acreditam ser dom das rezadeiras que “herdaram “poderes” afro-indígenas que sobrevivem nos encantos” (JÚNIOR; SILVA, 2020 p. 187). Para Cordeiro (2017), Silvana foi despertada muito cedo, pois com dez anos de idade foi levada ao encanto e já sabia “puxar” as desmentiduras das pessoas de sua comunidade que já a consideravam experiente e a procuravam para receber seus cuidados. Segundo Chagas et al., (2007) um dos aspectos para se compreender a relação entre as pessoas e as rezadeiras é a confiança que elas têm pela rezadeira, que para Gorzoni (2005) está relacionada pelas relações estabelecidas na troca pelos seus conhecimentos.

**Silvana:** *“ Aí comecei a puxar também desde muito nova. Quando comecei a puxar eu tinha 10 anos. Comecei a puxar as pessoas que se desmentiam no jogo de futebol. Eu ia para beira do campo assistir e se alguém machucasse, eu só ia puxá se pedissem ajuda. Sem me pedir ajuda, eu não ia. E começava a puxar e dava jeito no joelho, no pé e as pessoas começaram a falar, ela sabe puxar, aí comecei. Quando eu tinha 12 anos, pela primeira vez, ajudei uma tia minha que também era pajé e curandeira, a fazer parto. Ela falou que quem fez o parto foi eu, não ela, né. Porque ela sentiu a presença de outra pessoa, lá perto dela. Aí com 16 anos eu comecei benzer, comecei benzer, benzer. Os encantados já no meu corpo, né, aí eles começavam a benzer, diziam que a pessoa tinha. Nunca falaram que era judiaria, mas sempre falavam essa criança tá espantada. Eu me lembro que quando me acordava, voltava a mim, meus cabelos já estavam úmidos, parecia que eu tinha tomado banho, mas eu nem tomava banho, mas era só do meu espírito está andando para cá, para ali, né, atrás das... porque*

*quando a criança tá espantado que a gente diz, a criança fica com moleza no corpo, não abre o olho, vômito, diarréia fica desnutrido. Aí os médicos diz que a criança está desnutrida e tá assim...e não encontra a veia, né, de tão desnutrida. Aí tá. Aí eu benzia as crianças ficavam boa, ficavam curada. Eu me lembro de uma vez que trouxeram a criança que não pegava peito, ela tava toda desmentida e espantada. A criança tinha caído do forno, se desmentiu e se espantou. Eu tive um privilégio de ir no encante e encontrar meus primos que morreram antes de eu me tornar benzedeira. Eles me explicaram o que aconteceu com eles. Saiu o bicho das águas e levou as almas deles. Por causa que a minha tia tinha batido muito na beira do rio, antes do temporal. E eles estavam presos, os espíritos deles estavam presos. É como se eles estivessem presos, eu entrei na cela. Sabe no encante é igual cadeia, igual presídio, todo cheio de criança presa. Sabe essas crianças que morrem? Eu acho, né. Aí ele me explicou que um bicho tinha levado ele, me mostrou e o bicho era igual um búfalo, mas era muito grande, morava lá no porto da comunidade. Eu olhei e esse meu primo estava todo acorrentado no pé, na mão, por isso que ele não pode voltar. Ele falou: eu tava muito seguro e que para sair daqui levaram todos os curandeiros da região, mas não teve jeito. O meu tio que também morreu, também falou a mesma coisa para mim, né. Que quando ele morreu devido está gritando na cachoeira e já era tarde, aí pegaram o espírito dele e prenderam. Ninguém recorreu logo, por isso, o espírito dele o bicho levou. Com 24 anos, mandei fechar o meu corpo e não tenho mais esse negócio de encontrar com os encantados, só mesmo quando eu quero mesmo, quando eu não quero eu não faço, não benzo. Só estou benzendo mesmo, não tenho mais esse encontro com eles, porque eu mandei fechar meu corpo, mas às vezes, mesmo assim, eles aparecem. Era para mim voltar de novo para abrir meu corpo, só que quem fechou o meu corpo, já morreu, aí só podemos abrir o corpo com a pessoa que a gente mandou fechar. Mas eu ainda faço parto, benzo, faço banho, essas coisas... ainda eu faço. Os meus mestres vem me ensinar a noite. Quando eu faço as coisas de dia, benzo e puxo, aí quando for de noite, quando eu durmo, eles vem nos meus sonhos para explicar, ensinar qual é o remédio e como é para fazer essas coisas. E quando não é pra mim, eles também falam que não é para mim me aproximar e que não é para mim continuar com trabalho não. Eles falam isso, se comunica assim, no sonho. E também se eu for numa cachoeira, se eu chegar*



*numa cachoeira, num olho d'água e igarapé, eles falam que eu tenho que pedir licença para entrar. Eu não sei porque, mas sempre eles falam isso. Eu benzia com três folha de mandioca, três folhas pião e três galinhos de pião pajé e pião barrigudo e um galho de arruda, um galho de manjeriço. Com essas folhas daí eu benzia e parecia que eu tinha mais magia benzendo com essas folhas do que só benzendo com a mão ”.*

Os ramos de plantas utilizados para a benzeção servem para exorcizar a maldição da pessoa e para absorver todo o mal e neutralizar a negatividade (OLIVEIRA, 2014).

**Silvana:** “ *Porque era assim, oh! Os médiuns que não sabiam que eram médium tinham medo, como era comigo, porque só a gente tá ouvindo, os outros não tão ouvindo, porque a gente ouve vozes, a gente sente arrepios, é tipo o modo de quem tá cochichando. A gente fica com medo, a gente não sabe o que que é, né. Aí só fechando o corpo para não ouvir mais os cochichos tipo conversa que a gente fica ouvindo. Fechando o corpo a gente fica normal, a gente não ouve nada de cochichos. Porque quando a gente fica escutando os cochichos, a gente sente um medo, um arrepio, e quando ficamos sozinha, a gente fica com medo. Aí agora quando fecha o corpo não, não sente nada disso, a gente fica normal como qualquer uma outra pessoa. Mas quando é para fechar o corpo de outras pessoas médium igual a mim, da linha branca, eu tinha que me incorporar, porque nós somos da linha branca, nós não somos da linha preta. Da linha preta são essas pessoas que trabalham com oferendas, essas coisas assim. A gente não, não trabalha com oferendas, só faz mesmo invocar, fazer remédio e benzer e puxar, só essas coisas aí ”.*

Quando Silvana fala em “fechar o corpo”, está se referindo que não queria mais ter contato com os encantados, mas mesmo assim, eles vêm em seus sonhos para orientá-la quantos aos cuidados que oferece às pessoas. Ainda nesta narrativa, Silvana diferencia “linha branca” e “linha preta”, demonstrando que é importante salientar seu posicionamento como pessoa do bem, por seguir a “linha branca” demonstrando preconceito religioso com os seguidores da “linha preta” da sua religião. Preconceito este estabelecido por considerar que as religiões que fazem oferendas a entidades espirituais como as religiões de matriz africanas, são diabólicas (SILVA, 2005).

**P:** Quem são os encantados?

**Silvana:** “ *Os encantados são os botos e cobra grande que vive no rio e a gente não vê. Os encantados são aqueles que já foram gente um dia e moram na profundidade. Aí quando a gente é médium consegue ouvir tudinho que eles ficam falando, rindo, achando graça. A gente fica ouvindo as conversas, mas os outros não conseguem. Agora quando a gente é médium, os mestres só incorporam no corpo da gente quando a gente canta e chama eles. Aí eles vêm. Agora os encantados da mata, moram nas cabeceiras. A senhora foi para o terreno da Luciene e os riachos que têm dono, existe encantados. Eles já foram gente um dia, mas as alma deles está no encante. Agora os guias são diferentes dos mestres que a gente fala. Meus guias são esses São Pedro e São Jorge, São Mateus e São Marcos que foram os discípulos de Deus, de Jesus. Esses aí que são os mestres da gente. Os guias que a gente fala, né ”.*

Silvana diferencia mestres que são os encantados dos guias que são os santos da igreja católica, discípulos de Jesus Cristo, demonstrando a presença do sincretismo religioso.

**Silvana:** “*Agora, quando tá fechada não, a gente vive como uma pessoa normal. Eu entendi assim, né. Eles ensinam os remédios, os mestres bons ensinam a gente fazer remédio para outras pessoas que procuram a gente, né. Quando as pessoas vêm para benzer trazem criança, adultos, velhos. A gente consegue fazer remédio e as pessoas ficam curadas, né. Os encantados contam tudinho da vida da vida da pessoa pra gente, o que acontece, o que aconteceu e o que vai acontecer. Para fechar o corpo da gente tem que ser um pajé. Ele reza e canta. Pode ser Sacaca, mestre Sacaca, mãe Jurema, é tudo quanto é este tipo de mestre, que a pessoa tem. Eles afastam, tiram e pegam a linha da gente, aí gente não faz mais o mesmo trabalho que eles ”.*

## **7.1. ENCONTROS COMUNITÁRIOS**

Durante a pesquisa de campo foram realizadas quatro viagens para Mocambo do Arari - AM, onde ocorreram vários encontros. Na primeira ida ao Mocambo do Arari, em 04 de junho de 2022 fui recepcionada em Parintins pelo Alair, dono da pousada onde fiquei hospedada em Mocambo do Arari, durante todo o tempo da pesquisa e que posteriormente, tornou-se um amigo.

Embora seja um distrito de Parintins, Mocambo do Arari fica há seis horas de Parintins, de barco. Chegando a Mocambo realizei o reconhecimento geográfico andando por toda ilha, aproveitando para realizar o levantamento das mulheres rezadeiras com o Alair que também é morador local e demais comunitários por ele indicados. A partir daí, fui à procura destas mulheres para me apresentar e convidá-las para uma reunião no fim do dia para explicar a pesquisa, seu objetivo, metodologia e os critérios de inclusão. Inicialmente, só compareceram três mulheres, onde ocorreu a apresentação das mesmas, de mim e do meu interesse por estudá-las. A quarta integrante do grupo apareceu no dia seguinte, no segundo encontro, onde todas aceitaram participar da pesquisa. Os encontros foram realizados na pousada, mas na maioria das vezes na rua, por ser mais fresco e não ter carapanãs (mosquitos).



**Figura 7 - Foto das rezadeiras com Alair (morador local e dono da hospedaria)**

A partir daí, passamos a nos encontrar nos fins de tarde, na rua, em frente da pousada onde fiquei hospedada para discutirmos as ideias e as demandas das mulheres rezadeiras. Nessa primeira visita, fiquei cinco dias.

A segunda viagem a Mocambo do Arari ocorreu três meses depois, em 16 de setembro de 2022, onde tive a oportunidade de ficar com a Lúcia, uma das rezadeiras do grupo, por cinco dias, em sua tapera na alta floresta, conhecida pelos moradores locais de “Centrão”. O objetivo foi conhecer a relação dela com ervas e árvores utilizadas para remédios e rezas e também com os encantados.

Durante os cinco dias fui apresentada a uma imensa variedades de plantas, desde pequenas ervas à gigantescas árvores que são utilizadas para todo tipo de necessidade, desde

remédios caseiros, banhos, banhos de assento, incensos de breu branco (“clarear” os pensamentos), chás, tinturas, rezas contra mal olhado, macumbaria, feitiçaria, ventre virado, zombarias de maus espíritos, espantamento, “mãe do ventre” (mulheres com dores e/ou distensões abdominais após o parto), desmentiduras (dores, torções e distensões musculares), dentre outras coisas. Também pude observar maior proximidade da Lúcia com as plantas, onde de forma generosa descrevia as características e funções terapêuticas. O respeito pela “mãe da mata”, também conhecida como Curupira, é algo presente a todo tempo. Durante o trajeto a pé pela mata para apresentação das plantas, pude perceber o quanto o Curupira é vivo e presente no cotidiano da Lúcia e de toda comunidade do Mocambo do Arari.

Ao caminhar pela floresta com a Lúcia, mesmo sabendo que estávamos a 18 km de distância da área urbana de Mocambo, tive a nítida percepção de que estávamos sendo observadas todo tempo. Talvez pela infinidade de seres ali presentes. Costumo dizer que uma árvore é um condomínio, de tantos seres que ali vivem. O ambiente da mata fechada é um mix de sensações e percepções de difícil descrição, pois as sensações são antagônicas, ao mesmo tempo mágica e apavorante. Em alguns lugares, a floresta era densa, depois de alguns passos, ela se mostrava acolhedora, clara, suave, e de repente tornava-se sombria e assustadora. Cheguei a questionar se este carrossel de sensações e percepções tinha como fundo, o medo de um ambiente novo e desconhecido. No entanto, me sentia à vontade para escolher os pequenos desvios de percurso que fiz, sem o acompanhamento da Lúcia, assim como as paradas para contemplar as árvores majestosas com as quais nos deparamos.

No dia seguinte, após retornar para área urbana da agrovila do Mocambo do Arari fizemos uma outra reunião para combinarmos onde e quando seriam coletadas as narrativas destas mulheres sobre a trajetória delas com a reza, ficando decidido que eu iria ao encontro delas, no local a ser combinado. E assim ocorreu.

A terceira viagem ocorreu em 08 de dezembro de 2022, onde permaneci na agrovila por 10 dias, podendo acompanhar a rotina das mulheres rezadeiras em suas atividades com a mata, as ervas e a comunidade. Reafirmando a ligação entre estes elementos da natureza e as rezadeiras. Durante o período desta pesquisa de campo, surgiu um edital para se criar um museu Vivo e sugeri as rezadeiras que seria muito importante se concorrecê-mos e elas aceitaram participar.

Na quarta viagem foi de 31 de março a 11 de abril de 2023 quando acompanhei uma das rezadeiras, Silvana que iria viajar para a comunidade indígena da qual pertencia para “reabrir” seu corpo que havia sido “fechado” por um pajé, anos atrás. Nesta viagem tive a oportunidade de presenciar a incorporação de três encantados no corpo da Silvana durante a realização da reza uma criança e sua mãe, uma outra mulher e eu. O que me chamou a atenção é que o tratamento prescrito pelos encantados foi todo à base de ervas e de partes de corpos dos animais, o diferenciando dos tratamentos de medicina popular prescritos por humanos. Também tive a oportunidade de observar a relação da Silvana e das crianças da comunidade com a água, demonstrando toda uma interação e intimidade.

## **7.2. DEMANDA RESOLUTIVA - O MUSEU VIVO DA REZA**

Como sugere Santos (2015), a pesquisa com comunidades precisa ter um perfil resolutivo, colocando em convergência os objetivos acadêmicos e os objetivos comunitários.

Em 2023, a convite da Superintendência de Saberes Tradicionais (UFRJ), surgiu a possibilidade de concorrer a um edital para Museus do FINEP, no qual a Superintendência seria proponente de um grande Museu Vivo, criando espaços em todo o Brasil. Diante da oportunidade de concorrer ao edital para criação de um museu vivo, todas as rezadeiras ficaram muito entusiasmadas, o que mexeu muito com o imaginário delas e com o meu. Começaram a emergir ideias e desejos, começando pela idealização do local, o tipo de atividades serem realizadas, materiais necessários que originou uma lista de materiais, a repercussão que o trabalho delas poderia ter com os jovens, despertando o interesse pelas atividades de reza, parto, confecção de remédios caseiros e puxar desmentiduras. Começamos a nos mobilizar para responder a todas as exigências do edital e a fazer os encaminhamentos necessários. Também conversamos com a diretora da única unidade de saúde do Distrito Mocambo do Arari para criarmos parceria de trabalho, pensando numa possível vitória.

Cumprimos todas as exigências, mas o edital não foi adiante, por questões que por razões desconhecidas. No entanto, o desejo de participar de outros editais persiste, porque a necessidade e a vontade de conseguir um espaço físico que permita que as atividades tradicionais desenvolvidas por estas mulheres ganhem o reconhecimento devido e permaneçam vivas, reverberando sua importância por toda a comunidade.

## **8. REFLEXÕES E ANÁLISES - EU E AS REZADEIRAS EM DIÁLOGO COM OS AUTORES E AUTORAS**

### **8.1. MEDICINA DA MATA**

As mulheres rezadeiras do Mocambo do Arari são herdeiras de conhecimentos ancestrais de cura, elas tratam quaisquer tipos de doença física, psicológica ou espiritual provenientes de feitiços e utilizam os recursos naturais da floresta e as orientações espirituais que recebem de seus mentores espirituais, que orientam quais e como devem ser utilizados para oferecer cuidados à comunidade onde vivem.

A rezadeira Nadir tem o dom de curar e explica que recebe orientações de quais folhas, ervas ou casca de árvores devem ser utilizadas e por quanto tempo, através das orientações de seus guias espirituais. Ela conta: “ Eles [os espíritos] mesmos me ensinaram a fazer tudo. Os homens, um era o Sacaca, o outro era o Flecheiro, o outro era o Rei da Floresta, o outro era o que era o chefe mesmo, né que tinha, que era o chefe. Eu sei que era sete espírito com a Mariana, que tinha. Aí eu fazia minha banca, aí eu tinha minha mesinha, eles mandaram eu construir uma mesinha, aí uma cuinha, eu tinha uma cuinha e tinha um copinho que era pra dá suco pra tal de Mariana que eu tinha um espírito, Mariana, chamado Mariana, era só uma que era mulher, o resto tudo era homem Aí eu fazia o trabalho, aí eu dava de fazer... de querer fumar (NADIR)”.

Já a rezadeira Telma relata: “eu lido com a espiritualidade da parte de Deus que se chama espírito santo que ele que é a fonte da sabedoria, é ele que nos ensina então hoje eu vejo que ele me dá sabedoria para fazer os parto para saber como o filho da mãe tá dentro da barriga né como endireitar como fazer remédio para a mulher da dor como fazer o remédio para tirar placenta como com o cuidar daquela mãe né é preparar ela fisicamente e psicologicamente. Jesus como meu único senhor e salvador da minha vida né então é assim que eu me comunico com ele ele me mostra quando está para acontecer as coisas bom ele me avisa em sonhos ele me mostra ele faz a gente é sentir dele em todo momento né e os espíritos distinguir os espíritos dos encantado ele vem assim tipo um calafrio da ponta dos seus pés e vai invadindo seu corpo todo né aí daqui a pouco não é você que fala é eles que fala através do seu corpo e distinguir o espírito santo de Deus ele vem de cima ele vem do alto da nossa cabeça a ponta dos pés e aí você começa a falar em línguas estranha e outras línguas estranhas e ali você tá falando mas ele tá te mostrando na sua mente”.

A rezadeira Silvana conta : “eu tava com 14 anos 13 anos que a minha irmã teve o filho dela primeiro o filho dela ajudei ela ter filho também não era eu e assim isso já é coisa dos encante né porque os mestres da gente é dos encante então quer dizer que aquelas pessoas que utilizava meu corpo não era as pessoas desse mundo, né. Com 16 anos eu comecei benzer comecei benzer, benzer os encantos já no meu corpo né, aí eles começavam a benzer, diziam que a pessoa tava nunca falaram que era judiaria essas coisas, né. Mas sempre falavam tá, essa criança tá espantado eu me lembro me acordava, quando eu voltava a si né meus cabelos já estava úmido”.

De acordo com Cruz (2012) devido ao fato das rezadeiras serem influenciadas pelo cristianismo em suas diferentes religiões e crenças, acreditam que os recursos naturais da floresta são advindos de Deus, assim como a cura das doenças que também necessitam da fé para que ocorram.

Podemos perceber que as rezadeiras anteriormente citadas, narram que o uso dos remédios e suas propriedades fitoterápicas são ensinados através de experiências espirituais que podem ocorrer através de incorporação física, comunicação auditiva, visual ou por sonhos. E que desta forma conseguem curar as pessoas. Além destas mulheres serem rezadeiras, também são: agricultoras, mães, esposas, avós, pescadoras, parteiras e puxam desmentiduras, tornando-as reconhecidas e respeitadas na comunidade onde vivem, como pessoas diferenciadas que a comunidade pode recorrer quando necessita de socorro. Estes motivos associados à cultura das mulheres da agrovila do Mocambo do Arari partejarem em suas casas faz com que as parteiras sejam a primeira opção de cuidado para as grávidas na hora do parto. Recorrendo à única Unidade Básica de Saúde – UBS da comunidade que dispõe dos seguintes profissionais de saúde: duas enfermeiras, um dentista, uma assistente social, técnico(a) de enfermagem e agentes comunitários de saúde, quando orientadas pelas parteiras da necessidade de serem transferidas para o município de Parintins para receberem serviços médicos especializados, já que o município disponibiliza de uma unidade hospitalar.

Os conhecimentos das mulheres rezadeiras referente aos cuidados oferecidos às pessoas, através da reza, dos remédios caseiros e do acompanhamento ao parto domiciliar não são questionados em nenhum momento, pelo contrário, são seguidos minuciosamente, demonstrando sua credibilidade e grau de importância.

## **9. ESPÍRITOS DA FLORESTA, ENCANTADOS, ESPÍRITO SANTO - VEÍCULOS DE CONHECIMENTO E CURA**

É complexo pensar num conjunto de práticas ritualísticas onde através da comunicação com os espíritos da floresta e encantados sejam transmitidos conhecimentos de cura, até mesmo porque, não é conhecido nenhuma referência que unifique estes saberes, como existe em algumas religiões cristãs ocidentais. Entretanto, podemos pensar que o corpo humano possa ser o veículo de transmissão de conhecimento de cura e compreendido como veículo expressivo e comunicador entre o visível e o invisível, com um registro de gestos, sons, cantos, orações, movimentos e falas que podemos chamar de veículo de comunicação de conhecimentos culturais, ou seja, um espaço de rituais que constitui uma forma de escrita performativa (NARVAES, 2006).

Considerando que os conhecimentos ancestrais eram transmitidos de forma oral e muitas vezes secreta, é compreensível que não haja registros sobre as formas de comunicação entre os seres não humanos e os humanos. Segundo Narvaes (2006) outros fatores relacionados com a dificuldade dos registros dos conhecimentos estão relacionados a algumas religiões e rituais onde os corpos são marcados e conduzidos apenas pelos sacerdotes, pajés ou curadores, como ocorre na escarificação do corpo realizada no candomblé que pode ser considerada como uma escrita que tem significados coletivos e propicia que os conhecimentos culturais sejam perpetuados.

Outra referência na qual podemos nos basear é no livro dos espíritos, escrito por Allan Kardec, fundador do Kardecismo que define espírito “como seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material” (KARDEC, 2013, p. 85).

Tendo como perspectiva as religiões de matriz africana e o Kardecismo podemos considerar que os registros de comunicação são realizados, porém de forma não convencional, possibilitando que as curas continuem acontecendo por intermédio destes seres não humanos, no qual podemos reconhecer o gênero do orixá e a família a que ele pertence, quem é a entidade, a data e as ervas utilizadas.



## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para o percurso que fiz durante o doutorado, observei que o tema escolhido não poderia ter sido outro, porque as rezadeiras estão em mim e nos meus antepassados. E tentar compreender este universo dos saberes populares é algo que me encanta e atrai.

Com a oportunidade de realizar o doutorado no Programa EICOS da UFRJ e a entrada no grupo de pesquisa Labmems me descortinou um universo novo e amplo, "a possibilidade de pesquisar e escrever exatamente do modo como acredito", que considerava não caber na academia fez reavivar meu desejo em pesquisar sobre espiritualidade e natureza.

Pensei em pesquisar vários outros temas, mas quando decidi que pesquisaria as rezadeiras foi algo que abrandou a aflição e a indecisão que me acompanhavam.

Percebo neste momento, que a pesquisa com as mulheres rezadeiras de Mocambo do Arari já havia iniciado há pelo menos oito anos atrás, quando uma amiga falecida em 2019, moradora de Parintins, comentou que eu iria gostar muito de conhecer uma comunidade chamada Mocambo do Arari e se dispôs a me levar para conhecer a comunidade, o que foi motivo de uma conversa de horas, despertando minha curiosidade pelo local.

Com a escolha do tema, decidi que estudaria as rezadeiras tradicionais que tinham uma relação cotidiana e direta com a natureza, o que inicialmente foi difícil de encontrar na cidade de Manaus, me fazendo procurá-las em outras localidades.

Foi conversando com um amigo também falecido em 2022, professor da Universidade do Amazonas - UFAM sobre a dificuldade em encontrar rezadeiras tradicionais que ele me indicou o Distrito Mocambo do Arari, local onde trabalhou muitos anos.

Inicialmente, recordei da conversa tida com minha amiga sobre Mocambo do Arari, mas a princípio não achei nada que me chamasse a atenção. No entanto, ao escrever estas linhas, percebo mas não compreendo com muita clareza a relação dos meus amigos, ambos já falecidos, com as rezadeiras de minha pesquisa em Mocambo do Arari, pois não acredito em coincidências.

Quanto a todo meu processo de pesquisa, eu o divido em duas etapas. A primeira durante a pesquisa de campo, quando tive a oportunidade de observar a importância da resistência das mulheres rezadeiras frente às dificuldades que enfrentam para fazer com que a

atividade da reza permaneça viva. Há um desejo das rezadeiras em sensibilizar outras pessoas a dar continuidade a atividade da reza, dando visibilidade à importância da existência de seres não humanos e mundos paralelos, a magia que ocorre diante de nós e não identificamos por falta de intimidade com a natureza, o que nos deixa completamente ignorantes e vulneráveis.

A segunda foi durante a fase da escrita que também divido em duas fases. Uma durante a pandemia de COVID - 19, em que permaneci extremamente só e confusa, sem saber ao certo o caminho a seguir, apesar das orientações e acompanhamento. Digo que foi uma fase muito difícil, sem literalmente ter para onde fugir de meus medos e insegurança. A outra fase, aconteceu nos últimos seis meses para o término do doutorado, quando vim para o Rio de Janeiro. Inicialmente não foi fácil, tive uma laringite por conta da mudança brusca de temperatura que me deixou mais de um mês doente e me fazendo ir para a Unidade de Pronto Atendimento - UPA. Depois tive dificuldades pessoais e aos poucos consegui me estabilizar, porque só pensava em dar continuidade à minha escrita. Ainda meio embolada, fui orientada a ir todos os dias para a biblioteca da UFRJ - foi minha salvação, em aproximadamente dois meses e meio, consegui organizar o que vagava dentro de mim e escrever.

Foi de extrema importância sair às 06:00 horas de Niterói para chegar às 08:30 horas no campus da Praia Vermelha e sair às 19:00 horas. A sensibilidade de minha orientadora de me puxar para fora do furacão foi imprescindível para eu conseguir focar para escrever. Foi um aprendizado enorme, porque me surpreendi comigo mesma, levantando apenas para comer e ir ao banheiro. Na verdade, estar na biblioteca passou a ser libertador, porque apesar de estar novamente só, me sentia muito confortável à medida que conseguia escrever. Então, posso dizer que o meu processo de doutoramento foi uma etapa de evolução positiva, onde aprendi a conhecer meu processo de escrita que gradativamente foi me proporcionando ganhar confiança suficiente para a inspiração chegar, clarear as ideias e acalmar a ansiedade.

Em relação às mulheres rezadeiras, não as analisei e não as analisarei. Não é esse o objetivo da pesquisa. Antes, coloco em análise meu processo de busca para dentro e para fora, num movimento de construção, dissolução, arranjo e rearranjo do que me inquietava: como essas mulheres se movem, e como se relacionam com o mundo à sua volta?

Coloco também em análise meus objetivos, e identifico que estavam equivocados em sua formulação. Com o passar dos encontros, entendi que minhas perguntas estavam fora de lugar. Eu me perguntava como se dava a relação delas com a reza, com a mata e com os

encantados.

Me coloquei a visitar memórias da reza ao longo de minha vida e a dialogar com as mulheres do Mocambo. E então, pude ver: não há relação. E elas são a reza, a natureza e a espiritualidade, sendo estes três fatores conectados, interrelacionados e constituintes da vida delas, presentes cotidianamente em suas atividades.

Pelo fato da reza, natureza e espiritualidade serem parte estruturante das mulheres rezadeiras estudadas nesta pesquisa, penso que seria interessante acompanhá-las por mais tempo para presenciar o atendimento das demandas espontâneas da comunidade. No Mocambo há uma dificuldade de comunicação e a distância entre as comunidades, porque lá não funciona o telefone, mal funciona a internet (whatsapp). Essa lentidão da comunicação inviabilizou o acompanhamento de dois atendimentos, para os quais fui convidada, mas só tomei conhecimento no dia seguinte. O conhecimento prévio destes fatores é de grande relevância para futuras pesquisas de campo. Penso também, ser interessante para dar continuidade a minha ou a novas pesquisas, acompanhar as rezadeiras no atendimento de pessoas com a necessidade de mais de um atendimento, ou seja, com a prescrição de tratamento mais prolongado.

## 11. REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Águas (ANA). **Panorama da Qualidade das Águas Superficiais no Brasil**. Caderno de Recursos Hídricos 1. Brasília, DF, 2005.

AKINRULI, L. C. M. C., AKINRULI, S. A.. ANTROPOCENO, ARQUEOLOGIA E MEMÓRIA SOCIAL: A PANDEMIA DE COVID-19 COMO UM EVENTO CRÍTICO. **Antropoceno, Arqueologia e Memória Social: a pandemia de Covid-19 como um evento crítico**. Pelotas - RS. *Tessituras*, v. 8, nº 1, JAN-JUN 2020.

ALONSO, J. L. R. P.. Temores del Imperio: la Amazonia brasileña en el siglo XIX. **REB. Revista de Estudios Brasileños**, segundo semestre, volumen 1 - número 1 – 2014.

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A.. **Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. São Paulo: McGrawHill, 2006.

ALVES, J. E. D.. Crescimento demoeconômico no Antropoceno e negacionismo demográfico. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e 5942, maio de 2022. [DOI: 10.18617/liinc.v18i1.5942](https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5942)

ANDRADE, D. C., ROMEIRO, A. R.. Degradação Ambiental e Teoria Econômica: Algumas Reflexões sobre uma “Economia dos Ecossistemas”. **Economia**, Brasília - D), v. 12, n. 1, p. 3–26, jan/abr 2011.

ARENDDT, R. J. J.. Psicologia Comunitária: teoria e metodologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 10(1), 1997. Acesso em 22 de setembro, 2022, em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-79721997000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-79721997000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

ARENZ, K. H.. **A Teimosia da Pajelança: o Sistema Religioso dos Ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 2000.

BADKE, M. R., BUDÓ, M. de L. D., ALVIM, N. A. T., ZANETTI, G.D., HEISLER, E.V. . Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, Abr-Jun; 21(2): 363-70, 2012.

BARBIERI, E.. AMAZÔNIA E A SUSTENTABILIDADE DA SUA BIODIVERSIDADE. **REVISTA RELICÁRIO**, Uberlândia, v. 6, n. 12, jul./dez. 2019. ISSN 2358-8276.

BARROS, F. G. N., AMIN, M. M.. 2008. Água: um bem econômico de valor para o Brasil e o mundo. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 4, n. 1, Taubaté, SP, Brasil, 2008.

BAUMOL, W. J.. On the possibility of continuing expansion of finite resources. **Kyklos**, 39, 2, p. 167-179, 1986.

BENNETT, C. C., ANDERSON, L. S., COOPER, S., HASSOL, L. KLEIN, D. C., & ROSENBLUM, G. **Community Psychology: a report of the Boston Conference on the education of psychologists for community mental health**. Boston: Boston University Press. 1966.

BIRNIE, P.; BOYLE, A.. **International Law & the Environment**. Second edition. Oxford University Press Inc., New York, 2002.

BOFF, L.. **A Carta da Terra**. Global Manager. Revista do Curso de Administração da Faculdade da Serra Gaúcha, ano 6 – n°. 10, p. 79 - 90, Junho de 2006.

BOFF, L.. Nueva Era: la civilización planetaria: desafíos a la sociedad y el cristianismo. **Verbo Divino**, 1995.

BOFF, L.. **O coronavírus: a auto-defesa da própria Terra**. 2020. Disponível em: [<https://leonardoboff.wordpress.com/2020/03/23/o-coronavirus-a-auto-defesa-da-propria-terra/>](<https://leonardoboff.wordpress.com/2020/03/23/o-coronavirus-a-auto-defesa-da-propria-terra/>) Acesso em: 25.03.2020.

BOFF, L.. **San Francisco de Asís: Ternura y Vigor. Una lectura desde los pobres**. Santander: Sal Terrae, 1982.

BOFF, L.. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 2. Vozes, Petrópolis, 2013.

BRASIL. Lei Federal n.º 14.026, de 15 de julho de 2020. **Diário Oficial da União**: Edição 135, seção 1, pg 1, Brasília, DF, n.5, jul. 2020.

BRITO, N. B. do V.. Capitalismo, meio ambiente e bioética: é possível alcançar a sustentabilidade? **Revista Espaço Acadêmico**, Ano XVI, n° 190, março 2017. ISSN 15196186

CAMPOS, R.H.F. A Psicologia Social Comunitária. In: CAMPOS, R.H.F (Org.). **Psicologia Social Comunitária**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 09-16, 2007.

CARBONARI, F. I. **A gestão de recursos hídricos. Curso de Especialização em Gestão Ambiental. Faculdade de Engenharia Mecânica**. CETESB – CIA de Tec e San. Ambiental. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 1996.

CARNEIRO LEÃO, I. Z. C.; MAIA, D. M.. A Teoria de Gaia. **Revista Economia & Tecnologia**, [S.l.], v. 6, n. 2, jun. 2010. ISSN 2238-1988. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/ret/article/view/26995/18002>>. Acesso em: 29 ago. 2023. [DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ret.v6i2.26995>](<http://dx.doi.org/10.5380/ret.v6i2.26995>).

CENTENO, M. A., NAG, M., PATTERSON T. S., SHAVER, A., WINDAWI, A. J.N. . The Emergence of Global Systemic Risk. **The Annual Review of Sociology**, 41, 2015.

CHAGAS, M. C. C. , ANDRADE, M. G. de, COSTA, R. B. da ., PERRELLI, M. A. de S. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, Campo Grande-MS, n. 35, p. 207-224, dez. 2007.

CHAUMEIL, Jean-Pierre. **Ver, saber, poder: Chamanismo de los yagua de la Amazonía peruana**. Lima: IFEA/CAAAP/CAEA-CONICET, 1998.

Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). **Nosso Futuro Comum**. Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1988.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. “A canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se ingerar e os processos de adoecer em curar em Parintins (AM). 2017. 282f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017. Disponível em: . Acesso em: 03 abr 2022.

COSTA, A. F. S., TEIXEIRA, C. M., SILVA, C. S.; DO NASCIMENTO, J. A., OLIVEIRA, M. M., QUEIROZ, Y. de O., SILVA, M. de J. Recursos hídricos. **Caderno de Graduação - Ciências Exatas e Tecnológicas - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 67–73, 2012. Disponível em: [<https://periodicos.set.edu.br/cadernoexatas/article/view/201>](<https://periodicos.set.edu.br/cadernoexatas/article/view/201>). Acesso em: 18 ago. 2023.

COSTA, J. F. A.. Fazer para Transformar: a Psicologia Política das Comunidades de Maritza Montero. **PSICOLOGIA POLÍTICA**, v.15, n. 33, 2015.

COSTA, S. L. DA ., CARVALHO, E. N. de.. Agentes Comunitários de Saúde: agenciadores de encontros entre territórios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 11, p. 2931–2940, nov. 2012.

CRESWELL, J. W.. **Projeto de Pesquisa – Métodos Qualitativos, Quantitativos e Misto**. 3ª ed. Ed.Artmed. Tradução: Magda França Lopes, 2010.

CRUTZEN, P. J. **The “Anthropocene”**. In: Ehlers, E., Krafft, T. (eds) *Earth System Science in the Anthropocene*. Berlin, Heidelberg, 2006.

CRUZ, T. A.. **Um Estudo Comparado das Relações Ambientais de Mulheres da Floresta do Vale do Guaporé (Brasil) e do Mayombe (Angola) 1980 – 2010**. Tese de Doutorado do Programa de Pós - Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

DESCOLA, P.. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 23–45, abr. 1998.

DIAS, M. S. de L.. O legado de Martin-Baró: a questão da consciência Latino Americana. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 33, p. 11-22, jul. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2020000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 16 maio 2023).

DOHRENWEND, B. P., & DOHRENWEND, B. S.. **Social Status and Psychological Disorder**. New York: Wiley, 1969.

ELEUTÉRIO, C. M. S.. O diálogo entre saberes primevos, acadêmicos e escolares: potencializando a formação inicial de professores de química na Amazônia. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso, Rede de Ensino de Ciências e Matemática Cuiabá, 2015.

ELIADE, M.. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAVARO, Jean Filipe; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; RAMOS, João Daniel Dorneles. O povo das matas na rede do terreiro: firmando o ponto para os Caboclos da umbanda e da quimbanda. Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia - ReACT – 22 a 26 de novembro de 2021.

FERREIRA, M. I. P., SILVA, J. A. F., PINHEIRO, M. R. de C.. Recursos hídricos: água no mundo, no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro. **Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego**, v.2, n.2, Campos Goytacazes – RJ, 2008.

FERRETTI, M.. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

FERRETTI, M.. **Maranhão Encantado: Encantaria Maranhense e Outras Histórias**. São Luís: UEMA Editora, 2000.

FILHO, F. A.V., CARVALHO, L. G. de (Ed.) **Isso Tudo é Encantado** – Santarém: UFOPA, 126p.; il, 2013.

FIRMO, W. da C. A., MENEZES, V. de J. M., PASSOS, C. E. de C., DIAS, C. N., ALVES, L. P. L., DIAS, I. C. L. D., NETO, M. S., OLEA, R. S. G.. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. Especial, p. 90-95, 2011.

FOR, C. S. G. de.. Ecoespiritualidade: uma possibilidade pedagógica para o pensar. **Protestantismo em Revista** | São Leopoldo | v. 45, n. 02 | p. 64-72| Jul./dez. 2019.  
Disponível em:  
[<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>](<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 54a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2004.

GADELHA, C. S. , JUNIOR, V. M. P., BEZERRA, K. K.S., PEREIRA, B.B.M., MARACAJÁ, P.B. Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. Revista Verde (Mossoró – RN), v. 8, n. 5, p. 208 - 212, (Edição Especial) dezembro, 2013.

GIMPEL, J.. **La Révolution Industrielle du Moyen Age**. Éditions du Seuil, Paris, 1975.

GÓIS, C. W. de L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

GOMES, J. D. M.. Mocambos na Amazônia: história e identidade étnicoracial do Arari – Parintins/Amazonas. Dissertação do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, 150 f., 2017.

GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E. de A.. **Assim Se Benze em Minas Gerais: Um Estudo sobre a Cura Através da Palavra**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GONÇALVES, M. A., PORTUGAL, F. T. . Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 562-571, 2016.

GORZONI, P. Mulheres de Fé. **Raízes**. dez, 2005, p. 69-76. Disponível em:  
[<http://www.espacoacademico.com.br/069/69gorgor.htm>](<http://www.espacoacademico.com.br/069/69gorgor.htm>). Acesso em: 27 dez. 2022.

GUARESCHI, P.A. Relações comunitárias-relações de dominação. In: CAMPOS, R.H.F (Org.), **Psicologia Social Comunitária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 81-99.

GURIDI, R. **Ecoespiritualidade: Hacia un Nuevo Estilo de Vida**. Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.



HAUG, M. J.. Espíritos da Água: Nossa Senhora da Guia, Cuiabá-MT. **UNICIÊNCIAS**, v.9, 2005.

HOLLIVER, G. Uma antropologia que dança: algumas notas sobre paisagens de conceitos em Anna Tsing. **Anuário Antropológico**, v.45, n.3, 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mapa da Amazônia Legal sem Sedes 2022. Disponível em: [<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html>](<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html>) Acesso em: 14 de abril de 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Panorama do Censo 2022. Disponível em: [<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/pesquisa/10101/0>](<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/pesquisa/10101/0>) Acesso: 15/06/2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O Que é Amazônia Legal? Desafios do Desenvolvimento - A Revista de Informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Ano 5. Edição 44, 2008. Disponível em: [[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2154:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28)]([https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2154:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28)) Acesso em 08/02/2023.

JAPIASSU, H. **Questões Epistemológicas**. Editora: Imago. 173 p., 1981.

JÚNIOR, J. B. L., SILVA, A. R. P. da.. “Só ouvi essas vozes e estou cumprindo a minha sorte”: cura, fé e protagonismo feminino no Mocambo do Arari, Parintins, Amazonas. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 11, nº 2, p. 39-62, 2020.

JÚNIOR, J. C.; SILVA, I. R. da.. Sentidos atribuídos por médiuns espíritas à mediunidade dos povos originários em suas diferentes expressões: ampliando a consciência sobre os compromissos iluminativos com a Amazônia. Fundação Allan Kardec – FAK. 2023. Disponível em: [[https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mediunidade-Povos-Amazonicos\\_Versao-Final.pdf](https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mediunidade-Povos-Amazonicos_Versao-Final.pdf)]([https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mediunidade-Povos-Amazonicos\\_Versao-Final.pdf](https://www.faknet.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mediunidade-Povos-Amazonicos_Versao-Final.pdf))

JUNQUEIRA, C.. O mundo invisível. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Memória e Comunidade: Entre o Rio e a Floresta**. Belém: UFPa, 2000, p. 79-92.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos: Filosofia Espiritualista** / recebidos e coordenados por Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro]. – 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 526 p.; 2013.

KING, S. S.; RIBEIRO, R. I. **Exu e a Ordem do Universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2015.

LAMIM-GUEDES, V. Crise Ambiental, Sustentabilidade e Questões Socioambientais. **Ciência em Tela**, vol. 6, n.2, 2013.

LAMIM-GUEDES, V. Pegada Ecológica: Consumo de Recursos Naturais e Meio Ambiente. **Educação Ambiental em Ação**, v. 38, 2011.

LAMIM-GUEDES, V., MOL, M.P.G. Água e Resíduos Sólidos: Ambiente, Saúde e Bem-Estar Humano no Contexto do Antropoceno. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v.7, n.2, mai.-ago. 2018.

LANE, S. T. M.. Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil - Regina Helena de Freitas Campos (org.), In. **Psicologia Social Comunitária. Da Solidariedade à Autonomia**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1996.

LANE, S.T.M. Histórico e fundamentos da Psicologia comunitária no Brasil. In: R.H.F Campos (Org.), **Psicologia Social Comunitária** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.17-34.

LANE, S.T.M.; SAWAIA, B.B. **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LATOURETTE, B.. **Onde Aterrorizar? Como se Orientar Politicamente no Antropoceno?** Tradução Marcela Vieira; 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEAL, P. L. **Ecologia de Si, a Poesia das Estações da Vida: Histórias de Vida e Relações Terapêuticas de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde** / Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós - Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, 183 f. Salvador, 2021.

LEAL, P. L., GALEFFI, D. A.. **Ecologia de Si: Caminho de Consciência do Ser como Expressão da Natureza**. Bases Conceituais da Saúde 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): – Bases Conceituais da Saúde; v.4, Atena Editora, 2019.

LEAL, P. L.. **Ecologia de si, a poesia das estações da vida: histórias de vida e relações terapêuticas de práticas integrativas e complementares em saúde**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós- Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 183 f. 2021.

LEIGHTON, D. C., HARDING, J. S., MACKLIN, D. B., MACMILLAN, A. M.,; LEIGHTON, A. H. **The Character of Danger: Psychiatric Symptoms in Selected Communities**. New York: Basic Books, 1963.

LEITE, M. C. S. **Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, Paisagens e Mitos do Pantanal**. Cuiabá: Cathedral UNICEN Publicações, Col. Tibanaré de Estudos Matogrossenses, 156p., v. 4, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C.. **O Feiticeiro e Sua Magia: Antropologia Estrutural**. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIBERA, G.D., CALGARO, C., ROCHA, L. S.. A insustentável sustentabilidade do capitalismo. **Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas Santo Ângelo**, v. 20, n. 38, p. 137-155, set./dez. 2020. DOI: [http://dx.doi.org/10.31512/rdj.v20i38.162](http://dx.doi.org/10.31512/rdj.v20i38.162)

LOVELOCK, J. E. **Gaia: Alerta Final**. Tradução de Vera de Paula Assis, Jesus de Paula Assis. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2010.

LOVELOCK, J. E.. A vingança de Gaia. [Entrevista cedida]. **Revista Veja**, São Paulo, Edição 1979, atualizada em 2006. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=1390129](https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=1390129). Acesso em: 07 de junho de 2023.

LOVELOCK, J. E.. **Gaia: A Planetary Emergent Phenomenon**, in: Thompson W.I. *Gaia 2: Emergence The New Science of Becoming*. New York: Lindisfarne Association Inc. 1991.

LOVO, A. R.. O sonho é o lugar do futuro”: notas etnográficas sobre a “ciência pankararu” a partir das mulheres rezadeiras. **Encantarias e Encantados no Brasil: Pluralidade Conceitual e Diversidade Regional Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, Vol. 14, n.2, p.08-27, 2022.

MACHADO, R. F.. **As Folhas Vermelhas do Mangue**. Uma etnografia sobre mortos a morte e a maré em Matarandiba, (BA). Tese da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 230f. São Paulo, 2019.

MANDARINO, A. C.; GOMBERG, E.. “Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências”. **Textos de História**, v. 17, n. 1, p. 143-162, 2009.

MARQUARDT, B.. Historia de la Sostenibilidad. Un Conceito Medioambiental en la Historia de Europa Occidental (1000-2006). **História Crítica**, 32, 172-197, 2006.

MARTÍN-BARÓ, I. **Para Uma Psicologia da Libertação**. In: GUIZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (Orgs.). **Psicologia Social para a América Latina: O Resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP, Ed. Alínea, 2009.

MARTÍN-BARÓ, I. **Acción e Ideología: Psicología Social desde Centroamérica**. El Salvador: Editorial UCA, 1985.

MAUÉS, R. H. & VILLACORTA, G. M.. “Pajelança e Encantaria Amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004).

MAUÉS, R. H. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Um Estudo Antropológico numa Área do Interior da Amazônia**. Belem: Cejup, 1995.

MAUÉS, R. H. **Um Aspecto da Diversidade Cultural do Caboclo Amazônico: A Religião**. In: VIEIRA, Célia Guimarães et al., (Orgs.). **Diversidade Biológica da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2001, p 259-274.

MAUÉS, R. H. **Uma Outra “Invenção” da Amazônia**. Belém: Cejup, 1999.

MAUS, M.. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify. 2003.

MAY, R.. **Ética y Medio Ambiente: Hacia una Vida Sostenible**. San José Costa Rica: DEI, 2004.

MEKONNEN M. M, HOEKSTRA A. Y.. Four Billion People Facing Severe Water Scarcity. **Science Advances**, v. 2. 2016.

MONTEIRO, W.. “Suzy e o curupira”. In: \_\_\_\_\_. **Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia**. Nº 7 - Belém: Edições do Autor, 2005, pp. 11-14.

MONTERO, M. Desafios e perspectivas da psicologia da libertação. Considerações no final do século. **ECA: Estudos Centro-Americanos**, v.53 nº 601-602, pg.1123–1135, 1998. [<https://doi.org/10.51378/eca.v53i601-602.6335>](<https://doi.org/10.51378/eca.v53i601-602.6335>)

MONTERO, M. **Teoría y Práctica de la Psicología Comunitaria: La Tensión entre Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires, Paidós, 1ª ed., 3ª reimp., 200p., 2006.

MONTERO, M.. A construção psicossocial do tempo e a mudança social. **Orientação e Sociedade**, nº 2, p. 71–85, 2000. Recuperado de [https://revistas.unlp.edu.ar/OrientacionYSociedad/article/view/8240](https://revistas.unlp.edu.ar/OrientacionYSociedad/article/view/8240)

MONTERO, M.. **Introducción a la Psicología Comunitaria. Desarrollo, Conceptos y Procesos**. Editorial Paidós. Buenos Aires. Argentina. 1ª Edição, 2004.

MONTERO, M.. La psicología comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teóricos. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Fundación Universitaria Konrad Lorenz, Bogotá, Colombia, v. 16, n. 3, 1984.

MORAES, M. C.. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. In: **Revista Em Aberto**, Brasília, vol. 16. n.70, abr./jun. 1996.

MOUTINHO DOS SANTOS, E.. **Energia, Gás Natural & Sustentabilidade**. Tese (Livre Docência em Energia). Programa de Pós-Graduação em Energia. Instituto de Eletrotécnica e Energia (IEE). USP. São Paulo, 2004.

MURAD, A.. Ecoteologia: ciência da fé e espiritualidade. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 519-540, set./dez. 2020.

NARVAES, V. B. **AS CURAS: TRADIÇÃO ESCRITA NO CANDOMBLÉ**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Performance, cultura afro-brasileira. Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X) Rio de Janeiro 2006.

NESPOLI, G. et al. Por uma pedagogia do cuidado: reflexões e apontamentos com base na Educação Popular em Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e 200149, 2020.

Neves, S. M.; Bernardes, N. M. G. (2008). **Psicologia Social e Comunidade**. In M. S. Neves (Org.), **Psicologia Social Contemporânea** (11ª ed., pp. 241-255). Petrópolis, RJ: Vozes.

NONATO, A. A. de M. P. de L. **De Parintins para todo mundo ver os velhos da Amazônia**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 262-285, Maio, 2019.

OLIVEIRA, É. C. S. de; TROVÃO, D. M. de B. M.. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, jul. / set. 2009. [http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1138](http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1138)

OLIVEIRA, J. E. S. de. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre a herança cultural, a modernidade e os rituais de cura**. Dissertação do programa de Pós-graduação e pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão - Sergipe, 92p., 2014.

**Organização das Nações Unidas (UNESCO)**. Relatório Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento dos Recursos Hídricos 2023: parcerias e cooperação para a água; fatos, dados e exemplos de ação. UNESCO, 2023.

**Organização das Nações Unidas (UNESCO)**. The United Nations world water development report 2018: nature-based solutions for water. 2018.

O'SULLIVAN, J. The social and environmental influences of population growth rate and demographic pressure deserve greater attention in ecological economics, **Ecological Economics**, v.172, 2020.

OYĚWÙMÍ, O.. “Matrilinearity: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions”. In: **What Gender is Motherhood?** Tradução didática de Wanderson Flor do Nascimento. Nova Iorque: Palgrave Macmillan , p. 57-92., 2016.

PEREIRA, A. L. da C.. **A festa da Princesa Mariana: a dança revelando a “Turquia cabocla” na Amazônia**. In: **Proa: Revista de Antropologia e Arte**. Campinas: Unicamp, v. 2, n. 8, 2014. pp. 67-87. Disponível em [\[https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/download/3117/2580/\]](https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/download/3117/2580/)(<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/download/3117/2580/>). Acesso em 08/06/2022.

PIELOU, E.C. **Fresh Water**. The University of Chicago Press. 275 pp. 1998.

PINTO, L. N.. **Plantas medicinais utilizadas em comunidades do município de Igarapé Mirim, Pará: Etnofarmácia do município de Igarapé-Mirim - PA**. Dissertação (Mestrado em Agricultras Amazônicas) - Universidade Federal do Pará, Pará. 112p., 2008.

PIZZI, B. P., GONÇALVES, M. A.. Reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a tarefa de transformação social na obra de Martín-Baró e na Psicologia Social Comunitária. **Teoría y Crítica de la Psicología** n.6, 162-195, 2015. [\[http://www.teocripsi.com/ojs/\]](http://www.teocripsi.com/ojs/)(<http://www.teocripsi.com/ojs/>) (ISSN: 2116-3480).

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). **A água para lá da escassez: poder, pobreza e a crise mundial da água**. Relatório do Desenvolvimento Humano, 2006.

RANGEL, M. C.; GOMBERG, E.. “A água no candomblé: a relação homem-natureza e a geografia do espaço mítico”. **Geografia**, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016.

RECH, H. T. Espiritualidade Ecológica O caminho do coração. **Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio / Brasil**. Atualidade Teológica, Ano XV nº 37, janeiro a abril/2011.

ROSA, A. L. da.. **A ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA EM LEONARDO BOFF**. IV Simpósio do Mestrado em Ciências das Religiões, v.3, n.º. 1, 2016.

SALLES, V.. **Os mocambeiros e outros ensaios**. Belém: IAP, 2013.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, 2015.

SANTOS, F. V. dos.. **O caso das rezadeiras evangélicas: uma breve reflexão sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta (RN)**. Protestantismo em revista. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP)** da Escola Superior de Teologia Volume 13, mai.-ago. de 2007. Disponível na Internet: [<http://www3.est.edu.br/nepp>](<http://www3.est.edu.br/nepp>)

SCHWARTZ-SALANT, N.. **La relazione. Psicologia, clinica e terapia dei campi interattivi**. Milão: Vivarium, 2002.

SETTI, A. A., LIMA, J. E. F. W., CHAVES, A. G. de M., PEREIRA, I. de C.. **Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos / 2ª ed.** – Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica, Superintendência de Estudos e Informações Hidrológicas, 2000. 207 p. : il. ; 23 cm.

SHAH, E., LIEBRAND, J., VOS, J., VELDWISCH, G.J.; BOELEN, R.. The UN World Water Development Report 2016, Water and Jobs: A Critical Review. **Development and Change**, v.49, 2018.  
[<https://doi.org/10.1111/dech.12395>](<https://doi.org/10.1111/dech.12395>)

SILVA P.H., OLIVEIRA Y.R., ABREU M.C.. Entre Símbolos, mistérios e a cura: Plantas Místicas dos Quintais de Uma Comunidade Rural Piauiense. **Gaia Scientia**. 2018;12(1):1–16.

SILVA, A. C. da, LOBATO, F. H. S., RAVENA-CANETE, V.. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** | Belém, 11(3), 113-136, set. – dez., 2019.

SILVA, C. M. M. da.. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia**. Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus, 176f., 2009.

SILVA, C. M., ARBILLA, G.. Antropoceno: Os Desafios de um Novo Mundo. **Rev. Virtual Quim.** 10 (6), 2018.

SILVA, G.. **Santos e Encantados da Amazônia; os espíritos da natureza**. XVI Encontro Regional de História – ANPUH RIO – Saberes e Práticas Científicas de 28/07 a 01/08 de 2014. **Anais do XVI ENCONTRO REGIONAL de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas**. ISBN 978.85.65.957.03.8.

SILVA, V. G. da.. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 150-175, setembro/novembro 2005.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOUZA, M. **História da Amazônia**. Editora Record, 1ª edição. Rio de Janeiro - São Paulo, 2019.

SROLE, L., LANGNER, T. S., MICHAEL, S. T., OPLER, M. K., & RENNIE, T. A. C.. **Mental health in metropolis: The midtown Manhattan study**. New York: McGraw-Hill, 1962.

TAKEITI, B. A., COSTA, S.L., PARDO, C. R., GUERRA, C. T., MIRANDA, C.. **Psicossociologia desde a América Latina**. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 16, n. 2, p. 1-8, jun. 2021. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082021000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 31 jul. 2023.

TUVERI, G. B.. Resenha de Raymundo Heraldo Maués e as linguagens da religião no contexto amazônico. **Revista TERCEIRA MARGEM**, vol. 2. n. 6. jan/jul.2016 Amazônia.

VAZ, F. A.(Coord.). **Levantamento Sócio-Econômico e Populacional (Área Proposta para a Criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns)**. Brasília: CNPT/IBAMA,. 124 p., 1998.

VIEIRA-SILVA, M.. **Práticas em psicologia comunitária e processos de mobilização social: provocações para um debate**. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 292-300, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 abr. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E.. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. **Mana**, Vol. 2, N. 2, , p. 115-144, outubro de 1996.

XIMENES, V. M., LEMOS, E.C., SILVA, A.M.S.S., ABREU, M.K. de A., FILHO, C.E.E., GOMES, L.M.. **Saúde Comunitária e Psicologia Comunitária:: suas contribuições às metodologias participativas**. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 4-13, dez. 2017.



Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 mar. 2023.  
<http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200161>.

## 12. ANEXOS

### 12.1. PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Narrativas, escuta sensível, lugares (e não-lugares) da espiritualidade nos cuidados da vida e psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral.

**Pesquisador:** Margareth Alves Pontes

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 61123322.6.0000.5582

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.661.801

##### Apresentação do Projeto:

A pesquisadora nos apresenta o projeto com os seguintes termos:

"Rezadeiras são mulheres que rezam as pessoas para cuidar dos males do corpo e da alma, por meio de rezas, banhos de ervas, chás, emplastos, garrafadas com ervas e cascas de árvores, assim como também banha, pelos e ossos de alguns animais. Esta pesquisa tem como objetivo identificar a relação que as mulheres rezadeiras de duas agrovilas do interior do Amazonas têm com a mata, com as ervas, com os animais, com os encantados e com a própria comunidade. Será utilizada a perspectiva teórico metodológica da psicossociologia e da pesquisa qualitativa, o método de narrativas temáticas de memória de vida. O estilo de redação narrativo e literal foi escolhido para valorizar a fala das rezadeiras da pesquisa, falas estas que serão destacadas com grife, em itálico e entre aspas, produzindo um texto mais fluído, que não deverá limitar o público-leitor. (...) As mulheres que participarão desta pesquisa serão mulheres residentes nestas agrovilas, maiores de idade, participantes ou não de religiões e sem problemas de saúde mental".

##### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30  
**Bairro:** URCA **CEP:** 22.290-240  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.661.801

•Identificar a relação que as mulheres rezadeiras das agrovilas do Mocambo do Arari e do Caburí têm com a mata, com as ervas, com os animais, com os encantados e com a própria comunidade.

Objetivo Secundário:

- Coletar relatos e histórias de vida de como as mulheres rezadeiras iniciaram o interesse pelas plantas, animais e encantados;
- Identificar como ocorre a comunicação das mulheres rezadeiras com a espiritualidade;
- Identificar como ocorre a coleta e o preparo dos materiais que serão utilizados para os tratamentos;
- Identificar o papel das rezadeiras na comunidade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora apresenta os seguintes riscos e benefícios:

Riscos:

Devido ao fato que só será abordado o que as rezadeiras quiserem relatar e compartilhar, é suposto que os riscos que a pesquisa possa oferecer sejam mínimos.

Benefícios:

fortalecimento das atividades das rezadeiras, na valorização epistêmica de seus conhecimentos, do reconhecimento comunitário sobre a importância das rezadeiras como sujeitos que perpetuam os saberes dos ancestrais das comunidades das agrovilas do Mocambo do Arari e do Caburí. Além de contribuir para o desenvolvimento de futuras pesquisas científicas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Em que pese não ser objeto do presente Comitê de Ética e Pesquisa sobre temas para além dos aspectos éticos da pesquisa, há que se dizer que se trata de pesquisa relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora contemplou a recomendação proposta no relatório anterior acerca da alteração da nomenclatura para RCLE, faltando apenas o prazo de armazenagem, e acresceu a pendência sobre o CEP-CFCH.

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.661.801

**Recomendações:**

1. Acrescer o prazo de 5 (cinco) anos de armazenamento dos dados da pesquisa, bem como local em que será guardado.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1981127.pdf	05/09/2022 02:09:13		Aceito
Cronograma	Cronogramadepesquisa.pdf	05/09/2022 02:08:13	Margareth Alves Pontes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodoutorado21062022atualizado.pdf	05/09/2022 02:02:36	Margareth Alves Pontes	Aceito
Outros	REGISTRODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO5.pdf	05/09/2022 01:37:29	Margareth Alves Pontes	Aceito
Declaração de concordância	AutorizacaodasRezadeirasAssinada.pdf	09/07/2022 00:53:07	Margareth Alves Pontes	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoassinadaDOUTORADO2022.pdf	09/07/2022 00:47:42	Margareth Alves Pontes	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 23 de Setembro de 2022

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:**  
**ERIMALDO MATIAS NICACIO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30  
**Bairro:** URCA **CEP:** 22.290-240  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

## 12.2. REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RCLE

### REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RCLE

#### (AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA)

### REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RCLE

Eu, (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, documento de identidade)

---

\_\_\_\_\_, estou sendo convidada a participar de um estudo denominado Narrativas, escuta sensível, lugares ( e não lugares) da espiritualidade nos cuidados da vida psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral pelas mãos das rezadeiras de Mocambo do Arari – AM, cujo objetivo principal é identificar, junto com as mulheres rezadeiras do Mocambo do Arari, em Parintins (AM), como narram suas trajetórias na relação com a reza. A minha participação no referido estudo será no sentido de contribuir com minha experiência e trajetória como rezadeira por meio de entrevistas e depoimentos abertos que serão gravados pelo pesquisador, cuja informação será transcrita e analisada exclusivamente pela equipe de pesquisa para fins acadêmicos. Estou ciente que posso levar para a entrevista quaisquer objetos, documentos, fotos, imagens, recortes, entre outros tipos, que tenham relação com a minha participação e façam sentido para mim. Este material não ficará em posse do pesquisador e sairei da entrevista com ele e uma cópia ficará para o arquivo da pesquisa. Minha participação é voluntária e minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Respeitando esta privacidade, autorizo que a pesquisa faça parte de outros estudos desenvolvidos pelo pesquisador, assim como apresentação em seminários, palestras, congressos. Fui alertado/a de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como o reconhecimento de relações e redes que favorecem a socialização e participação social como rezadeira na Agrovila do Mocambo do Arari. Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, se me incomodar ou decidir omitir alguma informação sobre minha condição de rezadeira, sobre minhas relações próximas ou dinâmicas pessoais com a comunidade, eu terei a opção de que sejam omitidas. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são: Margareth Alves Pontes, Doutoranda do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social- Eicos/UFRJ e a Prof<sup>ª</sup> Orientadora Dra. Samira Costa Lima - Programa Eicos/UFRJ e com elas poderei manter contato pelos telefones 92- 99496-2582 e pelo email: margareth.nei.2018@gmail.com É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando

totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Ratifico que foi-me entregue uma cópia deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE e em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (21) 3938-5167 ou mandar um email [cep.cfch@gmail.com](mailto:cep.cfch@gmail.com). Conforme a previsão das resoluções do Conselho Nacional de Saúde - CNS nº 466 de 2012 e nº510 de 2016, o Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

Mocambo do Arari, de de 2022.

---

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa                      Nome e assinatura da pesquisadora  
(responsáveis)

**Contato do Comitê de Ética em Pesquisa:**

Prédio da Decania do CFCH,

Av. Pasteur, 250, 3o. andar, sala 40, Urca,

Rio de Janeiro/RJ – 22290-240 Tel.: (21) 39385167

Email: [cep.cfch@gmail.com](mailto:cep.cfch@gmail.com)

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – Brasília/DF

Tel.: (61) 33155878 Email: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

**Contato da pesquisadora:**

Rua Simão Bolívar, 457 apto 1101

Centro – Manaus- AM – CEP 69.010-130.

Tel: (92)99496-2582. Email: [margareth.nei.2018@gmail.com](mailto:margareth.nei.2018@gmail.com)